

REFERENCIAL PEDAGÓGICO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



Realização



FICHA TÉCNICA

Instituições idealizadoras da iniciativa

Fundação Lemann
Instituto Gesto & Votor Brasil
Instituto Natura
Instituto Reúna
Instituto Sonho Grande
Itaú Social

Coordenação técnico-pedagógica

Cynthia Sanches
Filomena Siqueira
Isabella Fernanda Felix
Katia Stocco Smole
Priscila Santos de Oliveira
Stefanny Lopes Fernandes

Concepção técnico-pedagógica

Instituto Reúna

Produção de conteúdo

Carolina Miranda
Cynthia Sanches
Gabriela Zelice
Rafaela Lima

Comitê consultivo da iniciativa

Ana Paula Pereira
Caio Becsi Valiengo
Cláudia Sintoni
Haline Floriano
Ivan Brant
Katia Stocco Smole
Lucas Machado Rocha
Maria Slemenson
Natasha Almeida Macedo
Patricia Mota Guedes
Sonia Dias
Vinicius Hojo

Especialistas

Anna Penido - Educação Integral e Cultura das Adolescências
Cynthia Sanches - Educação Integral
Débora Garofalo - Tecnologias Educacionais
Edson Kayapó - Educação Étnico-Racial
e Educação Indígena
Gabriela Zelice - Recomposição das Aprendizagens
Katia Chedid - Neurociência e Educação
Lara Rocha - Educação das Relações Étnico-Raciais,
Linguagens e Literatura
Mayana Nunes - Educação Étnico-Racial, Equidade Racial e
Ciências Humanas
Natalia Rocha - Educação e Cultura do Acesso

Grupo de trabalho pedagógico

Alex Moreira Roberto
Anna Carolina Lousa
Caio Becsi Valiengo
Catherina Rigato
Cecilia Galli
Cynthia Sanches
Daniel Cordeiro
Fernanda de Andrade Santos
Filomena Siqueira
Franci Alves
Graziela Santos
Haline Floriano
Henrique Medeiros
Isabella Fernanda Felix
Ivan Brant
Juliana Yade
Letícia Brandão
Luci Ferraz
Maria Medeiros
Natasha Almeida Macedo
Priscila Santos de Oliveira
Stefanny Lopes Fernandes
Vinicius Hojo

Edição de texto

Marília Rocha
Rafaela Lima

Cotejo

Beatriz Simões

Diagramação

Greyce Kelly do Nascimento Oliveira

Apresentação

Boas-vindas à publicação **Referencial Pedagógico de Educação Integral para os Anos Finais do Ensino Fundamental**. Este documento tem como objetivo apresentar a você, que atua na gestão e/ou na formulação e implementação de políticas públicas educacionais, um referencial pedagógico para os Anos Finais do Ensino Fundamental orientado pelas normativas que direcionam esta etapa no país: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996), Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos (Resolução CNE-CEB nº7/2010) e Base Nacional Comum Curricular (2018). Ele está estruturado de forma a evidenciar as principais características e prioridades da escola pensada e construída para os adolescentes, com real participação de toda a comunidade escolar e dos estudantes, de qualquer território, orientação sexual, raça, etnia, cultura, com e sem deficiência.

Essa etapa da Educação Básica apresenta possibilidades ímpares para potencializar o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando as características das adolescências com relação aos aspectos físico, emocional, intelectual, social e cultural. Entre essas oportunidades, está a de fortalecer o engajamento do estudante com a escola, para que se mantenha motivado ao longo de toda a Educação Básica, especialmente em um período que acaba apresentando maior risco de desinteresse, evasão e abandono escolar. Além disso, é uma etapa estratégica para articular a qualidade de oferta educacional e a equidade na aprendizagem.

O referencial foi elaborado a partir da experiência de diferentes especialistas e profissionais que atuam nesta etapa de ensino e com base em estudos atualizados de áreas como a pedagogia, a psicologia e a neurociência, que apontam quem são os adolescentes, o que vivenciam nesta fase da vida e de que formas sua aprendizagem e desenvolvimento podem ser potencializados, além de pesquisas e entrevistas que buscaram ouvir as percepções que eles têm sobre a relação com escola e o aprendizado, bem como as suas expectativas sobre o futuro.

Este documento aponta como a integração das diferentes áreas do conhecimento e a identificação e recomposição das aprendizagens que não foram desenvolvidas e consolidadas pelos estudantes, aliadas a um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, podem promover o aprendizado significativo e estimular o desenvolvimento pleno dos adolescentes. Além disso, são apresentadas estratégias práticas para implementar a educação integral nos Anos Finais do Ensino Fundamental, desde o currículo escolar até a formação de professores, passando pela escolha de metodologias de ensino e pela participação ativa de familiares e da comunidade. Para que seja colocado em prática, este referencial sugere, ainda, propostas de matrizes curriculares para escolas de tempo parcial (25h/semanais) e integral (45h/semanais e 35h/semanais). A arquitetura proposta e suas matrizes estão acessíveis em documento complementar.

Assim, este documento pretende apoiar as redes de ensino a ressignificar a jornada escolar dos estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, respeitando as especificidades de cada território educativo e considerando dados, estudos e pesquisas relacionados aos Anos Finais e às adolescências.

A educação continua sendo uma estratégia poderosa para reduzir as desigualdades sociais e garantir oportunidades e equidade. Por isso, o convite é para que você embarque nesta jornada com abertura para conhecer e pensar em novas perspectivas, tendo em vista ações que transformam e ampliam as possibilidades vivenciadas pelos adolescentes em suas trajetórias escolares.

Boa leitura!

POR QUE UM REFERENCIAL PEDAGÓGICO VOLTADO AOS ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL?



§ 1º O Ensino Fundamental deve comprometer-se com uma educação com qualidade social, igualmente entendida como direito humano.

§ 2º A educação de qualidade, como um direito fundamental, é, antes de tudo, relevante, pertinente e equitativa.

I – A relevância reporta-se à promoção de aprendizagens significativas do ponto de vista das exigências sociais e de desenvolvimento pessoal.

II – A pertinência refere-se à possibilidade de atender às necessidades e às características dos estudantes de diversos contextos sociais e culturais e com diferentes capacidades e interesses.

III – A equidade alude à importância de tratar de forma diferenciada o que se apresenta como desigual no ponto de partida, com vistas a obter desenvolvimento e aprendizagens equiparáveis, assegurando a todos a igualdade de direito à educação.*¹

*¹Resolução CNE-CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, p. 130.

POR QUE UM REFERENCIAL PEDAGÓGICO VOLTADO AOS ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL?

PORQUE É PRECISO PENSAR NAS CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DESTA ETAPA

Os Anos Finais do Ensino Fundamental constituem uma etapa da Educação Básica e da vida do estudante que apresenta **duas grandes e significativas janelas de oportunidades**.

A primeira janela de oportunidades diz respeito ao **momento singular de desenvolvimento físico, emocional, intelectual, social e cultural que acontece durante o período da adolescência**, vivido de maneira diversa e plural, a partir dos contextos e experiências de cada pessoa, em razão de marcadores de raça, gênero, sexualidade, classe, condições de deficiência, entre outros.

A segunda delas diz respeito à oportunidade de **desenhar e implementar políticas públicas voltadas às especificidades dos Anos Finais, que subsidiem a construção de uma escola que faça sentido para o estudante adolescente**, dialogando com seus interesses, realidades e promovendo, de fato, sua aprendizagem e desenvolvimento integral. Os quatro anos desta etapa não podem ser vistos apenas como extensão dos Anos Iniciais ou uma ponte para o Ensino Médio. É preciso que os Anos Finais tenham uma identidade própria e uma missão bem definida.

Atualmente, as ciências da aprendizagem, baseadas em estudos da neurociência, têm relacionado o desenvolvimento do cérebro e de suas potencialidades às práticas pedagógicas mais efetivas e eficazes. Pensar e construir uma escola dos e para os adolescentes envolve compreender o que acontece no sistema cognitivo e corpo do adolescente e suas implicações no campo educacional. Ao mesmo tempo, deve considerar o que acontece com este estudante do ponto de vista social e cultural, dialogando diretamente com seu contexto, experiências, interesses e vivências cotidianas.

Assim, é fundamental que os conhecimentos disponíveis sobre o desenvolvimento dos adolescentes e as culturas juvenis cheguem às escolas e salas de aula, apoiando a organização dos processos educacionais nelas praticados, compondo com os saberes e experiências dos profissionais da educação. **Em outras palavras, é importante tornar acessíveis os conhecimentos sobre como os adolescentes aprendem, estabelecem relações sociais, constroem suas identidades e tomam decisões, além das estratégias para promover a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento integral.**



ADOLESCÊNCIAS: UMA VIVÊNCIA PLURAL

É importante destacar que embora a adolescência seja uma etapa do desenvolvimento humano, há diferentes modos de vivê-la. Gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência e regionalidade são alguns dos marcadores sociais que atravessam os adolescentes, constituem as suas diferenças e impactam nas experiências que eles terão durante essa etapa. Por seu caráter plural e democrático, como indica a Constituição Federal de 1988, a escola é um dos locais em que essas diferenças se apresentam. Por isso, um olhar interseccional possibilita à equipe pedagógica compreender as opressões que afetam os estudantes, e planejar com intencionalidade processos de ensino e de aprendizagem que possibilitem a superação das desigualdades e o avanço de direitos. A equipe escolar precisa estar atenta às diferenças que existem entre os adolescentes e acolher cada um em sua diversidade. Os estudantes com deficiência, por exemplo, também passam pela adolescência, cada um da sua forma e em seu ritmo, e precisam ter garantido o direito de terem suas etapas de vida reconhecidas. Neste sentido, mesmo no caso de estudantes que possuem alguma deficiência cognitiva ou algum tipo de paralisia, precisando de assistência de profissionais especializados, é importante que familiares, tutores e professores possam enxergá-los como adolescentes, deixando de tratá-los de uma maneira mais infantilizada do que tratam outros estudantes da mesma idade.

OS ESTUDANTES DOS ANOS FINAIS: MUDANÇAS E TRANSIÇÕES

Os estudantes que ingressam no 6º ano passam por uma mudança significativa na jornada escolar, acompanhada de mudanças e transições físicas e culturais bastante importantes.

DE	PARA
Desenvolvimento da capacidade cognitiva de representação	Desenvolvimento da capacidade cognitiva de abstração
Corpo infantil	"Estirão" e maturação da sexualidade
Família possui grande influência	Pares passam a ter grande influência
Relações de dependência com adultos	Relações de colaboração e autonomia com adultos
Rotinas e hábitos conhecidos	Novas rotinas e maior autogestão para lidar com as múltiplas tarefas
Menor diferenciação de componentes curriculares	Maior diferenciação de componentes curriculares
Professor de referência	Diversos professores especialistas

PORQUE É PRECISO RESPONDER AOS DESAFIOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

É importante considerar que as evidências apontam para um cenário bastante desafiador nos Anos Finais do Fundamental. São altos os índices de evasão, abandono, reprovação e, também, uma expressiva queda de desempenho escolar em comparação à etapa anterior.

ANOS FINAIS

EM NÚMEROS

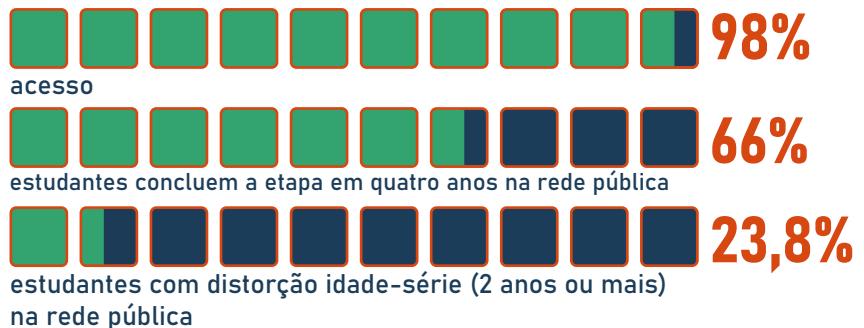
2021

São 12 milhões de matrículas nos Anos Finais do Ensino Fundamental no Brasil



53% REDE MUNICIPAL **47%** REDE ESTADUAL

A divisão de matrículas entre estados e municípios contribui para a despersonalização da etapa e amplia os desafios de gestão



APRENDIZAGEM

Porcentagem de estudantes no nível de proficiência adequada em Língua Portuguesa e Matemática (2021)

	LP	MAT
5º ANO	51%	37%
9º ANO	35%	15%



Estudos apontam o papel que o desempenho escolar nos Anos Finais exerce nas taxas de abandono e evasão escolar, ligadas à decisão de ingresso do aluno no Ensino Médio

ALUNOS DE BAIXO NÍVEL SOCIOECONÔMICO	ALUNOS DE ALTO NÍVEL SOCIOECONÔMICO
28% com proficiência adequada em LP*	55% com proficiência adequada em LP*
13% com proficiência adequada em MAT**	37% com proficiência adequada em MAT**
ALUNOS NEGROS	ALUNOS BRANCOS
27% com proficiência adequada em LP*	46% com proficiência adequada em LP*
12% com proficiência adequada em MAT**	26% com proficiência adequada em MAT**

* Língua Portuguesa

** Matemática

Fontes: Censo Escolar (2021), <https://qedu.org.br/brasil/aprendizado>, Taxa de distorção idade-série, QEDu - Distorção idade-série

Os dados mostram que a escola não está possibilitando que os estudantes aprendam o que é esperado. Então, o que acontece entre o 6º e o 9º ano – tanto na vida dos estudantes, quanto na organização curricular e escolar – que explica esses dados e indica a importância de uma atuação focada nesta etapa?

AS DESIGUALDADES

Um fator bastante evidenciado nos números acima é o impacto da desigualdade de oportunidades. Os estudantes mais pobres têm índices de aprendizagem consideravelmente menores, bem como meninas e meninos negros (dados consolidados da Prova Brasil de 2007 a 2019)¹. As estatísticas apontam, ainda, que sete em cada dez estudantes que abandonaram a escola em 2022 eram pretos e pardos (dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua: Educação 2022). Meninas e meninos negros também têm índices de aprendizagem menores em comparação às meninas e meninos brancos.

Essa desigualdade é resultado do racismo estrutural que afeta a população negra, que enfrenta piores condições econômicas e sociais em relação aos brancos. Outro aspecto que contribui para tal defasagem está nos estereótipos negativos associados aos alunos negros, o que impacta sua autoestima e, consequentemente, sua aprendizagem.

¹ Disponível em: <https://www.acessa.com/noticias/2023/07/158144-piora-desigualdade-educacional-entre-negros-e-brancos-apesar-de-melhora-media-de-aprendizado.html>. Acesso em 29 ago. 2023.

Vale destacar que, ainda que as meninas em geral sejam menos incentivadas nas áreas relacionadas aos conhecimentos de exatas, meninas negras têm os mais baixos resultados de aprendizagem em Matemática ao final do Ensino Fundamental (dados consolidados da Prova Brasil de 2007 a 2017)². Ou seja: desigualdades de raça e gênero se cruzam, fazendo com que meninas negras enfrentem barreiras de acesso à educação relacionadas ao racismo e ao machismo, concomitantemente.

ABISMO DIGITAL

Apesar do aumento da conectividade no Brasil nos últimos anos, ainda existem disparidades significativas, como ausência de conectividade em casa para 71% dos estudantes que cursam a Educação Básica na rede pública de ensino. É isso que mostra um estudo realizado em 2022, pela empresa de consultoria PwC. A pesquisa revela que a falta de infraestrutura adequada – como acesso à internet de qualidade – é um dos principais obstáculos para a inclusão digital. Além disso, questões socioeconômicas, como renda e educação, também influenciam no acesso e na capacidade de aproveitar os benefícios das tecnologias digitais. Esse “abismo digital” brasileiro representa um desafio para a igualdade de oportunidades, o desenvolvimento econômico e a participação cidadã, destacando a necessidade de políticas públicas e investimentos que promovam a inclusão digital e reduzam as disparidades existentes.

Outro aspecto que merece ser mencionado é o efeito da LGBTQfobia na produção de desigualdades educacionais. Dossiê³ de 2022 da ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil indica que 72% das pessoas trans não completaram o Ensino Médio e 56% não possuem o Ensino Fundamental completo. A rejeição da família e da comunidade escolar às transformações físicas e psicológicas vividas por tais pessoas contribui para que abandonem a escola, o que ocasiona impactos em toda a sua trajetória. As vulnerabilidades enfrentadas têm, por fim, um efeito de extrema gravidade: a expectativa de vida para a população trans é de 35 anos, segundo o dossiê.

É preciso considerar o racismo estrutural⁴, o machismo, a LGBTQfobia e o capacitismo (práticas de preconceito contra pessoas com deficiência) como elementos que contribuem para que os alunos não se sintam conectados à escola nem vejam sentido em seguir sua jornada escolar em um contexto de preconceito e marginalização. Isso repercute no engajamento dos estudantes com a escola, na criação de sentidos, na construção de suas identidades e interfere na aprendizagem, sendo imprescindível promover ações que possam acolhê-los em suas especificidades.

²Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/dialogos-publicos/2022/05/26/desigualdades-educacionais-no-brasil-genero-raca-e-nivel-socioeconomico.htm>. Acesso em 29 ago. 2023.

³Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em 29 ago. 2023.

⁴Na dimensão estrutural, o jurista Silvio Almeida elucida que as instituições somente são racistas, porque a sociedade também o é, ou seja, as estruturas que solidificam a ordem jurídica, política e econômica validam a autopreservação entre brancos, bem como a manutenção de privilégios, uma vez que criam condições para a prosperidade de apenas um grupo. Como resultado, as instituições externam violentamente o racismo de forma cotidiana.

DESIGUALDADES E DEFASAGENS EDUCACIONAIS HISTÓRICAS E AGRAVADAS COM A PANDEMIA

Diversos estudos recentes indicam que os adolescentes tiveram os desafios de suas trajetórias educacionais muito agravados pela pandemia. Os principais problemas identificados são os efeitos psíquicos decorrentes do período de isolamento social; o maior esgarçamento da conexão entre o adolescente e a escola; além do aprofundamento das defasagens de aprendizagem. No pós-pandemia, eles também vêm se queixando, de forma mais aguda, da falta de sentidos políticos e existenciais para as atividades escolares⁽¹⁾. O neurodesenvolvimento do adolescente também foi negativamente impactado.

	<p>A perda de aprendizagens dos estudantes da Educação Básica na pandemia equivale a dez meses de aula. Estudantes em situação de vulnerabilidade social aprenderam 50% menos que os demais em 2020⁽²⁾.</p>
	<p>Em cada quatro adolescentes matriculados na escola em 2022, um não frequentou as aulas⁽³⁾.</p>
	<p>Estudos internacionais indicam que, em função das situações de tensão e estresse, da diminuição das interações e do aumento das vulnerabilidades sociais, a pandemia afetou negativamente, de modo geral, a saúde mental (originando e/ou agravando, em especial, quadros de ansiedade e depressão) e o neurodesenvolvimento dos adolescentes, que tiveram um envelhecimento cerebral acelerado⁽⁴⁾.</p>

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Veja o exemplo da EEM Dep. Joaquim Figueiredo Correia (CE), que conseguiu desenvolver estratégias para combater o preconceito e discriminação de raça e classe na escola. Neste vídeo, o diretor Marcos Lima conta como isso foi feito: <https://www.youtube.com/watch?v=81KLFzZx80o>.

⁽¹⁾ Os aspectos aqui observados foram extraídos de pesquisa qualitativa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG (cujos resultados preliminares estão no link: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/5338/10366/10897>) e das pesquisas mencionadas nas notas a seguir.

⁽²⁾ Nota técnica publicada em 2022 pelo Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais da UFRJ em parceria com a Fundação Lemann. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf.

⁽³⁾ Dados do IBGE. Disponíveis em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8100b-5c6e47300b5b9596ced07156eda.pdf.

⁽⁴⁾ Dados extraídos de dois abrangentes estudos: um publicado pela Society of Biological Psychiatry em 2022 (disponível em: [https://www.bpsgos.org/article/S2667-1743\(22\)00142-2/fulltext](https://www.bpsgos.org/article/S2667-1743(22)00142-2/fulltext)); e outro realizado por pesquisadores das instituições holandesas Erasmus University Rotterdam e Leiden Institute for Brain and Cognition, publicado em 2023 (disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-023-32754-7>).

A FALTA DE CONEXÃO ENTRE A ESCOLA E O ESTUDANTE

A conexão do estudante com a escola vai se perdendo ao longo do percurso do Ensino Fundamental. Segundo dados do IBGE⁵, em 2022, quase um terço dos jovens brasileiros havia abandonado os estudos sem concluir essa etapa de ensino. Em pesquisas⁶ e escutas também realizadas em 2022, eles próprios apontaram diversas questões por trás dessa desconexão, sintetizadas no infográfico a seguir.

ADOLESCENTES

O QUE PENSAM SOBRE A ESCOLA?



74% QUEREM ESPAÇO PARA FALAR DE SENTIMENTOS



38% ACHAM DESINTERESSANTE



49% QUEREM ATIVIDADES QUE ENVOLVAM A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA

82% QUEREM PROFESSORES TUTORES QUE OS ACOMPANHEM DE PERTO

35% NÃO SE SENTEM ACOLHIDOS

51% ACHAM QUE A TECNOLOGIA NÃO PODE ESTAR RESTRITA AO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA

89% QUEREM ATIVIDADES QUE FAVOREÇAM UM BOM RELACIONAMENTO ENTRE OS ESTUDANTES

50% NÃO CONSEGUEM ACOMPANHAR AS EXPLICAÇÕES/ATIVIDADES ORIENTADAS PELO PROFESSOR

O QUE MELHORAR?

- ✓ Infraestrutura (sala de aula e outros ambientes)
- ✓ Estudar/ter outras atividades (dança, culinária, educação financeira, leitura, descanso etc.)
- ✓ Tutores na sala de aula
- ✓ Protagonismo e reconhecimento da produção estudiantil
- ✓ Maior exigência da qualidade do ensino e da presença do professor

• ESPECIALMENTE A PARTIR DO 8º ANO

4 EM CADA 10

adolescentes estão satisfeitos com as aulas e materiais pedagógicos da escola



6 EM CADA 10

adolescentes consideram que passeios e trabalhos fora da escola não podem faltar na escola ideal

5 EM CADA 10

adolescentes consideram as aulas dinâmicas, interessantes e divertidas

⁵ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em 28 ago. 2022.

⁶ Dados extraídos das seguintes pesquisas “A voz dos adolescentes” (Unicef-Ipec, 2022, disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/20186/file/educacao-em-2022_a-voz-de-adolescentes.pdf), “Nossa escola em reconstrução” (Porvir-Inspirare, 2022, disponível em: <https://porvir.org/nossaescola/>) e Conselho de Estudantes da Fundação Lemann.

A FALTA DE IDENTIDADE DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS BRASILEIRAS PARA A ETAPA, MUITAS VEZES SENDO TRATADA COMO UMA “PASSAGEM” PARA O ENSINO MÉDIO

Historicamente, os Anos Finais do Ensino Fundamental não têm sido priorizados e parecem não apresentar uma identidade bem marcada nas políticas públicas. O desafio, portanto, é traçar objetivos e caminhos precisos e consistentes para esta etapa⁷.

É preciso defender e construir uma escola para os Anos Finais que se conecte às características, ao universo, aos interesses e ao momento único vivenciado pelos adolescentes, que os faça se sentirem identificados, pertencentes e motivados, que os coloque, de fato, no centro do processo de ensino e de aprendizagem, considerando as suas especificidades.

ADOLESCÊNCIAS: UMA VIVÊNCIA PLURAL

Mais uma vez, é importante reforçar que, apesar de ser uma fase do desenvolvimento que afeta todos os seres humanos, a adolescência é vivenciada de maneira diversa por grupos oriundos de diferentes territórios e contextos sociais, econômicos e culturais. Portanto, as políticas públicas educacionais para esta etapa precisam considerar a existência de múltiplas adolescências e criar espaço para que redes e escolas possam complementar seus currículos e adaptar suas práticas e materiais pedagógicos a diferentes realidades e vivências.

Dentro desse contexto, para garantir maior atratividade escolar, é necessário considerar o uso de metodologias diversificadas, como as ativas e as abordagens investigativas do STEAM (acrônimo das áreas do conhecimento para Ciências, Tecnologias, Engenharia, Artes e Matemática), alinhadas com uma maior compreensão das adolescências e de como as pessoas aprendem mais e melhor. Tão importante quanto o conhecimento em si, é a forma pela qual se ensina, priorizando metodologias que possibilitem aos adolescentes pensar, resolver problemas, exercitar a colaboração, usar diferentes recursos e serem atuantes e protagonistas em seus percursos escolares.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

Une a experiência e o conhecimento dos educadores a dados, estudos e pesquisas que apontam caminhos sobre como considerar as especificidades desta faixa etária e aproveitar o potencial dos Anos Finais do Ensino Fundamental enquanto período valioso de aprendizagem e desenvolvimento integral, que demanda identidade e objetivos próprios.

⁷ Veja algumas das experiências brasileiras voltadas aos Anos Finais que merecem ser conhecidas e reconhecidas: [Programa Ginásio Educacional Carioca](#) - Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ): implementou escolas vocacionadas ao uso de tecnologia e inovação, em escolas de tempo integral, com foco na promoção da autonomia e no fomento à construção dos projetos de vida dos estudantes, alinhado ao currículo e metodologias inovadoras como STEAM. [Programa Escola do Adolescente](#) - Ministério da Educação: O programa oferecia instrumentos de escuta para que a escola identificasse as características e interesses do estudante dos Anos Finais. Disseminou o trabalho com metodologias ativas, voltadas a promover o desenvolvimento do pensamento crítico e do engajamento do adolescente. [Plataforma Faz Sentido](#): Parceria entre o Instituto Inspirare, o Instituto Unibanco, a Agência Tellus, o Laboratório de Mídia e Educação (MEL) e o Laboratório de Inovação Educacional (LABI), ofereceu orientações e ferramentas para a construção de novas propostas para os Anos Finais, com o objetivo de dar sentido à educação para adolescentes do século 21. [Recomendações aos Anos Finais do Ensino Fundamental](#): Pensando nos desafios que existem para a etapa de ensino e nas recomendações para superá-los, o Itaú Social e a Fundação Carlos Chagas fomentaram catorze projetos de pesquisa aplicada. O estudo foi organizado por categorias, as quais evidenciam o que deve ser priorizado.

O REFERENCIAL PEDAGÓGICO

Esta proposta apresenta uma identidade pedagógica para a etapa, alicerçada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/1996), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos (Resolução CNE -CEB nº 7/2010) e na Base Nacional Comum Curricular (2018).

É um referencial que indica caminhos e recomendações para conectar a escola com as demandas e especificidades dos adolescentes, com o objetivo de assegurar o seu direito a uma **educação integral de qualidade, inclusiva, diversa, que promova aprendizagem com equidade e justiça social**.

Uma escola sempre em construção, que, para fazer sentido para o estudante adolescente do século 21, precisa ser acolhedora, dinâmica e viva, convidar à construção crítica e ativa do conhecimento, exercer a escuta ativa, além de dialogar com o contexto de diversidade, transformações aceleradas, superabundância de tecnologias, conexões virtuais, informação e desinformação dos nossos tempos.

Um aspecto essencial dessa escola é a superação de preconceitos com abertura para uma visão da adolescência como uma fase que oferece possibilidades únicas em termos físicos, emocionais, intelectuais, sociais e culturais, que são mais bem aproveitadas em iniciativas estruturadas com base em conhecimentos científicos sobre o desenvolvimento biológico e psicológico, e sobre o contexto social, cultural e tecnológico dos adolescentes brasileiros.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO ENVOLVEU

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB)



DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS (DCNs)



BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)



NORMAS SOBRE COMPUTAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (COMPLEMENTO À BNCC)



PESQUISAS EDUCACIONAIS



PESQUISAS SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS ADOLESCENTES SOBRE A ESCOLA



CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS SOBRE ADOLESCÊNCIA



DEFINIÇÃO DE PRINCÍPIOS E EIXOS PARA O REFERENCIAL PEDAGÓGICO



CONSOLIDAÇÃO DO REFERENCIAL PEDAGÓGICO

Esse referencial pedagógico é estruturado a partir de princípios e eixos, que se desdobram em orientações de implantação.

PRINCÍPIOS

Para uma educação integral de qualidade na prática, destacamos **sete princípios** para toda a Educação Básica, que descrevem as aspirações para a escola que queremos, em todas as etapas da Educação Básica.

APRENDIZAGEM PARA TODOS

A educação integral acredita no potencial dos estudantes, cultivando altas expectativas de aprendizagem e reconhecendo que todos são capazes de aprender. Há comprometimento com os direitos de desenvolvimento e aprendizagens previstos na BNCC, respeitando os diversos ritmos, com uso de metodologias que valorizam as necessidades específicas de cada estudante para não deixar ninguém para trás.

DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

A educação integral oferece oportunidades intencionais e articuladas ao currículo para o desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional dos estudantes.

PROTAGONISMO DO ESTUDANTE

A educação integral fomenta o protagonismo do estudante ao trazê-lo para o centro das práticas educativas, conectando-o com seus anseios e estimulando sua autonomia para aprender e fazer escolhas. Reconhece o protagonismo do estudante na aprendizagem e na construção de seus projetos de vida, em uma perspectiva ética, considerando o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

PERTENCIMENTO, BEM-ESTAR E SAÚDE

A educação integral envolve pertença e convívio e, por isso, institui e fortalece ambientes físicos e sociais seguros, saudáveis, protegidos e inclusivos. Seu currículo, práticas pedagógicas e modelo de gestão apoiam os aspectos físicos, socioemocionais e psicológicos da saúde e do bem-estar dos estudantes e educadores e promovem um clima escolar de acolhimento e cuidado.



EQUIDADE, INCLUSÃO E DIVERSIDADE

A educação integral se fundamenta em práticas antirracistas, antissextistas, anticapacitistas e democráticas, com vistas à equidade e à inclusão. Ela garante, por meio do reconhecimento e da valorização da diversidade, o acesso e a permanência de modo equânime, além da conclusão escolar, o fortalecimento das identidades e a promoção de um clima acolhedor.

AMPLIAÇÃO DO TEMPO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS

A educação integral investe na ampliação dos espaços educativos, considerando todos os espaços intra e extraescolares como educadores. A integração com o ecossistema em que a escola se insere é analisada, planejada e compõe o projeto pedagógico escolar.

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DA EQUIPE PEDAGÓGICA

A educação integral investe no desenvolvimento profissional de gestores e professores, preparando-os para a implementação do currículo por meio de formação continuada centrada nos contextos de trabalho e necessidades específicas indicadas pelos profissionais ou mapeadas pelas lideranças.

7 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Considerando os contextos e as exigências específicas da etapa e dos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, nesta proposta, os sete princípios terão o enfoque nas adolescências.

EIXOS

Ancorados em todos esses princípios, cinco eixos estruturam e direcionam o processo de implementação da proposta. Esses eixos se relacionam com os diferentes níveis de gestão das secretarias de educação: órgão central, regionais e escolas.

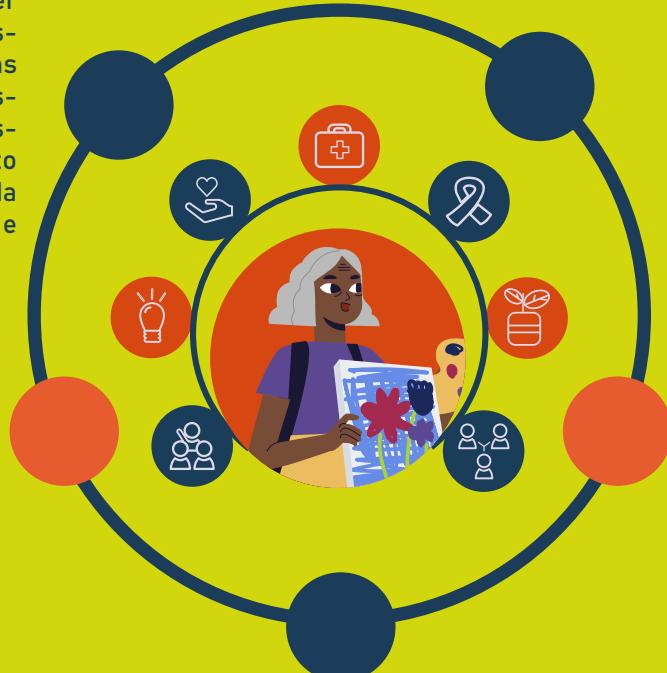
5 EIXOS QUE DÃO SUSTENTAÇÃO À PROPOSTA

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, ANTISSEXISTA E ANTICAPACITISTA

Reconhecer a existência e os efeitos da discriminação e opressão sistemáticas com base na raça, gênero e capacidades, e buscar desafiar e combater essas formas de discriminação, a fim de combater desigualdades educacionais. Investir em ações diversas e contínuas baseadas em práticas antirracistas, antissexistas e anticapacitistas com vistas ao fortalecimento das identidades étnico-raciais e da diversidade presentes na escola e em toda a rede de ensino.

CURRÍCULO INTEGRADO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Repensar a arquitetura curricular e promover práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral dos adolescentes, considerando sempre suas especificidades, sua aprendizagem e seus interesses.



TRABALHO EM REDE

Fortalecer o trabalho em rede, aproximando a escola de diferentes órgãos e agentes, para elaborar projetos intersetoriais que ajudem a resolver questões que extrapolam as competências da escola, mas interferem na frequência, permanência e aprendizagem dos alunos.

FORMAÇÃO CONTINUADA DOS EDUCADORES E DAS LIDERANÇAS

Promover ações permanentes para a formação dos educadores, considerando as especificidades da proposta. Oportunizar ações interdisciplinares e integradoras, a partir do uso de metodologias ativas, de forma planejada e intencional. Ampliar o tempo para a formação em serviço de maneira contínua, junto aos pares, nas escolas. Favorecer a troca e disseminação das boas práticas.

GESTÃO DESCENTRALIZADA E DA TRANSIÇÃO ENTRE ETAPAS

Instituir abordagens de gestão centradas na escuta ativa, valorização de ideias, definição de papéis e responsabilidades, com prioridade na participação coletiva por meio de órgãos colegiados. Propor ações para cuidar das transições de etapas, exigindo atenção de todos os gestores. Estados e municípios se organizam na oferta dos Anos Finais, considerando o enfoque no bem-estar dos estudantes e continuidade dos estudos.

SUMÁRIO

ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO PARA OS ANOS FINAIS...

● 1. ACOLHE E POTENCIALIZA AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA 17
E PARA ISSO É PRECISO...

1.1. Compreender e valorizar as adolescências.....	18
1.2. Conhecer as especificidades do neurodesenvolvimento na adolescência.....	21
1.3. Construir ações educativas que contemplem as especificidades da adolescência.....	25
1.4. Reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade das relações, das identidades e das culturas dos adolescentes.....	28
1.5. Promover a cultura digital dos adolescentes.....	33

● 2. TEM COMO PROPÓSITO A EDUCAÇÃO INTEGRAL E A APRENDIZAGEM 37
E PARA ISSO É PRECISO...

2.1. Promover o desenvolvimento integral, em todas as dimensões.....	38
2.2. Considerar os desafios da contemporaneidade.....	40
2.3. Possibilitar uma aprendizagem ativa, significativa, visível e criativa.....	44
2.4. Recompor as aprendizagens.....	48

● 3. PROMOVE O PROTAGONISMO DO ESTUDANTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM 52
E PARA ISSO É PRECISO...

3.1. Engajar e fortalecer a autonomia dos adolescentes para aprender.....	53
3.2. Utilizar metodologias ativas e práticas pedagógicas participativas.....	58
3.3. Valorizar e fortalecer o papel dos professores.....	62
3.4. Estabelecer pontes com outras etapas.....	64

● 4. FAORECE ESPAÇOS E AMBIENTES PREPARADOS PARA A APRENDIZAGEM, O ACOLHIMENTO, A PARTICIPAÇÃO E A CONVIVÊNCIA	66
E PARA ISSO É PRECISO...	
4.1. Fazer dos espaços escolares ambientes que potencializam os processos educativos.....	67
4.2. Promover um ambiente escolar de convivência ética, participação democrática e atuação cidadã.....	69
● 5. DEMANDA UMA GESTÃO PARTICIPATIVA QUE RECONHECE E VALORIZA O ADOLESCENTE.....	76
E PARA ISSO É PRECISO...	
5.1. Alinhar as ações de gestão às características de desenvolvimento da adolescência e suas potencialidades.....	77
5.2. Compreender papéis e responsabilidades da gestão integradora.....	79
● 6. RECOMENDA A AVALIAÇÃO FORMATIVA PARA A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	83
E PARA ISSO É PRECISO...	
6.1. Implementar uma avaliação formativa que dialogue com as adolescências.....	84
● REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88



CAPÍTULO 1

ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO PARA OS ANOS FINAIS...

ACOLHE E POTENCIALIZA AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA

E PARA ISSO É PRECISO...

- 1.1. COMPREENDER E VALORIZAR AS ADOLESCÊNCIAS
- 1.2. CONHECER AS ESPECIFICIDADES DO NEURODESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA
- 1.3. CONSTRUIR AÇÕES EDUCATIVAS QUE CONTEMPELEM AS ESPECIFICIDADES DA ADOLESCÊNCIA
- 1.4. RECONHECER, RESPEITAR E VALORIZAR A DIVERSIDADE DAS RELAÇÕES, DAS IDENTIDADES E DAS CULTURAS DOS ADOLESCENTES
- 1.5. PROMOVER A CULTURA DIGITAL DOS ADOLESCENTES



As mudanças próprias dessa fase da vida implicam a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social.

Base Nacional Comum Curricular, 2018, p. 60.

1.1 COMPREENDER E VALORIZAR AS ADOLESCÊNCIAS

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar conhecer e reconhecer as transformações físicas, emocionais e sociais que ocorrem na adolescência e ajudar os estudantes a entendê-las e vivê-las de forma segura, acolhedora e positiva.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE É PRECISO SUPERAR A VISÃO ADULTOCÊNTRICA E OS ESTEREÓTIPOS.

A adolescência costuma ser vista apenas como uma transição da infância para a idade adulta, importando menos quem é o adolescente e mais quem será e o que fará este indivíduo no futuro. Neste sentido, a visão “adultocêntrica”, muitas vezes, refere-se ao adolescente como um ser inacabado e complicado, valendo-se de adjetivos como inseguros, imaturos, preguiçosos, rebeldes, sonhadores, desligados, “do contra”, entre outros.

ADOLESCÊNCIAS E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Destacamos novamente que, às vezes, a adolescência de pessoas com deficiência parece não existir para os adultos em seu entorno. Mesmo após os doze anos de idade, estes adolescentes acabam sendo tratados como crianças, e aqueles que apresentam um fenótipo mais diferenciado do que socialmente se considera a “normalidade” sofrem preconceitos mais severos, como se não construíssem maturidade, transformações, saberes próprios. Por isso, muitas vezes, na fase da adolescência, essas pessoas são ainda mais isoladas do convívio das outras sem deficiência, como se não fossem capazes de passar por esse período de crescimento humano. A escola precisa olhar para esses estudantes como adolescentes, de forma a superar estereótipos e preconceitos.

Contudo, os conhecimentos científicos nos indicam que os estereótipos acima citados são generalizações rasas e, muitas vezes, sem fundamento. Para educar o adolescente, efetivamente atuando em parceria com ele, é preciso, portanto, superar essas visões estereotipadas, ampliando o repertório de conhecimentos acerca das variadas dimensões desta etapa da vida.

Um aspecto essencial é deixar de perceber o adolescente como um “vir-a-ser”. Tratá-lo como um sujeito do presente, que constrói uma trajetória para a qual oportunidades adequadas de desenvolvimento são fundamentais. Como destaca Daniel Siegel (2016), “a adolescência não é apenas uma etapa a ser superada, e sim uma etapa da vida para ser cultivada da forma certa”.

Um amplo conjunto de conhecimentos científicos indica que tal etapa é um período essencial para proporcionar o pleno potencial de desenvolvimento do corpo, da mente e dos sentimentos, enquanto dimensões indissociáveis. Tais fatores, aliados ao contexto social, econômico e cultural, às oportunidades e escolhas de cada adolescente, constroem a travessia em direção à construção de sua identidade – daquilo que o faz único e irrepetível, conforme a definição de Antônio Carlos Gomes da Costa (2001) – e de seu projeto de vida.

É PRECISO SUPERAR O ESTIGMA

SOBRE OS ADOLESCENTES DE QUALQUER RAÇA, GÊNERO, COM E SEM DEFICIÊNCIA

DE
PROBLEMA

ADOLESCÊNCIA
COMO UMA FASE
TERRÍVEL DA VIDA



A visão “adultocêntrica”, muitas vezes, refere-se ao adolescente como um ser inacabado e complicado, valendo-se de adjetivos como inseguros, imaturos, preguiçosos, rebeldes, sonhadores, desligados, “do contra”, entre outros. É preciso superar essas visões estigmatizadas.

O que é de fato natural da adolescência é uma série de modificações físicas, psicológicas e sociais.



**PARA
OPORTUNIDADE**

ADOLESCÊNCIA COMO UMA FASE REPLETA DE RICAS OPORTUNIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO

Até porque, segundo a psicologia, o problema ou a solução sempre estão associados a um contexto, e o desenvolvimento dos adolescentes depende da sua interação com cada ambiente específico.

Fonte: Projeto Faz Sentido, 2016.

PORQUE É PRECISO TER EM VISTA AS ESPECIFICIDADES E A PLURALIDADE DESTA ETAPA DA VIDA.

Não há um rito de passagem, nem uma delimitação exata que estabeleça quando começa e quando termina a adolescência. São variadas as possibilidades de conceituação do período, sendo a idade um dos marcadores mais utilizados para defini-la. Neste sentido, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente a pessoa de 12 a 18 anos, enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) a define como faixa etária que vai dos 10 aos 20 anos.

A adolescência também pode ser caracterizada como uma fase do desenvolvimento humano marcada por importantes transformações biológicas. Uma característica importante desse ciclo são as transformações do corpo. Durante a passagem da infância para a adolescência, acontece a puberdade: um conjunto de mudanças neuroendócrinas que afetam o desenvolvimento e as interações dos adolescentes. Algumas das mudanças mais visíveis estão ligadas ao chamado “estirão”, causado pelo hormônio de crescimento, quando se dá a aceleração na velocidade de crescimento – mais precoce nas meninas (entre 9,5 a 14,5 anos de idade) que nos meninos (por volta dos 14,5 anos). Além disso, surgem os pelos pubianos, a primeira menstruação e ejaculação, o crescimento dos seios e dos testículos, as mudanças na voz e elevação dos hormônios sexuais (testosterona, progesterona e estrógeno).

Contudo, faixa etária e transformações corporais são apenas dois elementos de um complexo e integrado conjunto de aspectos que a configuram. Trata-se de um período crítico e cheio de potencialidades para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais. É ainda a etapa de iniciação de relacionamentos amorosos e da vida sexual, de intensificação do vínculo com os pares, de reconfiguração das interações com a família e o mundo adulto; da realização de novas escolhas visando explicitar ainda mais sua identidade – de um modo próprio de se inserir na sociedade e na cultura.

Vale ter em mente, contudo, que essas percepções da adolescência estão relacionadas ao contexto dos dias atuais. O conceito e os modos de lidar com esta fase da vida humana são construídos pela sociedade ao longo da História. De acordo com alguns estudiosos, a forma como a concebemos hoje foi criada por volta da década de 1950, por demandas da própria sociedade moderna ligadas a fatores como trabalho, arranjos familiares, mudanças no padrão de vida, entre outras (Bock, 2007). Ou seja: a forma como entendemos a adolescência e seu tempo de duração é ligada a um tempo histórico e pode variar de acordo com contextos culturais, sociais e econômicos.

Também é muito importante não considerar a existência de um “adolescente padrão” – e com isso tratar os adolescentes como seres “genéricos”, indistintos uns dos outros. Ainda que certas características do desenvolvimento do adolescente sejam consideradas universais, é fundamental tratarmos do conceito no plural. Afinal, são muitas as adolescências, já que existem especificidades, tanto do ponto de vista pessoal quanto social (histórico familiar, condições socioeconômicas, gênero, raça, sexualidade, território etc.), que podem afetar de maneiras diferentes o modo com que cada pessoa vivencia esta etapa da vida.

ADOLESCÊNCIAS E RAÇA

Embora os Anos Finais sejam um período desafiador para todos, as vivências e os níveis de dificuldades enfrentadas pelos adolescentes podem ser bastante diferentes. Estudos apontam que adolescentes branca/os e negra/os não costumam ter acesso aos mesmos direitos e também não são vistos pela sociedade da mesma forma – inclusive por seus professores e gestores escolares. Por exemplo: do ponto de vista da responsabilização por estudos, trabalhos e até mesmo por atitudes e ações de risco, adolescentes negros tendem a ser encarados como adultos muito antes de completarem a maioridade, enquanto o adolescente branco, muitas vezes, é encarado como “um menino ou menina em formação” ou apenas “imatura”. É preciso que a escola reconheça esses vieses e atue intencionalmente para rompê-los.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Rejeita a visão estereotipada e adultocêntrica que considera o adolescente um ser inacabado e difícil.
- Tem uma compreensão ampla e positiva da adolescência, embasada em variados campos das ciências, reconhecendo desafios da etapa, mas também as potencialidades de desenvolvimento.
- Reconhece que não há um “adolescente genérico”, e sim que as vivências da adolescência são plurais, marcadas pelos diferentes contextos socioeconômicos, familiares, culturais, e aspectos como gênero, raça e sexualidade.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: Rejeita a visão enviesada de adolescência segundo características de raça/etnia, orientação sexual e outras, promovendo medidas de respeito, convivência e valorização da diversidade, e desenvolvendo práticas cotidianas para que todos os estudantes sejam vistos da mesma forma e tenham acesso aos mesmos direitos.

1.2 CONHECER AS ESPECIFICIDADES DO NEURODESENVOLVIMENTO NA ADOLESCÊNCIA

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar conhecer as intensas mudanças neurológicas desta faixa etária e apoiar intencionalmente o incremento de habilidades de funções executivas, como a tomada de decisão, resolução de problemas e regulação das emoções e do comportamento, em articulação com a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos adolescentes.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE É UMA ETAPA DECISIVA PARA O DESENVOLVIMENTO NEUROLÓGICO.

A adolescência é conhecida por ser um período sensível e crítico do desenvolvimento neurológico. Sensível porque é quando certas capacidades importantes estão mais propensas a serem moldadas e alteradas pela experiência. Crítico em função de envolver processos que resultam em mudanças irreversíveis na função cerebral. Ou seja, a adolescência proporciona momentos únicos de desenvolvimento neurológico que, se bem aproveitados, podem favorecer significativamente o aprendizado.

Ao contrário do que se acreditava até décadas atrás, hoje já se sabe que o cérebro é plástico e se modifica ao longo de toda a nossa existência. No entanto, essas capacidades neuroplásticas diminuem com o passar dos anos e podem demandar mais esforço dirigido para novas mudanças no modo de sentir, pensar, agir e aprender. Segundo o neurocientista Laurence Steinberg, a adolescência é o último estágio na vida em que o cérebro tem grande plasticidade. Isto significa que um adolescente corre grande risco quando exposto a ambientes e exemplos negativos e tem grandes oportunidades de desenvolvimento quando sujeito a ambiências e experiências positivas (INSPIRARE, 2016).

Nesta etapa, por exemplo, ocorre uma intensa mielinização, processo de reforço da estrutura dos neurônios que faz com que a transmissão de informação entre eles seja mais rápida e eficaz, tornando o cérebro mais eficiente. Esse processo se inicia ainda no útero e termina por volta dos 25 anos.

Na adolescência, o cérebro utiliza, ainda, o princípio chamado de “use ou perca”: as conexões entre os neurônios que não são utilizadas ou são pouco utilizadas se perdem, são eliminadas. Esse fenômeno recebe o nome de poda sináptica ou poda neuronal.

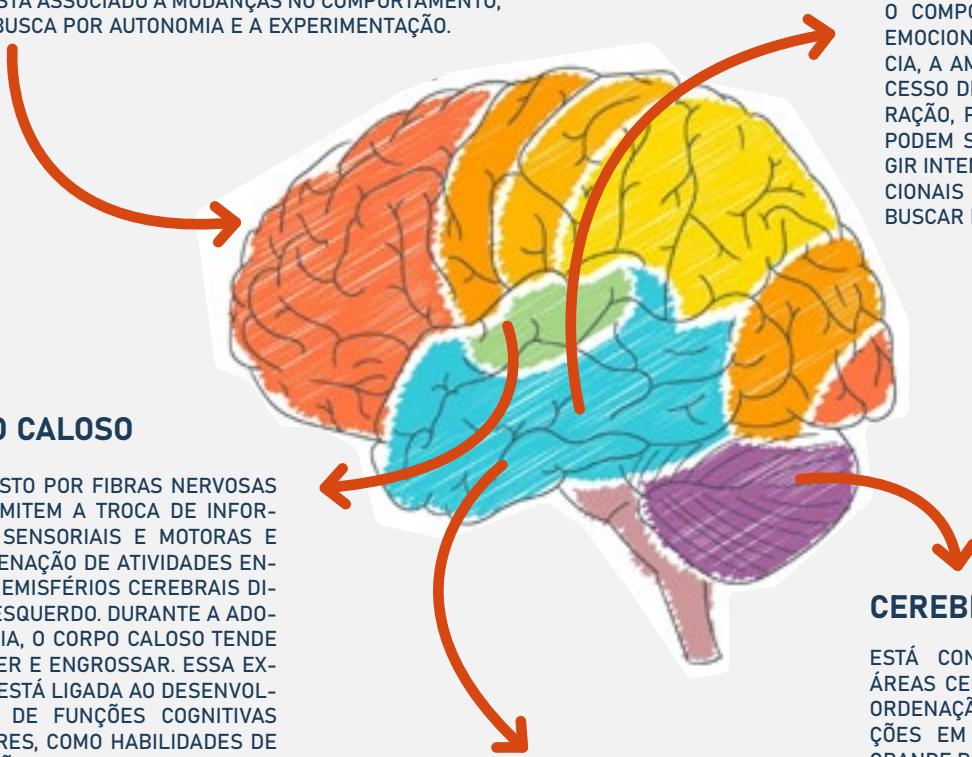
PORQUE O ADOLESCENTE PRECISA DE APOIO EM SEU PROCESSO DE AMADURECIMENTO CEREBRAL, EMOCIONAL E COMPORTAMENTAL.

Existe uma área do cérebro responsável por funções como autoconsciência, tomada de decisão, organização, resolução de problemas, memória, autocontrole, autorregulação, controle inibitório, atenção sustentada, planejamento, gerenciamento de tempo, flexibilidade cognitiva, regulação das emoções e do comportamento social. Essa área se chama córtex pré-frontal, e é a última área do cérebro a passar pelo processo de mielinização. É por esta razão que o adolescente nem sempre é capaz de resistir a impulsos ou exercer controle sobre suas atitudes e escolhas.

CÓRTEX PRÉ-FRONTAL

É A ÚLTIMA ÁREA DO CÉREBRO A SE DESENVOLVER COMPLETAMENTE E SEU AMADURECIMENTO SE ESTENDE DOS 13 AOS 25 ANOS, APROXIMADAMENTE.

DURANTE A ADOLESCÊNCIA, OCORRE UM REFINAMENTO DAS CONEXÕES NEURONais E MELHORIA DA EFICIÊNCIA DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS, COMO O PLANEJAMENTO, TOMADA DE DECISÕES, CONTROLE EMOCIONAL, MEMÓRIA DE TRABALHO, CAPACIDADE DE RESOLVER PROBLEMAS COMPLEXOS E A REGULAÇÃO DO COMPORTAMENTO SOCIAL. ESSE AMADURECIMENTO ESTÁ ASSOCIADO A MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO, COMO A BUSCA POR AUTONOMIA E A EXPERIMENTAÇÃO.



CORPO CALOSO

É COMPOSTO POR FIBRAS NERVOSAS QUE PERMITEM A TROCA DE INFORMAÇÕES SENSORIAIS E MOTORAS E A COORDENAÇÃO DE ATIVIDADES ENTRE OS HEMISFÉRIOS CEREBRAIS DIREITO E ESQUERDO. DURANTE A ADOLESCÊNCIA, O CORPO CALOSO TENDE A CRESCER E ENGROSSAR. ESSA EXPANSÃO ESTÁ LIGADA AO DESENVOLVIMENTO DE FUNÇÕES COGNITIVAS SUPERIORES, COMO HABILIDADES DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS, TOMADA DE DECISÕES E PENSAMENTO ABS-TRATO.

HIPOCAMPO

DESEMPEENHA PAPEL CENTRAL NA TRANSFERÊNCIA DE INFORMAÇÕES DA MEMÓRIA DE CURTO PRAZO PARA A MEMÓRIA DE LONGO PRAZO, AS QUAIS SE TORNAM MAIS EFICAZES DURANTE A ADOLESCÊNCIA. ISSO PERMITE QUE OS ADOLESCENTES ARMAZENEM E RECUPEREM INFORMAÇÕES DE MANEIRA MAIS EFICIENTE, O QUE É FUNDAMENTAL PARA O APRENDIZADO E A EDUCAÇÃO.

AMÍGDALA

DESEMPENA PAPEL FUNDAMENTAL NO PROCESSAMENTO DE EMOÇÕES E NA REGULAÇÃO DE RESPOSTAS EMOCIONAIS, COMO RESPOSTAS AO MEDO E AMEAÇAS, REGULAÇÃO DO COMPORTAMENTO SOCIAL, ALÉM DE INFLUENCIAR O APRENDIZADO E A TOMADA DE DECISÕES. A AMÍGDALA INTERAGE COM OUTRAS ÁREAS CEREBRAIS, COMO O CÓRTEX PRÉ-FRONTAL, PARA MODULAR O COMPORTAMENTO E A REGULAÇÃO EMOCIONAL. DURANTE A ADOLESCÊNCIA, A AMÍGDALA AINDA ESTÁ EM PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E MATURAÇÃO, PORTANTO, OS ADOLESCENTES PODEM SER MAIS PROPENSOS A REAGIR INTENSAMENTE A ESTÍMULOS EMOCIONAIS E SEREM MAIS PROPENSOS A BUSCAR EXPERIÊNCIAS DE RISCO.

CEREBELO

ESTÁ CONECTADO A VÁRIAS OUTRAS ÁREAS CEREBRAIS E INFLUENCIÁ A COORDENAÇÃO E A INTEGRAÇÃO DE FUNÇÕES EM TODO O CÉREBRO. EMBORA GRANDE PARTE DO CRESCIMENTO DO CEREBELO OCORRA DURANTE A INFÂNCIA, ELE AINDA PASSA POR REFINAMENTOS ESTRUTURAIS E FUNCIONAIS NA ADOLESCÊNCIA, REFINANDO HABILIDADES MOTORAS (COMO EQUILÍBRIO, COORDENAÇÃO E DESTREZA) E PERMITINDO QUE OS ADOLESCENTES SE TORNEM MAIS PROFICIENTES EM ESPORTES, ATIVIDADES FÍSICAS, TOCAR INSTRUMENTOS MUSICAIS E OUTRAS TAREFAS QUE EXIGEM COORDENAÇÃO MOTORA.

Ou seja, para que o adolescente aprenda a se organizar, planejar e se autorregular, é preciso que o seu córtex pré-frontal se desenvolva plenamente e seu cérebro se reorganize a partir de um processo criterioso de seleção e descarte de informações. Para isso, é fundamental que os adultos do seu entorno tenham paciência e apoiem o seu amadurecimento, oferecendo orientações precisas e intencionais para desenvolver e reforçar habilidades importantes, a fim de que não sejam descartadas pela poda sináptica e consigam se consolidar ao longo dos anos seguintes. No caso de adolescentes com deficiência, algumas vezes é preciso que a paciência, o esforço e até mesmo as estratégias, por parte dos professores e equipes da gestão escolar, sejam ainda mais amplos. É necessário, sempre, que a equipe escolar não perca de vista que todos podem e têm o direito de aprender.

A atenção e o apoio dos adultos também se tornam fundamentais para que o adolescente estabeleça uma relação saudável com o ambiente social, ao qual o cérebro se torna mais sensível no período. Experiências de interação social positiva, portanto, geram confiança e abertura às interações, e um ambiente seguro permite que ele erre e aprenda a receber críticas construtivas. No sentido contrário, violências como o bullying e cyberbullying causam danos que podem durar por toda a vida.

Além dos processos mencionados acima, há ainda os efeitos que a elevada produção de hormônios tem no desenvolvimento cerebral, emocional e comportamental, lembrando que distúrbios ou transtornos podem aumentar o índice de hormônios corporais. Em função disso, a saúde emocional é outro ponto especial de atenção. Aumenta a vulnerabilidade a transtornos mentais relacionados ao humor (ansiedade, angústia, depressão) e à atenção. É importante, então, que a escola, a família e outras instâncias de atenção e cuidado dialoguem sobre o tema e façam pontes entre os adolescentes, serviços e redes de promoção da saúde integral e bem-estar.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- 
- Compreende que o adolescente ainda está em processo de amadurecimento e desenvolvimento do cérebro, das emoções e dos comportamentos. A partir dessa compreensão, atua como parceira do estudante, dando apoio para que ele, ao longo de seu amadurecimento, possa construir habilidades fundamentais, como organização, planejamento e autorregulação.
 - Desenvolve intencionalmente experiências educativas instigantes, envolventes e problematizadoras, que estimulam as conexões neuronais e desenvolvem as potencialidades do cérebro na etapa da adolescência, em um ambiente seguro que aceite o erro como parte do processo.
 - Zela por interações sociais positivas nas mais variadas instâncias da comunidade escolar.
 - Atua na prevenção e desconstrução de interações violentas, como o bullying, que podem deixar marcas negativas profundas e duradouras na vida dos estudantes.
 - Está atenta ao fato de que, na adolescência, as vulnerabilidades em saúde mental se tornam mais agudas e, assim, promove diálogos sobre temas relacionados a ela e conecta os estudantes a serviços e redes de apoio.
 - Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão. Compreende que em razão das desigualdades com base em gênero, raça, etnia, classe, sexualidade, deficiência, entre outros marcadores sociais, meninas, negros/as, indígenas, pessoas pobres, pessoas LGBTTQIA+ e pessoas com deficiência enfrentam maiores desafios para obter interações sociais positivas, e podem ter maior vulnerabilidade a danos causados por violências como racismo, LGBTfobia, entre outros, além de danos por bullying e cyberbullying. Com base em tal compreensão, constrói estratégias para que os estudantes destes grupos consigam exercer toda sua potencialidade.

PRINCIPAIS DESCOBERTAS DA NEUROCIÊNCIA

SOBRE O CÉREBRO ADOLESCENTE

VULNERABILIDADE PARA TRANSTORNOS MENTAIS

O cérebro adolescente é particularmente vulnerável a transtornos mentais, como depressão, ansiedade, transtorno bipolar, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), entre outros. Por isso, é importante que os adolescentes tenham acesso a suporte emocional e cuidados de saúde mental adequados, salientando que nem sempre o caminho é a medicalização.

IMPORTÂNCIA DOS HORMÔNIOS

Durante a adolescência, há um aumento significativo na produção hormonal, especialmente de hormônios sexuais, como a testosterona e o estrogênio. Esses hormônios desempenham papéis importantes na maturação do cérebro e influenciam o comportamento social e emocional dos adolescentes.

DESENVOLVIMENTO DO CÓRTEX PRÉ-FRONTAL

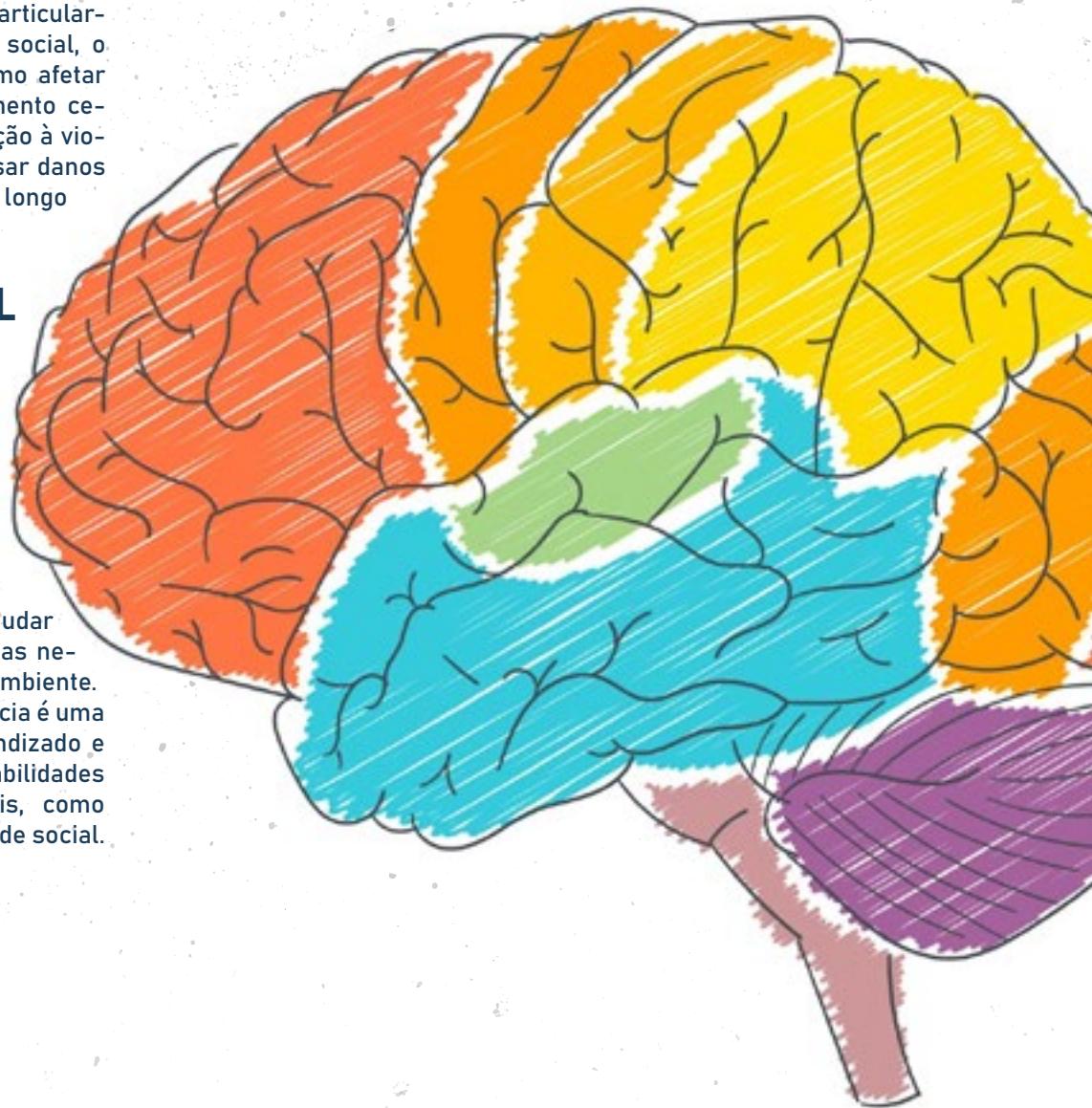
Essa é a área do cérebro responsável pelas funções executivas, como o controle inibitório, planejamento, tomada de decisões e resolução de problemas. Durante a adolescência, essa área passa por um processo de amadurecimento, o que interfere na capacidade dos jovens de controlar impulsos, tomar decisões ponderadas e planejar ações a longo prazo.

MAIOR SENSIBILIDADE AO AMBIENTE SOCIAL

O cérebro adolescente é particularmente sensível ao ambiente social, o que pode tanto estimular como afetar negativamente o desenvolvimento cerebral. Por exemplo, a exposição à violência e ao bullying pode causar danos cognitivos e emocionais a longo prazo.

GRANDE POTENCIAL DE PLASTICIDADE CEREBRAL

O cérebro adolescente ainda está em pleno desenvolvimento e apresenta um enorme potencial de plasticidade, com capacidade para mudar e se adaptar de acordo com as necessidades e estímulos do ambiente. Isso significa que a adolescência é uma fase importante para o aprendizado e para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, como empatia, resiliência e habilidade social.



1.3 CONSTRUIR AÇÕES EDUCATIVAS QUE CONTEMPELEM AS ESPECIFICIDADES DA ADOLESCÊNCIA

O QUE NÃO PODE FALTAR: Promover situações de aprendizagem que considerem e dialoguem com as características mais presentes nesta faixa etária, como a abertura ao novo, a vontade de ter experiências desafiadoras, a disposição para se relacionar com outras pessoas e a força criativa. A equipe escolar compreender que a fase é bastante propícia para apoiar o estudante a desenvolver a autorresponsabilização e o autocuidado.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE A OFERTA DE OPORTUNIDADES EDUCATIVAS SINTONIZADAS COM AS ESPECIFICIDADES DESTA ETAPA DE VIDA PODE REDUZIR VULNERABILIDADES E PROMOVER POTENCIALIDADES.

A adolescência é uma fase de transformações simultâneas no corpo, nos processos cognitivos, nas emoções, nos comportamentos e nas interações. O estudante dos Anos Finais do Ensino Fundamental é um sujeito em intenso processo de desenvolvimento e de consolidação da identidade. A escola precisa dialogar com esse sujeito que, a um só tempo, está em construção e transformação.

Compreender as características e os contextos que atravessam a vivência da adolescência abre caminho ao que há de mais fundamental: construir ambientes, fomentar interações e promover situações de aprendizagem que sejam articulados às características desta fase, de modo a aproveitar potencialidades e mitigar vulnerabilidades.

Nesta fase, os adolescentes estão mais vulneráveis às expectativas e pressões da sociedade. A maioria busca modelar seus comportamentos com base no gênero, raça e sexualidade considerados padrões. Outros, por sua vez, buscam o reconhecimento de identidades, comportamentos e corpos que estão fora dos padrões socialmente consolidados, valorizados e reforçados pelas plataformas midiáticas. Neste sentido, é um momento bastante dúbio de insegurança, mas também de busca de identidade, no qual o adolescente tenta se afirmar enquanto sujeito, mesmo que ainda sem entender como fazer isso.

A adolescência é ainda momento em que se constituem novas formas de perceber e viver os relacionamentos e os papéis sociais, de dúvidas e de busca de caminhos para os projetos de vida. Todas essas experiências são profundamente influenciadas pelo contexto familiar, socioeconômico e cultural, sendo que um fator decisivo é o maior ou menor acesso a condições básicas como alimentação, moradia, serviços de saúde e suporte psicossocial, tecnologias da comunicação, oportunidades de educação, lazer, cultura e mobilidade urbana.

O acesso a oportunidades educativas de qualidade proporcionadas pelas famílias e/ou pela escola, que façam sentido na vida do adolescente, tem um peso muito grande: pode ser o aspecto decisivo para prevenir e diminuir vulnerabilidades e, principalmente, impulsionar o desenvolvimento pleno. Neste sentido, vale dizer que a escola também pode promover o acesso intencional a oportunidades educativas que estão fora do espaço escolar, estabelecendo parcerias com espaços públicos e instituições privadas do entorno.

CONSTRUIR AÇÕES EDUCATIVAS QUE CONTEMPELEM AS ESPECIFICIDADES DA ADOLESCÊNCIA, A PARTIR DE UM OLHAR INTERSECCIONAL

É importante pontuar que nem sempre os adolescentes têm compreensão dos significados políticos e sociais que carregam a partir dos marcadores sociais de raça ou etnia (negros, brancos, indígenas, quilombolas), gênero, por expressarem escolhas de uma sexualidade considerada “desviante”. Além disso, esses marcadores muitas vezes se sobrepõem, algo que leva ao conceito hoje trabalhado como interseccionalidade: quando diversas formas de opressão e discriminação fluem através de eixos complementares, contribuindo ativamente para a manutenção de desigualdades. A discussão sobre essas questões é necessária também para ajudar os estudantes a se reconhecerem e a conviverem respeitando as singularidades um do outro.

PORQUE É PRECISO ATENÇÃO ÀS QUALIDADES DA MENTE ADOLESCENTE, COM OU SEM DEFICIÊNCIA, QUE COMBINA POTENCIALIDADES E RISCOS.

As mudanças no cérebro adolescente também estimulam a experimentação e o questionamento, provocando grande impacto na formação das subjetividades. Fazem ainda com que esses jovens busquem situações mais desafiadoras, a fim de obter recompensas emocionais mais intensas. Por esta razão, família e escola precisam ajudá-los a cultivar experiências e questionamentos que sejam propositivos, construtivos e igualmente prazerosos, ao mesmo tempo em que garantam autocuidado e responsabilização.

De acordo com o professor e psiquiatra Daniel Siegel, nos primeiros anos da adolescência se estabelecem quatro qualidades da mente que influenciam as mudanças no comportamento dos adolescentes: “a busca por novidade, o engajamento social, o aumento da intensidade emocional e a exploração criativa” (Siegel, 2016).



QUALIDADES (ATRIBUTOS) DA MENTE ADOLESCENTE

	POR UM LADO...	POR OUTRO LADO...
BUSCA POR NOVIDADE	Está aberto à mudança e vive apaixonadamente, enquanto a exploração da novidade é assentada em um fascínio pela vida e no impulso para projetar novas maneiras de fazer as coisas e de viver com um senso de aventura.	A busca por sensações e por riscos que enfatizem a emoção e minimizem os perigos resulta em comportamentos arriscados que podem causar danos físicos, morais e emocionais. A impulsividade pode transformar uma ideia em ação sem a reflexão sobre suas consequências.
ENGAJAMENTO SOCIAL	O impulso para a conexão social conduz à criação de relações de apoio que são os melhores indicadores de bem-estar, longevidade e felicidade ao longo da vida.	Adolescentes isolados dos adultos e cercados apenas de outros adolescentes têm uma chance maior de assumir riscos. A rejeição total dos mais velhos e do conhecimento e raciocínio adultos aumentam esses riscos.
AUMENTO DA INTENSIDADE EMOCIONAL	A vida vivida com intensidade emocional pode ser repleta de energia e de um senso de impulso vital, resultando em exuberância e alegria por fazer parte do planeta.	A emoção intensa pode assumir o controle, levando à impulsividade, à depressão e a uma reatividade extrema, capaz de prejudicar a construção de vínculos sociais.
EXPLORAÇÃO CRIATIVA	O raciocínio abstrato e o novo pensamento conceitual que emerge na adolescência permitem o questionamento do status quo, o uso de estratégias inovadoras para abordagem de problemas, a criação e aplicação de novas ideias.	A busca pelo sentido da vida durante os anos adolescentes pode levar a uma crise de identidade, à vulnerabilidade em relação à pressão dos pares e a uma perda de direção e propósito.

Fonte: Quadro produzido a partir do livro *O Cérebro dos Adolescentes*, de Daniel Siegel.



A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Compreende as características da adolescência, de qualquer raça, gênero, etnia, com e sem deficiência, e constrói seu projeto pedagógico, ambientes, interações e atividades de ensino de modo articulado às características desta fase, com vistas a aproveitar potencialidades e mitigar vulnerabilidades.
- Proporciona experiências desafiadoras e prazerosas, fomenta questionamentos que tenham propósito e sejam construtivos, de modo a aproveitar as potencialidades relacionadas a atributos marcantes da mente adolescente (busca por novidade, engajamento social, aumento da intensidade emocional, exploração criativa).
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: na construção do projeto pedagógico e das atividades educativas, desenvolve diferentes estratégias para garantir oportunidades educativas variadas e superar lacunas de aprendizagem considerando a diversidade dos corpos, identidades e subjetividades dos estudantes, e ainda as diferentes condições de acesso aos direitos básicos de cidadania experimentadas por eles.
- Oferece oportunidades educativas e curriculares adequadas às especificidades e à pluralidade da adolescência, pois comprehende que tais oportunidades são decisivas no desenvolvimento efetivo dos estudantes.

1.4. RECONHECER, RESPEITAR E VALORIZAR A DIVERSIDADE DAS RELAÇÕES, IDENTIDADES E CULTURAS DOS ADOLESCENTES

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar reconhecer a importância do desenvolvimento social nessa faixa etária e planejar de modo intencional momentos de sociabilidade e interação que apoiam os estudantes a criarem e manterem vínculos saudáveis e colaborativos entre si, com suas famílias e professores, com base no respeito às diversidades.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS É UM ASPECTO SENSÍVEL DA ADOLESCÊNCIA.

A adolescência é um período de forte desenvolvimento do cérebro também em relação ao modo como interagimos com outras pessoas, envolvendo habilidades como empatia e comunicação interpessoal. Cresce muito a importância do grupo de amigos. Por outro lado, os adolescentes tornam-se mais vulneráveis ao que outras pessoas pensam deles, demonstrando bastante sofrimento com qualquer tipo de rejeição ou sentimento de não adequação.

ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA

Essa rejeição ou sentimento de inadequação pode acabar sendo sentida com mais intensidade pelos adolescentes com deficiência. Portanto, é fundamental que a escola tenha um esforço planejado e contínuo de integração destes estudantes nos ambientes, práticas, atividades e dinâmicas escolares, garantindo que não fiquem de fora ou isolados por questões de infraestrutura, atitudinais ou metodológicas.

O “zoar” com colegas e amigos marca as relações entre os adolescentes, e se apresenta tanto como uma forma de irreverência quanto de afirmação - e é também um dos desafios dos professores desta etapa, que muitas vezes veem essa prática como indisciplina e bagunça (NOVA ESCOLA, 2012, p.17). Mas, para além de rotular a “zoação” como mera transgressão disciplinar, é importante que professores busquem compreender as dinâmicas de interação dos grupos. Além disso, é preciso superar a tendência à mera repreensão e promover diálogos críticos, entre os estudantes, em torno das situações de “zoeira” – afinal, elas podem ser um “termômetro” de aspectos positivos e negativos das interações em curso.

Levada a um limite mais preocupante, a “zoeira” pode resultar no que hoje conhecemos como bullying (intimidação sistemática, envolvendo atos de humilhação ou discriminação, com violência psicológica e/ou física) ou em outras práticas também violentas e discriminatórias, como racismo, capacitismo, gordofobia (práticas de preconceito contra pessoas gordas), xenofobia,

sexismo e LGBTQfobia. Essas violências devem ser um ponto importante de atenção e atuação da escola, que precisa combatê-las por meio de atividades educativas no cotidiano escolar, campanhas e debates, além de normas capazes de coibi-las.

O termo *bullying* contempla atitudes perversas, muitas vezes disfarçadas de brincadeira, mas que não estão necessariamente atreladas a uma opressão estrutural. Por exemplo: *bullying* contra pessoas que usam óculos pode abalar muito a vítima, uma vez que afeta a autoestima, a interação com outros alunos, a segurança e, por isso, deve ser rigorosamente combatido. Entretanto, a violência contra pessoas que usam óculos não constitui uma opressão estrutural - pessoas que usam óculos não são prejudicadas ao longo de sua vida profissional, financeira, social, por esse fator. Nesse sentido, é importante diferenciá-la, por exemplo, de violências racistas.

CYBERBULLYING NA ADOLESCÊNCIA

Cyberbullying é o termo utilizado para descrever o *bullying* que ocorre por meio de dispositivos eletrônicos, como aparelhos celulares, computadores e redes sociais. Consiste em agressões, ameaças, difamações e humilhações virtuais, que podem ter um impacto significativo no bem-estar emocional dos estudantes, dentro e fora do ambiente escolar. O trabalho de combate e sensibilização ao cyberbullying é feito por meio da cultura digital, que se baseia na promoção de um uso dos meios digitais a partir de uma cultura responsável, ética e segura, que valoriza o respeito, a empatia e a cidadania digital. Ao preparar os estudantes para agirem de forma responsável e ética no ambiente digital, a escola contribui para a construção de uma sociedade inclusiva e saudável, onde todos possam se expressar livremente, sem medo de sofrerem agressões virtuais. Para abordar o cyberbullying a partir desse pilar, as escolas e educadores podem:

- Sensibilizar os estudantes sobre os impactos negativos do cyberbullying, destacando a importância de tratar os outros com respeito e empatia, tanto no mundo virtual quanto no mundo real.
- Promover a educação digital, ensinando aos estudantes sobre a importância de proteger sua privacidade, identidade e reputação on-line, além de orientá-los sobre como denunciar e lidar com situações de cyberbullying.
- Estabelecer normas e políticas contra o cyberbullying, que sejam comunicadas e aplicadas de forma consistente, para criar um ambiente seguro e acolhedor para todos os estudantes.
- Incentivar a participação ativa dos estudantes na prevenção e combate ao cyberbullying, por meio de campanhas de conscientização/sensibilização, projetos de pesquisa e discussões em sala de aula.
- Fomentar a criação de uma comunidade escolar inclusiva e solidária, onde os estudantes se sintam seguros para relatar casos de cyberbullying e buscar apoio dos educadores e colegas.

É importante ressaltar, ainda, que o desenvolvimento de amizades e o fortalecimento de vínculos entre pares, nesta fase, pode apoiar a criação de uma rede de apoio e confiança, mas pode também, em alguns casos, apresentar uma chance maior de o adolescente assumir riscos, especialmente se viver cercado apenas de pessoas da sua idade e apresentar maior rejeição em relação aos adultos (SIEGEL, 2016). A equipe escolar tem um duplo papel em relação a esse aspecto: é preciso dar espaço às interações entre os adolescentes, mas também atuar na mediação, promovendo conversas sobre os modos como as relações entre eles se constroem, os aspectos positivos e os desafios envolvidos.

A relação com a família também apresenta transformações nesta etapa da vida, justamente porque o adolescente passa a fazer um movimento cada vez maior de tentar se diferenciar de pais, mães e demais responsáveis, em busca de construir sua identidade e se aproximar dos grupos de amigos e pessoas da sua faixa etária. Crescem as resistências e os conflitos entre adultos e adolescentes e há uma busca por mais independência. É neste momento, por exemplo, que muitos começam a poder sair de casa sozinhos, inclusive para ir e voltar da escola. O diálogo entre escola e família é um aspecto que merece, assim, especial cuidado de gestores escolares e professores.

PORQUE É DESAFIANTE PARA O ADOLESCENTE LIDAR COM A AFETIVIDADE E A SEXUALIDADE, E A ESCOLA PRECISA APOIÁ-LO.

Durante os Anos Finais do Ensino Fundamental, iniciam-se também as preocupações com questões referentes à sexualidade, afetos e relacionamentos amorosos. O adolescente começa a namorar, “ficar”, a descobrir seu próprio corpo, seus desejos e o que lhe atrai em outras pessoas. A regulação emocional, nesse momento, está em pleno desenvolvimento, o que costuma provocar sentimentos e reações intensas e diferentes tipos de emoções e sensações, também influenciadas pelo contexto cultural, social, escolar e familiar no qual está inserido. É preciso que a escola compreenda a importância de apoiar os adolescentes a lidar com o início da sua vida afetiva e sexual, inclusive para que possam se prevenir em relação a gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis.

DIÁLOGOS SOBRE CORPOS E SEXUALIDADE

A escola tem um papel fundamental de diálogo sobre consentimento, envolvendo tanto as meninas quanto os meninos. Temas como assédio, estupro, limites, exposição virtual da intimidade, entre outros que perpassam a sexualidade, tendem a evidenciarem-se nesta etapa e é preciso apoiar os adolescentes a lidar com eles. Docentes e gestores precisam encarar com responsabilidade estes diálogos, reconhecendo que devem envolver cuidado, respeito e acolhimento. É essencial que a gestão conscientize a equipe docente que comentários envolvendo corpos e sexualidades de estudantes não cabem na sala de aula e não devem ser tratados como motivo de ridicularização ou exposição dos mesmos.

Considerando os recortes raciais, é importante ressaltar que meninas e meninos negros sofrem, desde a infância, com a hipersexualização. Sendo essa uma das heranças escravocratas, os corpos negros tendem a ser encarados como objetos sexuais e, muitas vezes, desprovidos de afetividade e subjetividade (DAVIS, 2016; FANON, 2008; HOOKS, 2019). Esses estereótipos podem afetar a maneira como adolescentes negros serão vistos por colegas, docentes e familiares - insinuações sobre o início da vida sexual precocemente ou comentários sobre seus corpos são recorrentes e devem ser cotidianamente combatidos.

PORQUE HÁ UMA DIVERSIDADE DE CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS QUE DEMANDA ACOLHIDA E RESPEITO.

Essa é uma geração mais questionadora de normas e padrões de gênero, mais disposta a experimentar outras possibilidades de sexualidade e afetos. Ainda assim, aqueles que destoam dos padrões predominantes de gênero, sexualidade, raça, conformação corporal podem acabar vivenciando essa fase com menos possibilidades de experimentação ou de uma forma que envolva culpa, sofrimento ou, até mesmo, traumas que poderão marcá-los durante a vida. A escola tem o dever de acolher e respeitar a diversidade das identidades adolescentes em suas mais variadas dimensões: de gênero, sexualidade, raça, etnia, conformação corporal.

ADOLESCÊNCIAS LGBTQIA+

Para pessoas transexuais, a adolescência pode representar um período extremamente difícil. Além das mudanças corporais/biológicas e identitárias que podem provocar sentimentos de inadequação, nem sempre este adolescente encontra acolhimento no ambiente familiar e escolar. A população trans tem alguns direitos garantidos e que precisam ser respeitados, como o nome social: Em 2018, o Conselho Nacional de Justiça reconheceu o direito de alteração do prenome e do gênero nas certidões oficiais no Brasil.

Outra discussão que avança na comunidade LGBTQIA+ está na utilização dos pronomes neutros, utilizado como alternativa para não especificar o gênero de uma pessoa. Trata-se de uma estratégia de inclusão para aqueles que não se reconhecem como pertencentes ao gênero feminino ou ao gênero masculino.

O respeito aos direitos e reivindicações de pessoas LGBTQIA+ garante que o ambiente escolar seja mais acolhedor e que estas consigam se desenvolver de modo pleno e integral.

Fontes: [Eventos Equidade — Portal Institucional do Senado Federal](#); [Linguagem neutra: a gente precisa mesmo dela? - AzMina](#)

PORQUE É PRECISO ABRIR ESPAÇO AO LAZER, IMPORTANTE FORMA DE AUTOCONHECIMENTO E INTERAÇÃO.

“Tempo de folga, de descanso ou entretenimento” (DICIONÁRIO AULETE, 2023), o lazer é o espaço da vida em que não há obrigações a cumprir; tudo o que se busca é relaxamento e prazer. É o chamado “tempo livre”, que pode ser bastante preenchido por momentos nos quais o adolescente está sozinho ou com amigos, ouvindo música ou em silêncio, mas, essencialmente, não está “ocupado”. Os adultos muitas vezes percebem esses momentos de ócio como demonstração de preguiça ou desinteresse. No entanto, ter tempos e espaços como esses (intercalados com os momentos de estudo, jogos, hobbies e outras atividades) ajuda a mente a se reordenar e “recarregar a energia”.

Os momentos de lazer também são oportunidades para o adolescente se apropriar, a seu modo, do tempo livre, descobrindo e explorando seus interesses, além de modos de interagir de forma prazerosa com os pares. As atividades escolhidas podem variar, especialmente a depender das condições socioeconômicas, territórios que habitam e dos grupos com os quais se relacionam.

66

AS ATIVIDADES REALIZADAS PODERÃO ESTAR MAIS CONECTADAS AO UNIVERSO INFANTIL DO BRINCAR OU AO UNIVERSO ADULTO DA SEXUALIDADE, OU AINDA A INTERESSES INDIVIDUAIS DE CADA UM E AO DESEJO DE SOCIALIZAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO COMUNS NESSA ETAPA DA VIDA. O QUE É UNIVERSAL É QUE, INDEPENDENTE DA ATIVIDADE, ELA TENDE A SER CONDUZIDA PELA IMAGINAÇÃO E OS MOMENTOS DE ÓCIO PODEM SER ESTIMULADOS CRIATIVAMENTE .99

(INSPIRARE, 2016)

Ainda que, aos poucos, a brincadeira vá deixando de ser a principal atividade de lazer, o brincar permanece, normalmente mais relacionado aos jogos e atividades ligadas a desafios, aventuras, danças ou ao esporte. Além disso, o entretenimento on-line também se torna uma opção para os adolescentes que têm acesso a computadores, smartphones e internet.

Há, portanto, que se promover e valorizar os momentos de lazer: eles possibilitam o alívio das tensões e o descanso, favorecendo o equilíbrio emocional, e podem ser oportunidades de convivência, de troca cultural e de desenvolvimento da criatividade.

PORQUE É PRECISO ABRIR-SE ÀS CULTURAS JUVENIS, QUE SÃO IMPORTANTES PRÁTICAS DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PELO ADOLESCENTE.

Conforme destaca DAYRELL (2003), as culturas juvenis são compostas por conjuntos de elementos simbólicos que os adolescentes e jovens consideram representativos da sua identidade pessoal e coletiva, da visão de mundo que possuem, dos comportamentos e valores que lhes são característicos. Tais culturas têm, portanto, um papel significativo na construção identitária e na socialização dos adolescentes e dos jovens.

As culturas juvenis se manifestam nos mais diferentes estilos, que são marcas distintivas que os adolescentes levam em seus corpos, espaços e práticas. O estilo se expressa em “tatuagens, piercings, pulseiras, bonés, colares, roupas estilizadas, calças largas ou justas, cabelos coloridos, trançados, black power e rastafari, aos quais os jovens atribuem diversos significados” (LEAL et al, 2014).

Outras marcas das culturas juvenis são os diversos estilos musicais e suas danças – hip-hop, rock, samba, pagode, entre outros –, e as diferentes formas de expressão – o grafite, os quadrinhos, o mangá (estilo japonês de histórias em quadrinho), os animes (desenhos animados produzidos no Japão), as gírias, os memes (frases e imagens, em geral cômicas, que viralizam nas redes sociais). Variadas linguagens, práticas e produtos artísticos e midiáticos fazem parte do universo dessas culturas, por meio das quais os adolescentes afirmam suas singularidades e se agregam em grupos de estilo e identidade.

Muitas vezes, as equipes escolares têm uma visão preconceituosa das culturas juvenis, que são comparadas a práticas e produções artísticas e culturais tradicionais, tidas como mais refinadas. Esse tipo de visão apenas distancia a escola do universo do adolescente, e é preciso, ao invés disso, conectar a escola ao contexto de vida e de produção de sentido do estudante dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Cabe à escola, portanto, conhecer e incorporar elementos dessas culturas aos conteúdos curriculares e às práticas educativas.



A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Planeja e promove momentos de interação entre os adolescentes, de qualquer raça, gênero, etnia, com e sem deficiência, e deles com os demais sujeitos da comunidade escolar.
- Estabelece um diálogo continuado e construtivo com suas famílias.
- Apoia os adolescentes a lidar com questões relacionadas ao início da sua vida amorosa e sexual.
- Estimula e organiza momentos intercalados de estudo e lazer, valorizando os diferentes interesses e hobbies dos adolescentes.
- Conhece, valoriza e incorpora as culturas juvenis ao currículo e às práticas educativas, garantindo espaço a elas em festivais, mostras culturais, shows de talentos e nas demais propostas pedagógicas organizadas pela comunidade escolar.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: acolhe e respeita a diversidade da identidade adolescente em suas mais variadas dimensões, tais como gênero, sexualidade, raça, etnia e conformação corporal; previne e combate ativamente práticas de preconceito, intolerância e bullying, além de outras práticas violentas e discriminatórias, como racismo, capacitismo, gordofobia, xenofobia, sexismo e LGBTQfobia.

1.5. PROMOVER A CULTURA DIGITAL DOS ADOLESCENTES

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar afirmar a importância da cultura digital e dos multiletramentos digitais, da inclusão digital e da formação de cidadãos crítico-reflexivos, capazes de acessar informações, selecioná-las e utilizá-las compreendendo o pensamento computacional, de modo responsável e comprometido com a ética e a democracia, preservando a saúde mental e o bem-estar de si mesmo e dos demais. As propostas pedagógicas utilizarem as novas mídias e tecnologias a favor da aprendizagem, dialogando com as diferentes formas de produzir, adquirir e circular informações.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS SÃO UMA PARTE FUNDAMENTAL DE COMO OS ADOLESCENTES VIVEM E SE RELACIONAM.

Os adolescentes do nosso tempo são nativos da era digital e informational e se identificam com artistas musicais, mas também (e cada vez mais) com influenciadores digitais, Youtubers e Tiktokers que produzem conteúdos de humor, moda, música, games, política, questões sociais, entre tantos outros temas. Constituem uma geração que nasceu e cresceu com os serviços chamados on demand (sob demanda), podendo ouvir uma música, assistir a um vídeo, série ou filme quando e onde quiser. Consomem conteúdos rápidos - textos de 280 caracteres e vídeos de um minuto - em grandes quantidades.

66

ESSAS CRIANÇAS, ENTÃO, HABITAM O VIRTUAL. AS CIÊNCIAS COGNITIVAS MOSTRAM QUE O USO DA INTERNET, A LEITURA OU A ESCRITA DE MENSAGENS COM O POLEGAR, A CONSULTA À WIKIPÉDIA OU AO FACEBOOK NÃO ATIVAM OS MESMOS NEURÔNIOS NEM AS MESMAS ZONAS CORTICAIS QUE O USO DO LIVRO, DO QUADRO-NEGRO OU DO CADERNO. ESSAS CRIANÇAS PODEM MANIPULAR VÁRIAS INFORMAÇÕES AO MESMO TEMPO. NÃO CONHECEM, NÃO INTEGRALIZAM NEM SINTETIZAM DA MESMA FORMA QUE NÓS, SEUS ANTEPASSADOS.

NÃO TÊM MAIS A MESMA CABEÇA. 99

(SERRES, 2013)

O acesso a informações e conhecimentos diversos, a hiperconectividade e a diminuição de distâncias que experimentam podem ampliar sua visão de mundo, consciência social e suas possibilidades de atuação. Eles mesmos têm a chance de criar e editar vídeos, fotos, textos, memes, aplicativos e jogos. São, portanto, não apenas consumidores, mas também produtores e disseminadores de conteúdos e informações. Mas é importante considerar que a profunda imersão no ambiente tecnológico gera também variados riscos e vulnerabilidades, que discutiremos a seguir.

Vale lembrar que, enquanto uma boa parte dos adolescentes brasileiros tem sua vida profundamente atravessada pelas tecnologias digitais, que moldam a forma como compreendem, aprendem e interagem com o mundo, ainda há uma parcela significativa com pouco ou nenhum acesso a recursos tecnológicos, o que compromete ainda mais as suas chances de inclusão educacional, social e produtiva.

Dada a relevância das tecnologias digitais na vida dos adolescentes, tanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto as Normas sobre Computação na Educação Básica - Complemento à BNCC Resolução CNE-CEB- nº 1 de 2022, trazem habilidades e competências para trabalhar com os pilares das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), Cultura Digital e Pensamento Computacional.

PORQUE É PRECISO APOIAR O ADOLESCENTE NA CONSTRUÇÃO DE UMA RELAÇÃO CRÍTICA E SAUDÁVEL COM AS TECNOLOGIAS.

O lado preocupante e já bastante conhecido da intensa conexão entre os adolescentes, as tecnologias e as mídias digitais passa pela falta de regulação das mídias e plataformas, o que frequentemente expõe os adolescentes a conteúdos que disseminam discursos de ódio, incentivam comportamentos autodestrutivos, bullying, cyberbullying, distúrbios alimentares, buscas por padrões de beleza inalcançáveis, entre outros.

No cenário atual (especialmente pós-pandemia), são muitos os relatos acerca de adolescentes que passam muitas horas por dia em seus próprios quartos, em um isolamento dentro de casa, fazendo uso excessivo da tecnologia e das redes sociais, jogando jogos de videogame, sem praticar atividades físicas e com a saúde socioemocional comprometida - esse fenômeno já foi chamado de “geração do quarto” (MONTEIRO, 2022). É ainda comum que esses adolescentes tenham sofrido algum tipo de violência, como bullying, cyberbullying, violências familiares físicas ou verbais.

Frente a esses aspectos negativos, e talvez por se sentirem ameaçados em seu lugar de detentores do saber (uma vez que, quando o assunto é tecnologia, os adolescentes costumam ter muito mais destreza do que os adultos), os professores, muitas vezes, rechaçam as tecnologias, atribuindo a elas apenas características negativas e proibindo terminantemente seu uso em sala de aula.

No entanto, essa postura acaba criando um abismo entre o que se vê na escola e a realidade do adolescente. É preciso que os educadores dialoguem com as tecnologias digitais previstas na BNCC e em seu complemento da BNCC da Computação, incorporando-as às suas práticas pedagógicas e de produção do conhecimento. Ou seja, utilizando-as a favor da aprendizagem e reconhecendo o seu papel como objeto de conhecimento e ferramenta de ensino, possibilitando aos estudantes vivenciar os pilares das TDICs, cultura digital e pensamento computacional, de maneira transversal e planejada, a partir de habilidades e competências específicas.

Outro importante papel da escola nesse contexto é a promoção do letramento digital e dos multiletramentos: promover debates e realizar atividades por meio das quais os adolescentes desenvolvam uma relação crítico-reflexiva com as tecnologias e mídias, tornando-se capazes de acessar, selecionar e utilizar as informações com responsabilidade e ética e trabalhar com as diferentes linguagens midiáticas em diferentes espaços e contextos digitais, exercendo um papel ativo de curador de informações.

Ainda nesse contexto, é importante lidar com o currículo de diferentes maneiras, explorando habilidades e competências ligadas ao senso estético, à criatividade e ao pensamento crítico e científico, ao trabalhar com atividades desplugadas (análogicas), que partam do universo maker, e plugadas (digitais), como a lógica de programação e robótica, que apresentam maneiras diferenciadas de trabalhar o currículo e de exercitar na prática a colaboração, empatia e resoluções colaborativas de problemas.

Cabe à escola, por fim, o fomento a uma relação saudável e de intencionalidade pedagógica do adolescente com as tecnologias digitais e redes sociais, comprometida com o autocuidado e a preservação da saúde mental, a disseminação de informações verdadeiras e o respeito à opinião dos outros.





A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Reconhece as potencialidades, riscos e vulnerabilidades relacionados à profunda conexão dos adolescentes com as tecnologias e mídias digitais, a partir do pilar da cultura digital e educação midiática.
- Incorpora as tecnologias nas práticas de ensino, criando estratégias para utilizá-las a favor da aprendizagem.
- Promove o letramento e os multiletramentos digitais, criando oportunidades para que o adolescente construa uma relação crítica, reflexiva e ética com as tecnologias digitais da informação e comunicação e a cultura digital.
- Fomenta a construção de uma relação saudável do adolescente com as tecnologias, na perspectiva do cuidado com a saúde mental e o bem-estar.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: faz um diagnóstico das diferentes condições de acesso dos adolescentes à tecnologia em seu cotidiano, ao invés de pressupor que todos teriam igual acesso aos recursos tecnológicos, e promove atividades adequadas a essas diferentes condições ao trabalhar com habilidades e competências das TDICs, cultura digital e pensamento computacional; atua na prevenção e mitigação de violências cibernéticas de cunho preconceituoso, como o cyberbullying e a disseminação de discursos de ódio nas redes sociais.
- Fomenta o debate acerca dos riscos para a sociedade da propagação de fake news e dos efeitos negativos na vida das pessoas na prática do cancelamento digital.



CAPÍTULO 2

ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO PARA OS ANOS FINAIS...

TEM COMO PROPÓSITO A EDUCAÇÃO INTEGRAL E A APRENDIZAGEM

E PARA ISSO É PRECISO...

2.1 PROMOVER O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL, EM TODAS AS DIMENSÕES

2.2 CONSIDERAR OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

2.3 POSSIBILITAR UMA APRENDIZAGEM ATIVA, SIGNIFICATIVA, VISÍVEL E CRIATIVA

2.4 RECOMPOR AS APRENDIZAGENS



Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir.

Assim, a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida.

2.1. PROMOVER O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL, EM TODAS AS DIMENSÕES

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar enxergar o adolescente como um ser integral constituído por dimensões e reconhecer o papel ativo e intencional da escola para o desenvolvimento intelectual, físico, emocional, social e cultural dos estudantes.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE TODAS AS DIMENSÕES DA VIDA DO ADOLESCENTE SÃO INDISSOCIÁVEIS E ESSENCIAIS PARA O PROCESSO EDUCATIVO.

A BNCC reafirma o compromisso da educação brasileira com a educação integral dos estudantes e estabelece o foco no desenvolvimento de competências, orientando que as escolhas pedagógicas devem indicar não apenas o que os estudantes devem “saber”, mas, sobretudo, o que devem “saber fazer”. Ou seja, trata-se de apoiar os estudantes a relacionar os diversos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores na resolução de desafios da vida cotidiana, no pleno exercício da cidadania e na atuação no mundo do trabalho.

Partindo dessas premissas, a escola que atua para promover o desenvolvimento integral reconhece que as pessoas são seres multidimensionais e entende que, além dos conhecimentos acadêmicos e habilidades relacionadas às áreas do conhecimento, é também seu papel promover oportunidades para que estudantes desenvolvam competências e habilidades em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural.

Quando se lança um olhar a essas múltiplas dimensões, comprehende-se que a educação dos sujeitos acontece não apenas na escola, mas em todos os espaços e nas mais variadas situações de interação. A escola atua de forma integrada à família, à comunidade, às práticas sociais, à vida cultural e às diversas instituições e instâncias que fazem parte da vida do adolescente, enxergando-o para além de seu papel como estudante. Afinal, conforme estabelece a Constituição Federal, a educação deve ser promovida e incentivada pelo Estado e pelas famílias, com a colaboração da sociedade, por meio de um processo permanente de corresponsabilização.



A EDUCAÇÃO INTEGRAL E O TEMPO DE PERMANÊNCIA DO ADOLESCENTE NA ESCOLA

Ainda que a ideia de educação integral não seja equivalente ao que se entende como escola em tempo integral, uma proposta de educação voltada para as múltiplas dimensões do desenvolvimento do adolescente pode ser favorecida com a expansão do tempo em que ele permanece na escola. E essa ampliação do tempo pode proporcionar benefícios para toda a comunidade escolar, além de permitir um investimento intencional na qualidade do processo de ensino e de aprendizagem por meio do fortalecimento dos vínculos entre estudantes e professores.

Ao estudante, é possível oferecer mais momentos de construção reflexiva sobre o seu projeto de vida e sua responsabilidade enquanto cidadão de direitos e deveres. Por meio de ações voltadas ao protagonismo juvenil e que estimulam novas experiências, pode-se fortalecer as relações com a escola e o entorno, de forma responsável, colaborativa e proativa. O estudante deixa de ser um receptor passivo e se torna fonte autêntica de iniciativa, compromisso e autonomia⁸. Às famílias, a jornada escolar ampliada assegura um tempo diário maior no qual o adolescente está sob os cuidados da escola, envolvido em propostas pedagógicas planejadas e intencionais.

À equipe escolar, por fim, são propiciadas melhores condições para o cumprimento do currículo, enriquecendo e diversificando o aprimoramento da formação profissional, a dedicação aos estudos e aos estudantes, bem como o desenvolvimento de metodologias, abordagens pedagógicas e estratégias de ensino, de avaliação e de recomposição da aprendizagem.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Enxerga o estudante como um sujeito singular cuja existência e desenvolvimento integram as mais diversas dimensões: física, mental, socioemocional, afetiva, social e cultural. Exatamente por enxergar o adolescente em sua integralidade, planeja e implementa atividades educativas que consideram as diversas especificidades do desenvolvimento nesta etapa da vida.
- Oportuniza o desenvolvimento pleno, promove intencionalmente a construção de habilidades não apenas cognitivas, mas também socioemocionais, aproveitando potenciais especialmente aflorados na adolescência, como o desenvolvimento mental, a abertura ao novo e a busca por autonomia.
- Realiza atividades de ensino que integram os diferentes componentes curriculares, em diálogo com as questões e experiências culturais e sociais que fazem parte do contexto de vida dos estudantes.
- Busca possibilidades de extensão do tempo de permanência dos estudantes na escola, com vistas a incrementar tanto as experiências formativas desses estudantes quanto as condições de trabalho, as possibilidades de interação estudante-docente e o desenvolvimento dos professores, além de oferecer às famílias a ampliação de oportunidades educativas acessadas por seus adolescentes.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: a escola comprehende que as condições necessárias para o desenvolvimento pleno são asseguradas de forma muito desigual aos diferentes adolescentes. Por isso, assume o compromisso com a mitigação das desigualdades ligadas à raça, gênero, deficiência e orientação sexual, entre outros aspectos.
- Desenvolve estratégias pedagógicas para lidar com as diferentes vulnerabilidades socioeconômicas e superar e interromper as defasagens de aprendizagem que são frutos das desigualdades. Além disso, insere, de forma transversal, em todas as suas atividades, ao longo de todo o ano, formações e debates voltados a desconstruir culturas e práticas de preconceito e discriminação no dia a dia escolar.
- Cria espaços e processos estruturados para que os professores possam adotar práticas de mentoria, apoiando os estudantes na construção dos seus projetos de vida.

⁸Fonte: Documento FUND 2 Integral – ISG.

2.2. CONSIDERAR OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar conhecer os grandes desafios globais e locais atuais, reconhecer que os mesmos têm grande impacto nas trajetórias e no desenvolvimento integral dos estudantes e promover atividades educativas nas quais os adolescentes possam discutir tais desafios e desenvolver habilidades para lidar com eles numa perspectiva crítica, criativa e ativa.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE A VIDA DOS ADOLESCENTES É IMPACTADA POR UM CONTEXTO INÉDITO E EXTREMAMENTE COMPLEXO DE DESAFIOS E PROBLEMAS GLOBAIS.

O UNICEF (Fundo das Nações Unidas Para a Infância), instituição que promove a articulação dos países de todo o mundo pelos direitos infanto-juvenis, publicou em 2019 uma carta aberta⁹ com um alerta sobre problemas e ameaças planetárias mais preocupantes para a vida atual e o futuro das crianças e dos adolescentes: poluição e crise climática; aumento da quantidade de países afetados por conflitos violentos; migração em massa e exponencial aumento de refugiados; mutação extrema nas habilidades necessárias para o mundo do trabalho; insegurança e desinformação on-line; declínio da saúde mental. O documento afirma que a atual geração “está enfrentando um novo conjunto de desafios e mudanças globais que eram inimagináveis para seus pais”.

A crise climática global envolve padrões cada vez mais extremos, ar cada vez mais tóxico, secas persistentes e inundações catastróficas. Segundo o UNICEF, ela põe em risco a maioria dos direitos de cidadania que foram conquistados para as crianças e os adolescentes nas últimas três décadas.

RACISMO AMBIENTAL

Atualmente, já é amplamente estudado o fato de que grupos étnicos minoritários, especialmente comunidades racializadas, muitas vezes enfrentam maior exposição a riscos ambientais e menor acesso a recursos naturais e benefícios relacionados ao meio ambiente, como saneamento básico, descarte de lixo e segurança alimentar. A fim de dar luz a essa questão, foi criado o termo racismo ambiental. Saiba mais nesta matéria com participação de Marcelo Rocha, cofundador do Instituto Ayíka, em entrevista para a Fundação Roberto Marinho:

<https://www.frm.org.br/conteudo/mobilizacao-social/noticia/racismo-ambiental-e-suas-implicacoes-para-populacao-negra>

⁹Disponível em: https://www.unicef.org/child-rights-convention/open-letter-to-worlds-children?utm_campaign=general&utm_source=referral&utm_medium=media. Acesso em 28 ago. 2023.

Já no ambiente on-line, há uma poluição provocada por desinformação e conteúdos falsos, mas apresentados como se fossem verdadeiros, que circulam massivamente – como é o caso das fake news (notícias falsas). A atual geração, nativa digital, está profundamente conectada a um mundo on-line onde as fronteiras entre verdade e ficção se esgarçam. Esse cenário de desinformação mina a confiança das pessoas, distorce o debate democrático, dissemina dúvidas, intolerância e ódio em relação a grupos étnicos, religiosos ou sociais (UNICEF, 2019).

A desinformação on-line também deixa crianças e adolescentes vulneráveis a abusos e manipulações e tem até provocado o ressurgimento de doenças mortais devido à desconfiança em vacinas, alimentada por fake news. A convergência de tudo isso, alerta o UNICEF, pode resultar numa geração inteira de cidadãos que não confiam em nada.

Quanto ao agravamento dos problemas de saúde mental, segundo nota técnica da OMS (Organização Mundial de Saúde)¹⁰, hoje, os transtornos mentais representam 16% dos adoecimentos de adolescentes, sendo que metade dos problemas de saúde mental da população tem início aos 14 anos de idade. Além disso, a depressão é uma das principais causas de doença e incapacidade e o suicídio é a terceira principal causa de morte de adolescentes.

VIOLENCIA RACIAL

No Distrito Federal, a probabilidade de um jovem negro ser vítima de homicídio é três vezes maior do que a de um jovem branco. Esse é um dado da pesquisa realizada em 2017 pela Unesco, em colaboração com a Secretaria Nacional de Juventude da Presidência da República e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Já em um estudo de 2018, intitulado “Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros”, o Ministério da Saúde e a Universidade de Brasília identificaram que, entre 2012 e 2016, a taxa de suicídio entre adolescentes com idades entre 10 anos e jovens adultos de 29 anos era 45% superior na juventude negra em comparação com a juventude branca. Os dados apontam uma forte desigualdade sobre como as questões de violência e saúde mental afetam os adolescentes negros e brancos.

Um mundo do trabalho em permanente mutação é outro aspecto desafiante para a atual geração. A pesquisa global “Future of Jobs Report 2023¹¹” (Relatório O Futuro do Trabalho – 2023), do Fórum Econômico Mundial, informa que, seguindo uma tendência das últimas décadas, a adoção da tecnologia continua sendo um fator-chave que faz com que as profissões e os postos de trabalho tenham uma dinâmica de transformação contínua. 75% das empresas que participaram da pesquisa pretendem adotar, nos próximos cinco anos, tecnologias avançadas em sua operação. Espera-se que serviços ligados a ambientes e dados on-line e atividades ligadas às mudanças climáticas e tecnologias de gerenciamento ambiental sejam os maiores impulsionadores do crescimento do emprego no mundo no futuro próximo. Nesse contexto, este Referencial Pedagógico para os Anos Finais do Ensino Fundamental está comprometido com a formação do cidadão global preparado para se posicionar diante dessas questões.

¹⁰ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em 29 ago. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://observatoriopt.org.br/conteudos/future-of-jobs-report-2023>.

DESIGUALDADES NO MERCADO DE TRABALHO

De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), jovens negros enfrentam, em média, taxas de desemprego mais elevadas do que seus pares brancos, e, quando conseguem emprego, frequentemente recebem salários menores. Além disso, há uma escassez de representatividade de pessoas negras em posições de liderança e oportunidades de progresso profissional em comparação com indivíduos brancos, ressaltando a necessidade premente de adotar medidas para enfrentar essas desigualdades. Os dados também revelam que as contratações e os níveis salariais variam significativamente com base em fatores como raça, gênero e a presença de alguma deficiência, refletindo em uma realidade na qual cerca de 45% dos empregadores são homens brancos e aproximadamente 60% dos trabalhadores informais são negros.

Nesse contexto em que tecnologias digitais são objetos de conhecimento e ferramentas de ensino, e as atividades emergentes têm alto impacto, a pesquisa aponta que o pensamento analítico e o pensamento criativo são as habilidades mais importantes para os trabalhadores no contexto atual. O pensamento analítico é considerado habilidade essencial pela maioria das empresas participantes do estudo e o pensamento criativo ocupa o segundo lugar. Todos esses dados indicam que, cada vez mais, habilidades complexas são pré-requisito para o acesso a boas oportunidades de inclusão profissional.

PORQUE OS ADOLESCENTES PRECISAM DESENVOLVER HABILIDADES PARA SE ENGAJAR E AGIR EM RELAÇÃO A ESSES DESAFIOS.

Identificar e compreender criticamente os desafios do seu tempo, construir atitudes e comportamentos que valorizem e protejam a vida das pessoas e do planeta, desenvolver habilidades complexas para acessar oportunidades profissionais, construir relações de respeito, colaboração e solidariedade. Tornar-se capaz de agir em todas essas dimensões é de suma importância para a trajetória pessoal e cidadã do estudante dos Anos Finais. Educar o adolescente, portanto, implica criar- de forma intencional, transversal e cotidiana – situações de aprendizagem que desenvolvam essas capacidades e promovam seu desenvolvimento pleno. Cabe à escola cuidar para que todas as situações de aprendizagem, em todos os componentes curriculares, desafiem o aluno a construirativamente suas aprendizagens, exercitando o pensamento analítico, o senso crítico, a criatividade e outras habilidades essenciais, como a colaboração e a abertura ao novo.

A crise ambiental e climática, que já ameaça a continuidade da vida humana, traz como desafio a conscientização acerca da corresponsabilidade de todos no cuidado com o meio ambiente, por meio da adoção de atitudes cotidianas de consumo responsável, não desperdício de recursos naturais, descarte correto e práticas de redução, reutilização e reciclagem de resíduos.

O contexto de desinformação exige da escola ações de educação midiática, ou de formação do adolescente para uma relação crítica com os meios de comunicação, sobretudo as mídias on-line e as redes sociais. Compreender o contexto e os mecanismos que geram as fake news, identificá-las e debatê-las são aprendizagens extremamente necessárias para que os adolescentes protejam a si mesmos e ajudem a sociedade a se proteger da avalanche de mentiras, preconceitos e discursos de ódio que tantos danos têm gerado à convivência respeitosa entre pessoas e povos e à vida democrática.

Para enfrentar o quadro de agravamento da saúde mental, por sua vez, um bom caminho para a escola é adotar ações preventivas, como combater situações de bullying/cyberbullying e fomentar que os estudantes pratiquem o cuidado e o respeito com seus corpos e identidades, bem como com os dos colegas, e desenvolvam relações saudáveis consigo mesmos e com as outras pessoas. Outro importante ponto é criar, entre a equipe escolar, práticas de escuta das realidades de vida dos estudantes, de modo a identificar potenciais casos de transtornos psíquicos e não deixá-los sem encaminhamento. É preciso dialogar com cada estudante que enfrenta o problema, bem como com sua família, indicando possibilidades de tratamento e apoio. Para isso, é importante mapear e se articular com serviços públicos e redes de assistência e promoção de direitos.

Já o problema mundial dos refugiados nos remete à importância de a escola promover o respeito à diversidade racial, cultural, religiosa, social e sexual. A intolerância, ou seja, não reconhecimento de quem é diferente como um sujeito com os mesmos direitos e cuja existência e modo de viver são legítimos, é um grande problema do nosso tempo. Uma das formas de enfrentá-lo é por meio da convivência respeitosa entre os diversos em cada situação do dia a dia, e a escola pode ser uma grande promotora de tal convivência.

O essencial, enfim, é que a escola se conecte aos desafios contemporâneos lançando luz sobre essas questões e apoie os estudantes a desenvolverem senso crítico e a compreenderem seu papel de protagonismo enquanto sujeitos que podem ser parte da solução de muitos desses problemas.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Engaja sua equipe na pesquisa e no desenvolvimento de atividades que abordem, junto aos estudantes, desafios e problemas globais que têm grande impacto nas vidas deles, como a crise climática, a presença massiva da desinformação nas mídias on-line, os conflitos violentos espalhados pelo planeta, a situação de migrantes e refugiados, as reconfigurações do mundo do trabalho, a desinformação e o agravamento de problemas de saúde mental entre os adolescentes.
- Realiza atividades que oportunizam ao adolescente o desenvolvimento de habilidades, a recomposição das aprendizagens não consolidadas e a construção de atitudes cruciais para lidar com essas grandes questões do seu tempo, tais como: cuidados cotidianos com o meio ambiente; educação midiática para uma relação crítica e problematizadora com a internet e os conteúdos veiculados pelas mídias; respeito à diversidade, abertura ao diálogo e solidariedade; exercício do pensamento analítico e criativo; cuidados com a saúde mental.
- Garante espaços e tempos planejados para promover, de forma transversal, as dez competências gerais da BNCC, preparando os adolescentes de forma mais ampla e significativa para a vivência e a convivência no chamado “mundo VUCA” (volátil, incerto, complexo e ambíguo) ou, pós-pandemia, de “mundo FANI” (frágil, ansioso, não-linear e incomprensível).
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: Sensibiliza a equipe escolar, estudantes, famílias e comunidade do entorno da escola para o respeito à diversidade e o combate aos discursos e comportamentos de ódio e intolerância, associando as lógicas de preconceito e discriminação aos grandes problemas atuais do planeta. Desse modo, estabelece uma conexão entre a responsabilidade das pessoas e coletividades em relação à construção de um mundo mais justo e sustentável, ao enfrentamento ao racismo, ao machismo, ao capacitismo, à homofobia e a outros preconceitos que geram barreiras à cidadania das pessoas.

2.3 POSSIBILITAR UMA APRENDIZAGEM ATIVA, SIGNIFICATIVA, VISÍVEL E CRIATIVA

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar compreender que os estudantes têm diferentes tipos de potencialidades, interesses e modos de aprender. Trabalha a fim de garantir a aprendizagem de todos e todas e, para isso, coloca em prática diferentes abordagens e práticas pedagógicas, como por exemplo as metodologias ativas e a cultura maker, tendo em vista os objetos do conhecimento e habilidades a serem trabalhados e quem são os estudantes e como eles aprendem.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE AS PESSOAS APRENDEM DE FORMAS E EM RITMOS DIFERENTES E A APRENDIZAGEM ACONTECE, DE FATO, QUANDO O ADOLESCENTE SE ENGAJA COM O QUE É PROPOSTO.

Considerando o conceito de educação integral, atualmente, já se sabe que a aprendizagem acontece pela integração de dois processos, “um processo externo de interação entre o indivíduo e seu ambiente social, cultural ou material, e um processo psicológico interno de elaboração e aquisição” (ILLERIS, 2013, p. 17). Além disso, tanto a psicologia quanto a neurociência vêm mostrando que os aspectos cognitivos e emocionais são indissociáveis e ambos estão envolvidos no processo de aprendizagem (Idem, 2013, p. 18). Portanto, é importante planejar e implementar ambientes e situações acolhedoras e propícias à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências em todos esses aspectos.

Do ponto de vista da interação da pessoa com o ambiente, os processos de aprendizagem podem ser iniciados por meio de percepção, transmissão, experiência, imitação, atividade, participação, entre outros (Idem, 2013, p. 19) – o que significa dizer que as formas de ensinar e aprender são múltiplas, e cada uma delas pode ser utilizada com mais ou menos intensidade por cada pessoa, em diferentes momentos.

APRENDIZAGEM

TRÊS DIMENSÕES INDISSOCIÁVEIS

CONTEÚDO

DIZ RESPEITO A TUDO O QUE É APRENDIDO. BASE ESSENCIAL PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E PROFUNDA.

Refere-se ao conhecimento, habilidades, informações e conceitos específicos que são aprendidos durante o processo educacional, bem a aspectos que contribuem para a construção de significado e capacidade de lidar com desafios da vida prática, tais como formulação de opiniões, posturas, valores, modos de agir.

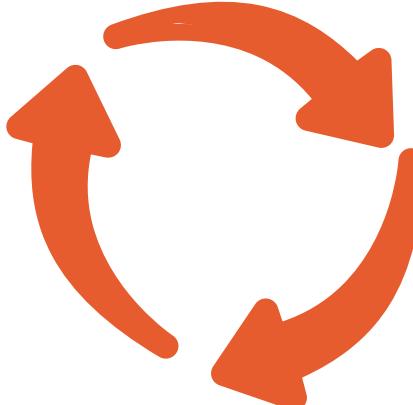
Uma base sólida de conhecimentos é o ponto de partida para futuras aprendizagens e aprofundamentos.

INTERAÇÃO

DIZ RESPEITO ÀS INTERAÇÕES DA PESSOA COM O AMBIENTE, COM OUTRAS PESSOAS E COM O CONHECIMENTO DURANTE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

Os aspectos sociais envolvidos na interação são influenciados pela cultura, experiências de vida e expectativas sociais de cada pessoa, o que torna o processo de aprendizagem diverso e multifacetado.

A interação é essencial na aprendizagem, pois permite aos estudantes se envolverem ativamente, compartilhando ideias, trocando experiências, debatendo conceitos etc. Também abrange aspectos sociais e emocionais, propiciando o desenvolvimento de habilidades de comunicação, empatia, colaboração e resolução de conflitos.



Cada dimensão engloba tanto um lado mental assim como corporal, já que a aprendizagem começa com o corpo e ocorre por intermédio do cérebro, que faz parte desse corpo. Movimentos, ações e experiências físicas do corpo têm influência sobre os processos mentais de aprendizagem.

INCENTIVO

DIZ RESPEITO A TUDO O QUE PROPORCIONA E DIRECIONA A ENERGIA MENTAL NECESSÁRIA PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

Refere-se à vontade, ou seja, a vontade, motivação e intenção de aprender, relacionando-se às emoções, sentimentos, interesses, desejo e disposição do estudante em se envolver ativamente no processo educacional, de modo engajado e persistente.

Considera aspectos relacionados à escolha dos adolescentes, tais como: estabelecimento de metas e uso de estratégias de autodeterminação, desafios e reconhecimento, desenvolvimento da autoconfiança, aprendizagem contextualizada, ambiente encorajador.

Fonte: Infográfico elaborado a partir de ILLERIS (2013).

Na perspectiva da educação integral, a escolha das metodologias e práticas pedagógicas se orienta pela aprendizagem de natureza construtivista, ou seja, “pressupõe que o próprio educando constrói ou interpreta as suas estruturas mentais **ativamente**” (ILLERIS, 2013, p.21). A fim de possibilitar essa construção ativa, de forma articulada à garantia de aprendizagem e desenvolvimento de competências diversas, é preciso que haja diversidade metodológica, tendo como base uma **aprendizagem ativa, significativa, visível e criativa**.

Aprendemos desde que nascemos, nas experiências e situações concretas da vida, e também a partir de estímulos mais estruturados. Neste último caso, “o que constatamos, cada vez mais, é que a aprendizagem por meio da transmissão é importante, mas a aprendizagem por questionamentos e experimentação é mais relevante para uma compreensão mais ampla e profunda” (MORAN, 2018, p. 2). Isso significa que podemos aprender lendo um livro ou ouvindo uma palestra, mas, mesmo nestes casos, é fundamental que o leitor ou ouvinte estabeleça uma postura ativa em relação ao que é exposto, por meio de anotações, esquemas e perguntas, por exemplo.

APRENDIZAGEM PELA SUPERAÇÃO DE DESIGUALDADES

A construção de uma aprendizagem ativa e significativa demanda que haja trabalho intencional para superar desigualdades baseadas em gênero, raça/etnia, classe. É comum ocorrer atribuição de conhecimentos, habilidades e limitações às meninas, em razão do gênero, que as colocam em desvantagem em comparação aos meninos. Estudos indicam que na área das exatas os meninos são mais estimulados ao desenvolvimento do raciocínio lógico em comparação às meninas, impactando inclusive suas escolhas profissionais no futuro.

De modo semelhante, há um conjunto de estereótipos que recaem sobre estudantes negros ou de origens étnicas minoritárias. Ainda que pareça ultrapassado, o mito de que pessoas brancas são superiores a pessoas negras, principalmente intelectualmente, ou que terão melhor desempenho em determinadas atividades, ainda está presente no currículo escolar brasileiro e nas vivências escolares, estruturado a partir de uma perspectiva eurocentrada.

Nesse sentido, a comunidade escolar precisa refletir e agir sobre os significados de uma educação antirracista e não sexista, de modo que todos os estudantes se percebam representados no ambiente em que estão e tenham iguais oportunidades de aprender e se desenvolver.

Fontes: [Estereótipos de gênero afetam desempenho de meninas nas Exatas \(institutounibanco.org.br\)](http://institutounibanco.org.br); [Desigualdade racial na educação | Observatório de Educação \(institutounibanco.org.br\)](http://institutounibanco.org.br)

Ainda que a aula expositiva não deva ser descartada, ao buscar uma **aprendizagem ativa** é possível priorizar metodologias e práticas pedagógicas que mobilizem a participação real dos estudantes, dependendo dela para que a construção de conhecimento ocorra, como por exemplo explorar as modalidades de resoluções colaborativas de problemas, aprendizagem por projetos e ou entre pares, aplicar uma aula com atividades maker potencializando e personalizando o ensino.

É importante também que essa construção parta do que o estudante já conhece ou vivencia. A **aprendizagem significativa** acontece, justamente, quando uma ideia nova se relaciona com conhecimentos prévios do educando, em um contexto ou situação que seja relevante para ele.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO

Uma aprendizagem significativa também é aquela que traz um currículo em que o estudante consiga se sentir representado. Nos últimos anos, a comunidade escolar e acadêmica têm debatido sobre a “descolonização do currículo”. O tema é resultado de esforços teóricos e epistemológicos dos povos subalternizados/colonizados da América Latina, Ásia e África ao mostrar que existe toda uma produção de conhecimentos historicamente invisibilizada em favor de uma ciência europeia ocidental que se construiu como a única capaz de produzir saberes objetivos, neutros e que se propõem enquanto universais. Alguns autores definem esse processo de apagamento como resultado da colonialidade do saber, do poder e do ser (STEFFEN MUNSBERG & FERREIRA DA SILVA, 2018), ou seja, epistemologias e cosmologias das regiões do mundo “não-ocidentais” foram e são consideradas inferiores em relação ao conhecimento produzido pelo hemisfério Norte.

A descolonização do currículo oportuniza que o ambiente escolar seja muito mais plural e democrático a partir da emergência de leituras de mundo plurais. Portanto, esta proposta se pauta na necessidade de espelhar a chamada cultura americana, que demarca os conhecimentos construídos por afro-brasileiros e indígenas.

Fontes: [Descolonização do currículo: por uma escola de mundos plurais \(lunetas.com.br\)](http://lunetas.com.br)

Além de aprender fazendo e partindo do que já conhece, é importante que o estudante reflita sobre esse processo, entendendo por onde passa e como funciona seu próprio aprendizado, ou seja, tornando a **aprendizagem visível**: “a perspectiva da aprendizagem visível vem intensificar os processos do aprendiz – estudante e professor – de pensar coletivamente, reconhecer seu próprio pensamento, ganhar autonomia e motivação, autoconhecimento e metacognição – a capacidade de pensar sobre seu próprio pensamento” (ANDRADE, 2021, p. 11).

Às três abordagens já descritas, incorpora-se ainda a **aprendizagem criativa**, na perspectiva apresentada por Resnick (2020), que defende que a escola como um todo deveria se tornar mais parecida com o “Jardim de Infância” (Educação Infantil, no contexto brasileiro atual). Segundo ele, a forma como é estruturada essa etapa de ensino proporciona que as crianças vivenciem um importante processo criativo no qual passam por um espiral de imaginar, criar, brincar, compartilhar e refletir, que poderia ser aplicado ao longo de toda a Educação Básica.

O autor destaca, ainda, o que chama de “quatro Ps da aprendizagem criativa”: projetos, paixão, pares e pensar brincando. Participar de projetos significa, mais ainda do que aprender fazendo, aprender criando, ou seja, momentos em que o estudante tem a oportunidade de se envolver ativamente no desenvolvimento e produção de algo novo (uma ideia, uma obra de arte, um produto, uma ação social etc.). Se esses projetos estiverem ligados a paixões e interesses dos adolescentes, o engajamento, o esforço e a dedicação se intensificam. E se puderem criar junto com seus pares, podem compartilhar, colaborar e construir algo ainda mais significativo. Por fim, a ideia de pensar brincando enquanto se está criando é a de ter liberdade para se movimentar, explorar, experimentar, colaborar, se arriscar e, até mesmo, se divertir e errar – aprendendo também com os erros.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Tem uma equipe que acompanha as pesquisas científicas e busca oportunidades de atualização acerca das questões referentes às adolescências, do processo de aprendizagem e de metodologias de ensino que dialogam com as demandas dos Anos Finais. Uma equipe que, assim, desenvolve um olhar aprofundado acerca dos sujeitos e dos processos envolvidos em sua ação educativa e conta com um repertório amplo e diversificado de metodologias.
- Forma os professores para que entendam seu papel como mediadores de uma aprendizagemativa, significativa, visível e criativa e consigam atuar nesta perspectiva.
- Favorece aprendizagens ao considerar, em consonância com a neurociência e a psicologia, que elas envolvem processos cognitivos e emocionais que são imbricados e indissociáveis.
- Promove a aprendizagem por meio de experimentações, de problematizações e da participação efetiva dos estudantes; propicia ambientes e experiências que acolhem conhecimentos e experiências prévias dos adolescentes, instigam e facilitam conexões entre o que ele já sabe e novos conhecimentos; estimula que o educando compreenda como constrói o próprio aprendizado e reflita sobre ele; possibilita que o estudante aprenda exercitando a imaginação e a brincadeira, e atuando em colaboração com os demais. Ou seja: promove a aprendizagemativa, significativa e criativa.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: Compreende que, para que as aprendizagens tenham sentido, relevância e sejam transformadoras, é necessário que sejam baseadas em um currículo em que o estudante consiga se sentir representado. Um currículo que não seja apenas pautado em perspectivas eurocêntricas do conhecimento, mas que também coloque em cena saberes produzidos por negros, indígenas, sujeitos com deficiência, pessoas LGBTQIA+, entre outras.

2.4 RECOMPOR AS APRENDIZAGENS

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar acreditar no potencial dos estudantes, cultivando altas expectativas e reconhecendo que todos são capazes de aprender, tendo foco em estratégias que interrompam o ciclo de produção de defasagens e assegurem o avanço das aprendizagens.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE LACUNAS DE APRENDIZAGEM COMPROMETEM A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL E AFETAM A MOTIVAÇÃO DO ESTUDANTE.

Ao longo da Educação Básica, as ações voltadas para a garantia de uma aprendizagem significativa dos estudantes têm sido um constante desafio para educadores e educadoras, em parte porque a aprendizagem é um processo no qual o conhecimento vai sendo construído ao longo do tempo, se apoiando nos conhecimentos já adquiridos e habilidades já desenvolvidas pelo indivíduo.

Assim, quando um conhecimento ou habilidade basilar não é desenvolvido, ao ter acesso a outros conhecimentos ou etapas da educação, o estudante apresenta grande dificuldade em continuar aprendendo. O que, muitas vezes, afeta sua motivação, autoestima e vontade de continuar os estudos. Em especial nos Anos Finais, este desafio se amplia quando consideramos as características dos adolescentes e as transformações nos aspectos físicos, cognitivos e emocionais pelas quais eles passam.

Atualmente, o que cada estudante precisa aprender em cada ano escolar está estabelecido nos referenciais curriculares das redes de ensino. No entanto, a realidade é que nem todos os estudantes aprendem tudo o que estava previsto para o ano escolar em curso e que é necessário para seguir aprendendo no ano seguinte, mesmo tendo sido aprovados e tendo avançado na trajetória escolar.

Esta situação faz com que muitos estudantes - em especial, adolescentes - acumulem lacunas de aprendizagens e habilidades que não foram desenvolvidas e consolidadas, o que impacta diretamente na progressão e no aprofundamento dos conhecimentos - gerando, assim, defasagens de aprendizagens.

É importante ter em mente que as defasagens de aprendizagem sempre estiveram presentes na realidade escolar, mas foram ainda mais aprofundadas com os impactos educacionais da pandemia de Covid-19, comprometendo a trajetória escolar dos estudantes das mais diferentes formas: as lacunas na aprendizagem aumentaram, assim como a reprovação e o abandono dos estudos; cresceram os casos de baixa autoestima e desmotivação do adolescente para participar das atividades escolares.

PORQUE É POSSÍVEL PROMOVER UMA EDUCAÇÃO EM QUE NINGUÉM FICA PARA TRÁS.

É preciso que a escola para os Anos Finais construa estratégias para que os estudantes possam superar as defasagens, interrompam o ciclo de produção de novas defasagens e assegurem o avanço das aprendizagens. Isso começa pelo reconhecimento de que todos são capazes de aprender, demonstrando altas expectativas inclusive para os estudantes que já trazem alguma defasagem. Ações paralelas que retomam conhecimentos anteriores, ao mesmo tempo em que apresentam novos conhecimentos, podem ser adotadas ao longo de todo o ano, contribuindo para que nenhum estudante fique para trás.

RECUPERAÇÃO

REFORÇO

RECOMPOSIÇÃO

É a retomada de conhecimentos e habilidades que os estudantes tiveram acesso e não conseguiram desenvolver ou consolidar ao final de um período do processo de ensino e de aprendizagem.

Ocorre por meio de ações de aprofundamento de conhecimentos e/ou habilidades que apoiam os estudantes durante o processo, muitas vezes com as mesmas práticas didáticas das aulas e atividades regulares.

É uma estratégia mais ampla e de maior duração, voltada a garantir o direito à aprendizagem dos estudantes, criada pelas Secretarias de Educação e pelas escolas, que reúne um conjunto de ações articuladas e integradas voltadas a acelerar e garantir a continuidade do processo de aprendizagem.

A **recomposição de aprendizagens** tem destaque neste Referencial Pedagógico para os Anos Finais, e envolve: acolhimento às dificuldades de aprendizagem do estudante, avaliação diagnóstica com identificação das lacunas de aprendizagem, definição de prioridades curriculares, adaptação e diferenciação das práticas pedagógicas, realização de avaliações formativas contínuas, materiais didáticos adequados aos objetivos de ensino identificados, replanejamento dos espaços e tempos de aulas e estudos, formação contínua de professores para esse tipo de trabalho¹². As ações devem estar interligadas, representando um esforço coletivo envolvendo a Secretaria de Educação, escolas, estudantes e seus familiares.



¹²Veja mais no vídeo “O que é recomposição de aprendizagens?” da Nova Escola: <https://www.youtube.com/watch?v=L1lD9wa9Z9Y&t=126s>.



A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Utiliza metodologias diversas e diferenciadas, que promovem a aprendizagem significativa e possibilitam a recomposição e o avanço das aprendizagens, além de personalizar o ensino.
- Analisa os resultados das avaliações diagnósticas e formativas para conhecer as habilidades que apresentam defasagem e realiza o acompanhamento pedagógico de cada estudante e turma.
- Realiza a priorização curricular, a partir da identificação das habilidades que não foram desenvolvidas e consolidadas pelos estudantes, e define as que estão relacionadas de forma progressiva com as habilidades do ano seguinte para compor o referencial curricular flexibilizado.
- Promove o acolhimento socioemocional aos estudantes com envolvimento dos professores e das famílias.
- Organiza os estudantes em turmas ou por agrupamentos produtivos dentro das turmas, por um período determinado, de acordo com os níveis de aprendizagem.
- Planeja a oferta de tempo escolar diferenciado, com possibilidade de ampliação de carga horária para os estudantes que apresentam mais dificuldades de aprendizagem e menores resultados nas avaliações.
- Investe na formação continuada dos professores com foco no planejamento das aulas e na utilização de recursos didáticos articulados com o referencial curricular priorizado.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: Se compromete com o desenvolvimento de medidas direcionadas aos estudantes que enfrentam barreiras de acesso à cidadania, voltadas à garantia dos direitos de desenvolvimento e aprendizagem previstos na BNCC. Respeita os diversos ritmos e modos de aprender, utiliza metodologias que valorizam as necessidades específicas de cada estudante e não deixa ninguém para trás. Há o reconhecimento da necessidade da personalização do processo de ensino e aprendizagem, para que haja equidade nas oportunidades que são disponibilizadas para os estudantes aprenderem.

RECOMENDAÇÕES PARA POTENCIALIZAR

A APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ADOLESCENTES NA ESCOLA

VALORIZAR O AMBIENTE SOCIAL	OFERECER SUPORTE EMOCIONAL
A escola precisa ser um ambiente acolhedor e inclusivo, promovendo a integração social dos alunos e fornecendo oportunidades para debates que desenvolvam habilidades sociais e emocionais. Esses ambientes de aprendizado livres de julgamentos reduzem o estresse e a ansiedade, facilitando a concentração.	A escola deve estar atenta às questões emocionais dos adolescentes e oferecer suporte adequado em caso de necessidade. É importante que a escola promova um ambiente que incentive o diálogo e a empatia entre os alunos. Um ambiente que promove pertencimento e bem-estar emocional, que são fundamentais para o desenvolvimento saudável do cérebro adolescente.
ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS	PROMOVER A APRENDIZAGEM CRIATIVA
A escola pode oferecer atividades que estimulem o raciocínio lógico, a tomada de decisões e o planejamento a longo prazo, ajudando os adolescentes a desenvolver as funções executivas do cérebro.	A escola deve ser um espaço para que os adolescentes aprendam a partir de processos criativos que envolvam imaginar, criar, brincar, compartilhar e refletir, por meio de projetos ligados a suas paixões e interesses. É preciso que os estudantes tenham liberdade para se movimentar, explorar, experimentar, colaborar, se arriscar, errar e se divertir.
EQUILIBRAR TEMPO DE APRENDIZADO E DESCANSO	INCENTIVAR A ATIVIDADE CULTURAL
A escola deve realizar atividades que contemplam a necessidade de intervalos regulares para descanso e relaxamento durante o período escolar. Pausas adequadas permitem que o cérebro processe as informações aprendidas, melhorando a retenção e a consolidação da memória.	A participação em atividades culturais, como teatro, música, dança e outras artes, pode estimular o desenvolvimento neuroplástico e ajudar os adolescentes a desenvolver competências socioemocionais importantes.
ESTIMULAR A PRÁTICA ESPORTIVA	ENSINAR SOBRE O CÉREBRO E A APRENDIZAGEM
A prática de atividades físicas pode ajudar no desenvolvimento cerebral dos adolescentes, além de contribuir para a sua saúde física e mental. Atividades físicas promovem a circulação sanguínea e a oxigenação cerebral, melhorando a capacidade de concentração, memória e aprendizagem. A escola pode oferecer atividades esportivas em sua grade curricular ou em atividades extracurriculares.	Oferecer aos estudantes informações básicas sobre o funcionamento do cérebro e como ele aprende, ajuda os adolescentes a compreenderem melhor seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento, permitindo-lhes utilizar estratégias mais eficazes.
ESTIMULAR A PLASTICIDADE CEREBRAL	FORNECER FEEDBACK REGULAR E CONSTRUTIVO
A escola necessita oferecer atividades que estimulem a criatividade, a inovação e o interesse pelos estudos, ajudando os adolescentes a desenvolver a capacidade de aprender e se adaptar a novas situações. Incentivar abordagens de ensino que envolvam a participação ativa dos alunos, como projetos práticos, discussões em grupo e aprendizagem baseada em problemas, estimula a conexão entre diferentes áreas do cérebro e fortalece a retenção e aplicação do conhecimento.	Oferecer devolutivas específicas e construtivas aos alunos permite que possam entender seu progresso e áreas de melhoria. O feedback direcionado e individualizado estimula o cérebro adolescente a ajustar e melhorar suas habilidades de forma mais eficaz.
RECOMPOR APRENDIZAGENS	
A escola precisa planejar e colocar em prática estratégias para que os estudantes possam superar as defasagens adquiridas com o tempo, assegurar o avanço das aprendizagens e interromper o ciclo de produção de novas defasagens. É preciso elaborar e implementar ações de recomposição da aprendizagem, que contribuam para que nenhum estudante fique para trás.	

CAPÍTULO 3

ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO PARA OS ANOS FINAIS...

PROMOVE O PROTAGONISMO DO ESTUDANTE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

E PARA ISSO É PRECISO...

- 3.1 ENGAJAR E FORTALECER A AUTONOMIA DOS ADOLESCENTES PARA APRENDER
- 3.2 UTILIZAR METODOLOGIAS ATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARTICIPATIVAS
- 3.3 VALORIZAR E FORTALECER O PAPEL DOS PROFESSORES
- 3.4 ESTABELECER PONTES COM OUTRAS ETAPAS



Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, os estudantes se deparam com desafios de maior complexidade, sobretudo devido à necessidade de se apropriarem das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às áreas. Tendo em vista essa maior especialização, é importante, nos vários componentes curriculares, retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes.

Nesse sentido, também é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação.

3.1 ENGAJAR E FORTALECER A AUTONOMIA DOS ADOLESCENTES PARA APRENDER

O QUE NÃO PODE FALTAR: O currículo, o espaço escolar e as práticas pedagógicas são pensados para que o adolescente se desenvolva e aprenda, levando em consideração o que a ciência já indica como evidências da relação entre aprendizagem, neuroplasticidade e fatores fisiológicos. A escola desenvolve, intencionalmente, ações que fomentem e fortaleçam o protagonismo dos adolescentes.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE É PRECISO CONSIDERAR OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS E A JANELA DE OPORTUNIDADES DE APRENDIZAGEM DOS ANOS FINAIS.

A segunda etapa do Ensino Fundamental retoma e aprofunda aprendizagens dos Anos Iniciais e, ao mesmo tempo, apresenta complexidades próprias. É uma etapa de ampliação paulatina da autonomia do estudante, demandando mais responsabilidade e organização, a fim de que possa lidar com um número maior de professores e componentes curriculares, diferentes formas de ensinar e uma quantidade maior de tarefas, trabalhos e tipos de avaliações.

O início da etapa – ou seja, o 6º ano – demanda especial atenção, pois é um momento de transição entre a configuração das atividades educativas dos Anos Iniciais, com um/a professor/a generalista e menor quantidade de componentes curriculares, e a configuração dos Anos Finais, com sua diversidade de componentes e professores. No 6º ano, é possível e pode ser oportuno, assim, uma configuração intermediária, com menos componentes e professores e foco no desenvolvimento da autonomia para os estudos, além de mais espaços para atividades ligadas à dimensão física, ao movimento corporal e ao brincar.

Por outro lado, os quatro anos que compõem os Anos Finais do Ensino Fundamental apresentam uma boa janela de oportunidade para o estudante “aprender a aprender”, porque é uma fase em que o indivíduo está bastante aberto a novas aprendizagens e experiências, à criação e à inovação (Siegel, 2016). Ao longo dos Anos Finais, uma faceta do desenvolvimento que pode amadurecer significativamente, desde que sejam utilizadas estratégias adequadas, é o protagonismo do adolescente. Tal protagonismo envolve formas de relação entre estudantes e educadores que partem da dependência, passam pela colaboração, até chegarem à autonomia. É importante considerar esses estágios no desenho de situações de aprendizagem e atividades que envolvam a participação autêntica dos adolescentes, tendo em vista em que níveis de aprendizagem e de autonomia se encontram.

Além disso, do ponto de vista do cérebro adolescente:

RECENTEMENTE, CIENTISTAS DESCOBRIRAM QUE CERTAS EXPERIÊNCIAS NÃO APENAS ESTIMULAM MUDANÇAS NEUROBIOLÓGICAS EM UM DADO MOMENTO, MAS REFORÇAM O POTENCIAL PARA FUTURAS MUDANÇAS. UMA DESCOBERTA ESPECIALMENTE INTERESSANTE É QUE DURANTE OS PERÍODOS DE ALTA PLASTICIDADE, APRENDER ALGO NOVO PODE FAZER A APRENDIZAGEM SUBSEQUENTE MAIS FÁCIL – COMO SE A DOSE INICIAL DE APRENDIZADO DEIXASSE MAIS FÁCIL APRENDER DEPOIS. SE O CÉREBRO É ESPECIALMENTE SENSÍVEL ÀS EXPERIÊNCIAS DURANTE A ADOLESCÊNCIA, NÓS PRECISAMOS SER MAIS CUIDADOSOS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS QUE NÓS OFERECEMOS AOS JOVENS.

(STEINBERG, 2014, p. 35)

Por estarem em pleno desenvolvimento de suas interações sociais, os adolescentes tendem a gostar de aprender de forma colaborativa, seja em trabalhos em equipe, debates, clubes de leitura ou estudos. Sentem-se desafiados por projetos e atividades gamificadas que estimulam a resolução de problemas do cotidiano – especialmente quando estão adequados à sua faixa etária e aprendizado.

PORQUE É PRECISO ATENÇÃO AOS ASPECTOS FISIOLÓGICOS QUE IMPACTAM NA APRENDIZAGEM DO ADOLESCENTE.

Para que a janela de oportunidades que se abre nos Anos Finais seja devidamente aproveitada, é necessário o cuidado com aspectos fisiológicos que impactam diretamente na qualidade das aprendizagens, tais como:

- Há uma correlação positiva entre atividade física e níveis de aprendizagem e inteligência em crianças em idade escolar. “O exercício físico aeróbico é capaz de aumentar o estado de atenção em avaliações, com melhores resultados nas tarefas e melhor compreensão da leitura. Crianças e adolescentes que praticam atividade física regularmente também apresentam um processamento cognitivo mais rápido.” (CpE, 2016, p. 11).
- A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que crianças e adolescentes tenham pelo menos 60 minutos de atividades físicas por dia (ou 2 sessões de 30 min/dia).
- “Múltiplas linhas de evidência indicam que o sono desempenha um papel crucial na desintoxicação metabólica, reposição de neurotransmissores e ativação de cascadas moleculares envolvidas na remodelagem sináptica. O sono favorece o aprendizado tanto antes quanto depois da aquisição de novas memórias. (...) uma pessoa que acaba de aprender coisas novas, geralmente, se beneficia de uma soneca pós-aula, capaz de promover a seleção, a consolidação e a reestruturação de memórias, bem como sua integração com memórias pré-existentes. O sono atua, portanto, na preparação e na consolidação do aprendizado” (CpE, 2016, p. 12). Pesquisas indicam que o adolescente precisa de oito a dez horas de sono por noite para a garantia do bem-estar, do desenvolvimento e da aprendizagem adequada.

- Considerando desafios que envolvem a distância casa-escola e transporte escolar, que fazem com que os alunos invistam muito tempo no deslocamento, o horário de início das aulas às sete horas da manhã (comum no Brasil) influencia no aprendizado. De acordo com os estudos, esse horário pode ser prejudicial “principalmente para adolescentes, que apresentam maior dificuldade para antecipar o horário de início do sono noturno” (CpE, 2016, p. 13). O turno ideal para as aulas seria, portanto, o da tarde.



A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Conhece e considera, em suas práticas, os desafios pedagógicos e a janela de oportunidades de aprendizagem dos Anos Finais.
- Reconhece e cuida de aspectos fisiológicos que impactam na aprendizagem do adolescente, como a realização de atividades físicas todos os dias e a garantia do sono adequado todas as noites.
- Investe em metodologias sintonizadas com as demandas do estudante adolescente: contextualização das aprendizagens; conexão entre as atividades de ensino e os interesses juvenis; desenvolvimento de atividades pedagógicas colaborativas, desafiadoras, dinâmicas e interativas.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: comprehende que as desigualdades relacionadas a fatores como gênero, raça, etnia, deficiência e orientação sexual, entre outros, podem ser mitigadas pela atenção da escola aos contextos e às demandas dos estudantes que enfrentam tais desigualdades, bem como pela adoção de estratégias metodológicas diversificadas, intencionalmente voltadas a diminuir as lacunas de acesso a oportunidades de desenvolvimento.



OS ESTUDANTES DO 6º ANO

ENFRENTAM DESAFIOS INTRÍNSECOS A MOMENTO DE TRANSIÇÃO DE ETAPA DE ENSINO.
ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO CONSIDERA SUAS ESPECIFICIDADES E NECESSIDADE



ACOLHIMENTO Precisam se sentir acolhidos e respeitados em um ambiente novo.	HETERONOMIA Vivem o final da infância e ainda apresentam maior dependência dos adultos.	NOVIDADES ESCOLARES Precisam de orientação e apresentação aos diferentes temas do currículo, professores e dinâmica da turma.
PUBERDADE Começam a viver mudanças físicas significativas e precisam de apoio na escola para entender e lidar com novos aspectos socioemocionais e práticos, fortalecendo o autoconhecimento para a construção da identidade.	MOVIMENTO Demandam tempos e espaços escolares para brincar, jogar e correr livremente.	TRANSIÇÕES EM DIÁLOGO Beneficiam-se do diálogo e da convivência com colegas e professores sobre suas dúvidas e experiências durante a transição da infância para adolescência e de etapa da educação, a fim de fortalecer o pertencimento.
AVALIAÇÃO Precisam ser avaliados de modo contínuo e processual para identificar as habilidades e aprendizagens consolidadas dos Anos Iniciais, recompondo e retomando as habilidades necessárias para a nova etapa	AUTOGESTÃO Enfrentam desafios escolares maiores e precisam desenvolver habilidades de autogestão para organizar o tempo, materiais e estudos, incluindo tarefas e prazos.	TECNOLOGIAS DIGITAIS Já usam dispositivos tecnológicos para jogar, assistir vídeos e interagir em redes sociais, sendo importante equilibrar com outras atividades. Nas aulas, o uso pedagógico das tecnologias pode ser planejado.

OS ESTUDANTES DO 7º ANO

COMEÇAM A VIVENCIAR AS MUDANÇAS CORPORAIS E SEGUEM SENDO DESAFIADOS A CONSOLIDAR AS NOVAS APRENDIZAGENS.



REGRAS DE CONVIVÍO Sentem-se mais à vontade e adaptados ao ambiente escolar dos Anos Finais e podem ser mobilizados para participar mais ativamente da construção de regras de convivência.	AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO Conhecem a lógica de organização dos conhecimentos relacionados às áreas e conseguem trabalhar com conteúdo e habilidades que aprofundam e ampliam seus repertórios de forma mais complexa e contextualizada.	PENSAMENTO ABSTRATO Estão em fase de desenvolvimento do pensamento abstrato e podem experenciar estratégias e metodologias de ensino que envolvam ainda mais participação ativa, colaboração entre pares e compreensão textual.
LUDICIDADE Engajam-se em atividades e situações de aprendizagem que envolvam a ludicidade e as brincadeiras.	ESTRATÉGIAS DE ESTUDO Podem já estar mais organizados em relação às diferentes atividades e tarefas escolares, sentindo-se preparados para avançar no estabelecimento de técnicas e rotinas de estudo que apoiam a aprendizagem dentro e fora do espaço e tempo escolar.	AUTORREGULAÇÃO Conseguem refletir sobre seu próprio aprendizado e desenvolvimento a partir de diferentes estratégias de autoavaliação e de rotinas de pensamento.
PEDIR AJUDA Precisam aprender, de forma intencional e planejada, a identificar suas emoções, suas preferências, a se comunicar e a pedir ajuda quando necessário.	CONFLITOS E VIOLÊNCIA ESCOLAR Necessitam ver na escola uma aliada ao lidar com situações de exclusão ou bullying e para ter ferramentas de resolução de conflitos.	CORPO E ARTE Podem se beneficiar com o desenvolvimento de hobbies ou habilidades ligadas a linguagens artísticas, esporte, entre outros.

OS ESTUDANTES DO

8º ANO

PRECISAM ENFRENTAR A EFERVESCÊNCIA HORMONAL, A INTENSIFICAÇÃO DAS MUDANÇAS CORPORAIS E A NECESSIDADE DE ASSUMIR UM PAPEL DE MAIOR PROTAGONISMO EM SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM.



ACOLHIMENTO Podem participar de ações de recepção e acolhimento dos estudantes que chegam aos Anos Finais, apoiando a transição que já vivenciaram antes.	COLABORAÇÃO E AUTONOMIA Necessitam de uma escola que defina limites, ao mesmo tempo em que respeita e estimula sua crescente autonomia.	DIFERENCIADA Desejam se diferenciar dos adultos (familiares e professores), buscando independência e afirmado sua identidade, o que pode gerar conflitos. Se beneficiam de escolas que conseguem construir vínculos saudáveis e produtivos com estudantes e famílias.
FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE Estão descobrindo quem são e construindo ativamente sua identidade, identificando preferências e gostos, o que faz com que se engajem mais ativamente em atividades e projetos que dialogam com suas realidades e com as culturas juvenis.	ENGAJAMENTO SOCIAL Desenvolvem o chamado "cérebro social", estabelecendo conexões sociais ampliadas. Desejo de realizar e fazer a diferença no mundo.	PROJETOS São capazes de participar de projetos com nível de complexidade maior, que envolvam investigação, reflexão e análise crítica de fenômenos naturais, sociais ou culturais.
ESTRATÉGIAS DE ESTUDO Estão em uma fase propícia para conhecer e experimentar diferentes formas de estudar, seja individualmente ou com os pares, apoiados por materiais, técnicas e orientações dos professores.	FUTURO Começam a pensar sobre o futuro próximo de forma mais constante, sendo oportunidade estruturar atividades nas quais refletem sobre o que desejam e sonham para os próximos anos.	REDES SOCIAIS Utilizam as redes sociais com mais frequência e autonomia, demandando orientações e formações sobre o uso dessas tecnologias de forma crítica, reflexiva e ética.

OS ESTUDANTES DO

9º ANO

PERCEBEM AS RESPONSABILIDADES E DESAFIOS DE ENCERRAR UM CICLO E INICIAR UMA NOVA ETAPA DE ENSINO. ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO APOIA OS ESTUDANTES A VIVENCIAREM ESSE ANO ESCOLAR DE FORMA POSITIVA E SAUDÁVEL.



FIM DE CICLO Estão encerrando um ciclo importante da vida escolar e é importante que vivenciem o último ano do Ensino Fundamental conscientes da relevância desse momento.	AUTONOMIA São capazes de participar de projetos que envolvam criação, planejamento, execução e avaliação de soluções para questões sociais, comunitárias e escolares.	RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS Mostram-se motivados a vivenciar aventuras e desafios, podendo se engajar em propostas pedagógicas que os provoquem na resolução de problemas e construções coletivas.
METAS ACADÉMICAS Podem aprender sobre a importância de estabelecer objetivos e metas acadêmicos e começar a exercitar esse tipo de planejamento.	SAEB Precisam de momentos estruturados para conhecer o Saeb e se preparem para a prova.	PROJETOS São capazes de participar de projetos com nível de complexidade maior, que envolvam investigação, reflexão e análise crítica de fenômenos naturais, sociais ou culturais.
ENSINO MÉDIO Podem estar ansiosos e curiosos pela próxima etapa escolar, sendo essencial promover momentos de pesquisa e trocas sobre o que é o Ensino Médio e o que podem esperar dele.	FUTURO Começam a pensar sobre o futuro próximo de forma mais constante, sendo oportunidade estruturar atividades nas quais refletem sobre o que desejam e sonham para os próximos anos.	ANSIEDADE DECISIONAL Enfrentam escolhas cruciais que moldarão seus futuros, exigindo apoio e orientação para tomarem decisões informadas e confiantes, além de ajuda para lidar com a ansiedade deste momento.

3.2 UTILIZAR METODOLOGIAS ATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARTICIPATIVAS

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar compreender o estudante como protagonista de seu desenvolvimento e aprendizagem, promovendo situações que estimulem a retomada de conhecimentos prévios com identificação do que ainda não aprendeu, o questionamento de pressupostos, a conexão entre seus interesses e experiências com novos conteúdos, o levantamento de hipóteses, a tomada de decisões responsável, a participação ativa, a vivência de processos criativos e o diálogo e a negociação com outras pessoas.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE METODOLOGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUALIFICADAS SÃO ESSENCIAIS PARA PROMOVER O ENVOLVIMENTO ATIVO E A PARTICIPAÇÃO DO ESTUDANTE.

Um elemento essencial do planejamento docente é a escolha de quais metodologias serão utilizadas e quais atividades serão realizadas em cada momento da aula ou situação de aprendizagem. Essas definições passam pelas preferências, conhecimentos e capacidades dos professores, mas são direcionadas, acima de tudo, pelos objetivos que se pretende alcançar em termos de desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes.

Afinal, uma metodologia é um conjunto de métodos; e a palavra método, de acordo com o “Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras”, vem do grego e diz respeito ao caminho para se atingir determinado fim. “Servir-se de um método é, antes de tudo, tentar ordenar o trajeto através do qual se possa alcançar os objetivos projetados”¹³.

Quando nos referimos a metodologias, estamos então falando de um conjunto de propósitos e estratégias, articulados ao projeto pedagógico da escola, que o professor planeja e implementa com o objetivo de promover a aprendizagem. As metodologias são o fio condutor das práticas pedagógicas: das atividades que o docente desenvolve junto aos estudantes, no cotidiano escolar, para concretizar suas intencionalidades educativas.

Quando o objetivo é envolver o adolescente ativamente na construção da aprendizagem, a melhor estratégia para o professor é se valer das chamadas metodologias ativas. As práticas pedagógicas participativas são as atividades educativas desenvolvidas a partir e por meio do envolvimento e da participação do estudante.

PORQUE AS METODOLOGIAS ATIVAS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARTICIPATIVAS DIALOGAM COM POTENCIALIDADES DA ADOLESCÊNCIA.

A adoção de metodologias ativas e práticas pedagógicas voltadas ao protagonismo, ao envolvimento, à participação e à experimentação de situações concretas e desafiadoras pelo estudante é um caminho que aproveita diversas das potencialidades cognitivas e socioemocionais em desenvolvimento nessa fase, além de oportunizar a personalização do ensino.

¹³ Fonte: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/metodo/>. Acesso em 30 ago. 2023.

Para potencializar o processo de ampliação da autonomia dos estudantes, torna-se valioso estabelecer momentos e práticas individuais que demandem organização e responsabilidade dos estudantes sobre seu próprio aprendizado. A sala de aula invertida – na qual o estudante se apropria de um conteúdo antes do momento coletivo, preparando-se para ele – e roteiros de estudo – elaborados pelo professor, mas seguidos de forma autônoma pelos estudantes –, são exemplos de estratégias que podem contribuir para que todos os adolescentes “aprendam a aprender”.

A adolescência é também um período em que o raciocínio abstrato e o pensamento conceitual estão em pleno desenvolvimento e, portanto, o estudante dos Anos Finais já pode ser apresentado a situações-problema mais complexas, sendo mobilizado para encontrar possibilidades de respostas e explicações que incorporem novos conhecimentos e habilidades àqueles já adquiridos anteriormente. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio de projetos, debates e atividades que envolvam dilemas éticos. Além disso, é possível estimular que os adolescentes começem a refletir de forma mais intencional sobre sua aprendizagem, estabelecendo rotinas de pensamento: estruturas para questionar, escutar e documentar o pensamento (ANDRADE, 2021, p. 17).

Outra característica da etapa é que mudanças que acontecem no cérebro levam a um aumento do desejo por gratificação. Esse movimento, aliado ao desenvolvimento do raciocínio abstrato, pode impulsionar uma motivação interna para imaginar e criar, percebendo o mundo de novas e diferentes maneiras. Por isso, são recomendadas estratégias de ensino que convidem o estudante a aprender fazendo, alinhadas às metodologias ativas e combinadas por atividades maker, por meio de experimentos, vivências e produções que mobilizem diferentes linguagens, mídias e plataformas. Também são importantes as situações que envolvem autoria, quando o adolescente tem a oportunidade de criar e compartilhar suas produções, sendo estimulado a apreciá-las e a querer ser reconhecido por elas.

É indicado prever também situações nas quais os estudantes se sintam desafiados por meio de estratégias de gamificação, ou seja, atividades que utilizam elementos próprios dos jogos, como pontuações, fases e recompensas. Podem ser elaborados jogos e gincanas, mas também adaptações do que já faz parte do planejamento do professor, de forma a incluir tais elementos de gamificação. Entra aqui, ainda, a possibilidade de inclusão de situações lúdicas de aprendizagem, tão presentes na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, mas que podem se fazer presentes, também, entre os adolescentes. Para isso, é necessário abrir espaço para a brincadeira e acolher, assim, a irreverência que também marca a adolescência. Jogos e brincadeiras também são momentos propícios para trabalhar a importância de regras, combinados, questões morais e éticas. Vale destacar que os recursos assistivos criados para facilitar acesso aos estudantes com deficiência podem ser utilizados como princípio das brincadeiras e jogos, engajando a participação destes adolescentes nas atividades e também promovendo uma integração mais lúdica com os demais estudantes e professores.

Um ponto de atenção é que, apesar de um certo nível de competição fazer parte dessas práticas, elas apresentam uma boa oportunidade de promover a colaboração entre os adolescentes. Para além de identificar quem ganha ou quem perde, é importante incentivar que a aprendizagem e o desenvolvimento de cada estudante se tornem objetivo e responsabilidade de todos da turma. Neste sentido, vale destacar que o aumento do engajamento social na adolescência favorece a aprendizagem entre pares, quando as atividades e estratégias são pensadas de forma que a colaboração entre os estudantes seja necessária para a construção do conhecimento ou para se atingir determinado objetivo estabelecido conjuntamente.

Por ser uma fase de intensa descoberta e afirmação da identidade, o desejo de participação se amplia na adolescência. E a participação ativa do estudante é potencializada quando o planejamento das aulas e situações didáticas valoriza, contempla e incorpora os seus interesses, além de elementos do universo juvenil, de forma integrada ao currículo e aos objetivos de aprendizagem. Compreender os interesses e diferentes realidades dos adolescentes faz com que a escola consiga estabelecer um diálogo propulsivo e acolhedor. Promover rodas de conversa e leitura, saraus, espaços interativos e dinâmicos fortalece os vínculos, a aprendizagem e amplia as possibilidades da escola garantir a representatividade racial, de gênero, de sexualidade, territorial, entre outras.

Os adolescentes desejam, ainda, ver sentido no que aprendem e se sentir parte do processo. Portanto, é desejável que sejam compartilhados com eles os objetivos de aprendizagem e o que é esperado de sua participação e aprendizagem ao final de uma aula, atividade, projeto, bimestre ou outro recorte pré-estabelecido pelo planejamento docente.

COMO OS ADOLESCENTES APRENDEM?

Os adolescentes aprendem o que vivenciam.	Se os adolescentes vivem sob pressão, aprendem a ser estressados.	Se os adolescentes convivem com o fracasso, aprendem a desistir.	Se os adolescentes convivem com a rejeição, aprendem a se sentir inseguros.	Se os adolescentes convivem com muitas regras, aprendem a driblá-las.	Se os adolescentes convivem com poucas regras, aprendem a ignorar as necessidades dos outros.
Se os adolescentes convivem com promessas não cumpridas, aprendem a se decepcionar.	Se os adolescentes convivem com o respeito, aprendem a ter consideração pelos outros.	Se os adolescentes convivem com a confiança, aprendem a dizer a verdade.	Se os adolescentes convivem com mentes e corações abertos, aprendem a se descobrir.	Se os adolescentes convivem com as consequências de seus atos, aprendem a se tornar responsáveis.	Se os adolescentes convivem com a responsabilidade, aprendem a ser autossuficientes.
Se os adolescentes convivem com hábitos saudáveis, aprendem a cuidar de seus corpos.	Se os adolescentes convivem com o apoio, aprendem a se aceitar melhor.	Se os adolescentes convivem com a criatividade, aprendem a compartilhar seus talentos.	Se os adolescentes recebem carinho e atenção, aprendem a amar.	Se os adolescentes convivem com expectativas positivas, aprendem a construir um mundo melhor.	Dorothy Law Nolte Rachel Harris



A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Reconhece o estudante como o centro do processo de ensino e aprendizagem. Em função disso, escolhe, planeja e adapta as práticas pedagógicas de acordo com as especificidades dos adolescentes em cada ano escolar e nível de aprendizado e desenvolvimento.
- Dá ênfase às metodologias ativas, que envolvem o adolescente ativamente na construção da aprendizagem, e práticas pedagógicas que possibilitam o envolvimento e a participação ativa e protagonista do estudante.
- Compreende e faz uma conexão entre as metodologias ativas, as práticas pedagógicas participativas e as especificidades da etapa da adolescência, como o desejo por protagonismo, participação e interações com os pares, a abertura ao novo, o aguçamento da imaginação e da criatividade.
- Estimula que os adolescentes começem a refletir de forma mais intencional sobre sua aprendizagem, identificando o que não aprenderam e estabelecendo rotinas de pensamento: estruturas para questionar, escutar e documentar o pensamento.
- Compreende os interesses e diferentes realidades socioculturais dos adolescentes e, assim, estabelece um diálogo propulsivo e acolhedor com eles.
- Utiliza estratégias metodológicas que favorecem o protagonismo e a participação: projetos, debates, atividades que envolvam dilemas éticos, experimentações, processos que envolvam autoria, trabalho colaborativo em pares e grupos, sala de aula invertida, rodas de conversa e leituras, saraus.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: utiliza metodologias que envolvem medidas de equidade, ou seja, de superação de barreiras de acesso relacionadas a gênero, raça, etnia, orientação sexual e outras marcas identitárias, e que sejam inclusivas também do ponto de vista das distintas deficiências.



3.3 VALORIZAR E FORTALECER O PAPEL DOS PROFESSORES

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar reconhecer que o professor é essencial no processo de ensino e de aprendizagem, apoiando o planejamento e a implementação de propostas pedagógicas e situações de aprendizagem coerentes, engajadoras e significativas para os estudantes.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE O PROFESSOR É QUEM COLOCA O CURRÍCULO EM PRÁTICA JUNTO AOS ADOLESCENTES.

São os professores que colocam o currículo em prática no dia a dia da escola. Promovem um ambiente propício à promoção do protagonismo, ao desenvolvimento integral e à aprendizagem, acreditando que todos podem aprender e demonstrando essa crença para cada um dos adolescentes, alavancando a inclusão e a equidade. Na mediação entre os objetos de conhecimento e o estudante, orientam, questionam, apoiam, provocam reflexões, observam e avaliam. Vale lembrar que promover o protagonismo do estudante não significa recusar a dimensão de autoridade do professor, que continua uma influência construtiva para os adolescentes.

Nessa perspectiva, é essencial que o professor desenvolva intencionalmente sua presença pedagógica, criando conexões significativas com os adolescentes no dia a dia. Ou seja, que consiga estar presente de forma ativa na vida escolar dos estudantes: tendo compromisso com a aprendizagem, exercitando o acolhimento e a abertura, orientando nos processos de aprendizagem, mediando situações de conflitos e contribuindo para a construção de um clima de confiança e respeito.

Para que tudo isso seja possível, a equipe docente precisa ter oportunidades de vivenciar um processo de formação continuada em que, por meio da chamada homologia de processos, ele possa experimentar as próprias metodologias que é estimulado a utilizar junto aos estudantes - compreendendo os fundamentos, objetivos e as práticas que viabilizam essas metodologias -, bem como buscar, coletivamente, fortalecer sua prática pedagógica e seu desenvolvimento profissional.

ATUAÇÃO DOCENTE EM PROL DA DIVERSIDADE E DA EQUIDADE

Para que o professor consiga potencializar sua presença pedagógica e a relação com os estudantes, é importante levar intencionalmente para a sala de aula reflexões e práticas relacionadas aos marcos sociais da diferença, tais como raça, gênero, sexualidade e classe, que impactam o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes.

Nesse contexto, é essencial que todos tenham conhecimento sobre as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório incorporar as contribuições das comunidades negras e indígenas em todas as áreas do conhecimento, abrangendo uma variedade de produções artísticas, acadêmicas e científicas. A partir desse conhecimento, abordar criticamente os recursos didático-pedagógicos é fundamental para a elaboração de um currículo e de práticas pedagógicas abrangentes e adequadas que evitem simplificações unilaterais.

PORQUE É PRECISO OFERECER AOS PROFESSORES OPORTUNIDADES PARA QUE SE APROPRIEM DE TEMAS E METODOLOGIAS FUNDAMENTAIS PARA A ATUAÇÃO NOS ANOS FINAIS.

As atividades de formação docente são de grande importância para articular demandas, que surgem no dia a dia da escola, por aprimoramento das práticas pedagógicas; diretrizes, conceitos e orientações definidas na legislação e nas políticas públicas; além de referências conceituais e metodológicas desenvolvidas por órgãos de gestão da educação, pelas redes de ensino, pelas próprias escolas e por universidades e centros de pesquisa.

TEMAS IMPORTANTES PARA AS AÇÕES DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS FINAIS (LISTA EXTRÁIDA E ADAPTADA DE PORVIR, 2017)¹⁴



ADOLESCÊNCIA: Ampliar o acesso dos educadores a referências, pesquisas e dados relacionados a esta fase da vida (psicologia, comportamento, neurociência, desenvolvimento físico e emocional, entre outros) e assuntos de interesse dos adolescentes (sexualidade, drogas, música, movimentos culturais, cidadania, direitos humanos, sustentabilidade, empreendedorismo etc.).

EDUCAÇÃO INTEGRAL: Formar os professores para promover o desenvolvimento integral dos estudantes (intelectual, socioemocional, físico e cultural), trabalhando de forma integrada com conhecimentos, habilidades, atitudes e valores.

NOVAS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS: Por homologia de processo, incorporar conteúdos e abordagens mais alinhados com os estudantes e as demandas do século 21; desenvolver a capacidade dos docentes de planejar e implementar práticas pedagógicas mais contemporâneas, ativas e interativas; instrumentalizar os educadores para atuar como mediadores da aprendizagem.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E NÃO SEXISTA, DECOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO, INTERSECCIONALIDADE, MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA E EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: Formar os professores para que tenham um olhar interseccional para os estudantes. A escola é um espaço de encontro de diferentes corpos, sujeitos e experiências, e, por isso, é um lugar fundamental no questionamento das desigualdades. A interseccionalidade, enquanto conceito e prática, é uma poderosa ferramenta de combate às opressões. A partir disso, uma educação antirracista e decolonial serão desdobramentos dessa perspectiva.

PERSONALIZAÇÃO: Buscar um olhar mais personalizado para seus alunos, e a capacidade de mapear e considerar suas especificidades e diversidades socioculturais, acompanhando de perto o seu processo de aprendizagem e propondo estratégias que se adequem a seu perfil, ritmo, interesses e necessidades.

TECNOLOGIA: Promover formações que habilitem técnicos, gestores escolares e professores a promover o uso das tecnologia nas escolas para potencializar o engajamento, a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes; preparar professores para incorporar as tecnologias nas suas práticas pedagógicas.

BNCC: Revisar e implementar currículos alinhados com a Base Nacional Comum Curricular, refletindo sobre qual a educação que queremos, a importância de se promover um percurso contínuo da Educação Infantil ao Ensino Médio, o ser humano que se deseja formar ao final da Educação Básica.

AVALIAÇÃO: Formar a comunidade escolar para entender, interpretar e utilizar os indicadores de aprendizagem da escola para tomar decisões, planejar e definir estratégias de intervenção e superar seus desafios; apoiar as equipes escolares a desenvolver processos avaliativos que tenham como foco o desenvolvimento integral dos estudantes, o fortalecimento das capacidades de gestão das escolas e do desempenho dos professores.

¹⁴PORVIR. Como formar professores dos Anos Finais. Blog Porvir, 20/10/2017. Publicação eletrônica. Disponível em: <https://porvir.org/professores-como-formar-professores-para-os-anos-finais/>. Acesso em 30 ago. 2023.





A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Oferece oportunidades formativas para que o professor possa se apropriar de diretrizes, conceitos, metodologias e temáticas necessárias para planejar estratégias e desenvolver atividades pedagógicas que sejam adequadas às especificidades do estudante adolescente.
- Realiza formações continuadas junto à equipe escolar, que tratam de temas fundamentais para a promoção da aprendizagem ativa, participativa e significativa junto aos adolescentes. Temas como a compreensão da adolescência a partir de estudos atuais da neurociência e da psicologia, entre outras áreas; conceitos básicos de educação integral no contexto da adolescência; novas abordagens pedagógicas, sintonizadas com as demandas do adolescente do século 21; estratégias de personalização do ensino; uso das tecnologias nas escolas para potencializar aprendizagens; alinhamento do currículo da escola à BNCC; metodologias de avaliação formativa.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: Promove formações da equipe escolar sobre as desigualdades raciais, de gênero, de orientação sexual e enfrentadas pelas pessoas com deficiência, que destacam o impacto das mesmas nas trajetórias dos estudantes; repertório e forma a equipe quanto a estratégias e ferramentas para identificar e problematizar práticas de racismo, machismo, homofobia e capacitismo. Oferece, ainda, processos formativos para que os professores se tornem aptos a desenvolver estratégias de personalização do ensino que apoiem estudantes em seus diferentes contextos de oportunidades e desafios.

3.4 ESTABELECER PONTES COM OUTRAS ETAPAS

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar criar conexões entre o que os estudantes já vivenciaram em sua experiência escolar e o que irão experenciar e aprender nos Anos Finais, apoiando-os a enxergar a aprendizagem como um processo de construção contínua.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE É PRECISO ATUAR JUNTO AO ESTUDANTE PARA QUE A TRANSIÇÃO ENTRE AS ETAPAS SEJA UMA EXPERIÊNCIA SEGURA E POSITIVA.

Os estudantes chegam aos Anos Finais tendo como referência do que é a vida escolar as experiências vividas nas etapas anteriores. Ao se depararem com as mudanças desta nova etapa, podem se sentir inseguros, ansiosos e preocupados. É papel da escola acolher esses sentimentos, sem minimizá-los, e ajudar tais estudantes a vivenciarem as novas situações e formatos escolares.

Além disso, é importante reconhecer que a Educação Infantil e os Anos Iniciais proporcionam situações, metodologias e brincadeiras bastante pertinentes também para os adolescentes dos Anos Finais, estimulando a participação, a imaginação, a criatividade, a organização, a colaboração e o desenvolvimento socioemocional.

A construção de pontes entre as etapas de ensino requer práticas pedagógicas intencionais, planejadas e continuadas. Por exemplo: para possibilitar que os estudantes se envolvam nas novas dinâmicas, se apropriem delas e se sintam acolhidos e informados na transição do 5º para o 6º ano, o professor pode estabelecer uma rotina de sala de aula em conjunto com eles, deixando-a exposta para que seja relembrada sempre que necessário ou acordado previamente. Essa estratégia pode ajudar a desenvolver a organização e a responsabilidade, além de apoiar adolescentes que se sentem inseguros ou ansiosos.

Outro exemplo de ação possível é a criação de momentos como os chamados cantos diversificados, nos quais os estudantes escolhem qual atividade desejam fazer (dentro de opções oferecidas pelo professor) e durante quanto tempo. Podem ser oferecidos livros, jogos de tabuleiro, materiais artísticos, entre outros. Os cantos diversificados incentivam a autonomia e o autoconhecimento e, dentro da proposta pedagógica de uma aula, podem ser bons momentos de ludicidade, fruição e brincadeira.

Por fim, para construir as bases de um bom processo de transição para a etapa seguinte – a conclusão dos Anos Finais e o ingresso no Ensino Médio –, é importante uma ação pedagógica continuada, voltada a consolidar, ao longo dos Anos Finais, o engajamento do estudante com a escola, assegurar aprendizados que facilitem a continuidade dos estudos e desenvolver a capacidade de tomada de decisão. Assim, são criadas as condições necessárias para que os adolescentes sigam para o Ensino Médio com segurança e tranquilidade.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...



- Está atenta a angústias e dificuldades que podem ser vivenciadas pelos estudantes nas transições entre etapas – dos Anos Iniciais para os Finais, e depois dos Anos Finais para o Ensino Médio – e, assim, acolhe e escuta os estudantes, identificando desafios, planejando e implementando ações com o objetivo de fazer com que as transições de etapas sejam experiências seguras e positivas.
- Compartilha com os estudantes os objetivos de aprendizagem e o que é esperado de sua participação – ação que ajuda o adolescente que está chegando aos Anos Finais a compreender as dinâmicas, processos e atividades educativas da etapa.
- Utiliza jogos e brincadeiras, considerando-os momentos propícios para trabalhar a importância de regras, combinados, questões morais e éticas, e ainda como práticas lúdicas que mantêm uma conexão com atividades marcantes dos Anos Iniciais.
- Ao longo de todo o percurso dos Anos Finais, promove o desenvolvimento de habilidades essenciais para que o adolescente dê continuidade aos estudos e passe por uma transição segura quando concluir a etapa e ingressar no Ensino Médio.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: A equipe escolar é conscientizada de que, do conjunto dos estudantes, pessoas negras, indígenas, com deficiência e LGB-TQIA+ são as que mais acumulam defasagens de aprendizagem e têm os maiores índices de abandono escolar. E essa equipe promove ações de acolhida, focadas nas realidades desses públicos, para que os momentos de transição entre as etapas de ensino não aprofundem as vulnerabilidades, nem gerem evasão. Também desenvolve estratégias e promove ações, ao longo de todas as séries dos Anos Finais, para apoiar esses alunos nas suas demandas singulares de recomposição de aprendizagens, motivando-os a permanecer na escola, apostando na continuidade de seus estudos até o Ensino Médio e além.

CAPÍTULO 4

ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO PARA OS ANOS FINAIS...

FAVORECE ESPAÇOS E AMBIENTES PREPARADOS PARA A APRENDIZAGEM, O ACOLHIMENTO, A PARTICIPAÇÃO E A CONVIVÊNCIA

E PARA ISSO É PRECISO...

- 4.1. FAZER DOS ESPAÇOS ESCOLARES AMBIENTES QUE POTENCIALIZAM OS PROCESSOS EDUCATIVOS
- 4.2. PROMOVER UM AMBIENTE ESCOLAR DE CONVIVÊNCIA ÉTICA, PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA E ATUAÇÃO CIDADÃ



4.1. FAZER DOS ESPAÇOS ESCOLARES AMBIENTES QUE POTENCIALIZAM OS PROCESSOS EDUCATIVOS

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar compreender que os espaços físicos precisam ser pensados e organizados respeitando a faixa etária, as demandas e interesses dos estudantes. Os diferentes ambientes são planejados e estruturados para serem acolhedores e promoverem a aprendizagem, a convivência, a resolução de conflitos e a expressão das culturas adolescentes.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE ESPAÇOS PLANEJADOS E ORGANIZADOS PARA ACOLHER AS ADOLESCÊNCIAS FAVORECEM A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL.

A escola que prioriza a educação integral dos adolescentes entende seu espaço físico como uma parte importante dos processos educativos, buscando potencializar a aprendizagem, o acolhimento, a participação e a convivência. As salas de aula, pátios, quadras, refeitório, banheiros, corredores e os demais ambientes são organizados de forma a promover situações de aprendizagem na vivência cotidiana, na experimentação, nas brincadeiras e nas interações. É papel da equipe escolar refletir continuamente sobre mudanças no espaço físico que possam acolher as demandas fisiológicas, intelectuais e socioemocionais dos estudantes dos Anos Finais.

A ESCOLA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE MENSTRUAL

Pobreza menstrual é um termo usado para se referir a situações nas quais não há condições adequadas para a realização da higiene menstrual, em razão da falta de acesso a itens básicos, como absorventes, serviços de saneamento, e informações sobre o tema da menstruação. Atualmente, já se sabe que a pobreza menstrual é um fator que conta para as faltas e até mesmo a evasão escolar, uma vez que estudantes que menstruam podem se sentir envergonhadas e vulneráveis ao ir para a escola neste período do mês. Neste sentido, é preciso que a escola seja um espaço acolhedor às transformações corporais de pessoas que menstruam, garantindo proteção à saúde menstrual. Vale lembrar que, em 2023, a presidência da República editou o decreto que regulamenta a Lei nº 14.214/21 e instituiu o Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual.

Essa é uma fase de grande engajamento social: Os adolescentes começam a experimentar novos modos de ser e conviver e, na interação com seus pares, ressignificam questões identitárias, estabelecendo pontes entre o passado (quem fui), o presente (quem sou) e o futuro que desejam (quem eu quero ser). Esse intenso processo de reorganização e amadurecimento físico e psíquico impacta o modo com que os estudantes adolescentes convivem dentro e fora das salas de aula.

Todas essas vivências acontecem nos variados espaços da escola. Tais espaços, portanto, precisam ter a cara dos adolescentes. O modo como eles são configurados pode favorecer ou não

o acolhimento, as trocas, a aprendizagem ativa, o bem-estar. Todos os espaços podem ser reconfigurados de acordo com a intencionalidade que se deseja alcançar. Por exemplo, um espaço de assembleia que contempla a participação genuína dos estudantes se torna mais efetivo quando as pessoas envolvidas estão organizadas em roda, de modo que cada um e cada uma possa ver e ser visto, garantindo o turno da palavra de todos. Paredes podem receber intervenções dos adolescentes, de modo planejado e colaborativo, tornando a escola um cenário vivo de manifestações criativas. A criação de grêmios estudantis e conselhos escolares, com espaços físicos próprios, também favorece a participação protagonista e o acolhimento das demandas e interesses dos adolescentes.

ESPAÇOS DE PARTILHA

Nesta fase, é importante que os adolescentes encontrem na escola espaços e oportunidades, como rodas de conversa, para que possam falar de si, de suas emoções e sonhos. Para que os espaços sejam de fato seguros e acolhedores, é fundamental que haja uma pessoa responsável por mediar a conversa, estimulando as trocas, acolhendo as demandas e conciliando possíveis pontos de conflito. Podem ser pessoas que compõem a equipe escolar ou profissionais parceiros ou contratados, com formação e experiência para isso. Podem propor temas potentes como ponto de partida: conversas com os meninos sobre masculinidades, espaços para que as meninas possam falar sobre os significados de serem meninas, de serem meninas negras, sobre violência de gênero (que se manifesta nos assédios, na violência sexual, no controle do corpo de meninas e mulheres), entre outros.

A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Tem uma infraestrutura que se aproxima das necessidades e interesses do estudante adolescente, que contempla espaços de convívio, descanso, lazer e prática de atividades físicas, além de repensar os usos de grades, portões, paredes, portas e outros tipos de barreiras e limites físicos entre os espaços e os adolescentes.
- É um espaço em que os adolescentes se sentem acolhidos, seguros, apoiados, pertencentes e engajados. Isso se traduz não só numa infraestrutura adequada, mas também – e sobretudo – em espaços em que os estudantes se reconheçam e se sintam bem. Para isso, é necessário que eles sejam ouvidos e possam participar dos momentos de configuração de estruturas e mobiliários.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: Trabalha ativamente pela eliminação de barreiras, no ambiente físico e social, que impeçam ou dificultem a participação plena de todos os estudantes nas atividades – barreiras arquitetônicas, comunicacionais, metodológicas, instrumentais, atitudinais. Além disso, mobiliza sua equipe para criar ambientes de ensino que ofereçam os suportes que se façam necessários para que todas as pessoas aprendam. Por fim, estimula e capacita seus profissionais para a utilização de recursos de acessibilidade e a criação de soluções que auxiliem a aprendizagem de pessoas com deficiência (AIC e FUNDAÇÃO VALE, 2020).

4.2. PROMOVER UM AMBIENTE ESCOLAR DE CONVIVÊNCIA ÉTICA, PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA E ATUAÇÃO CIDADÃ

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar reconhecer que sua ação educativa se estende a todos os espaços da escola e, em tais espaços, promover ações mediadoras e propor atividades de conversa, debate, reflexão, interação, além de experiências artísticas e culturais, entendendo-as como oportunidades para que os estudantes vivenciem situações de interação que lhes possibilite desenvolver habilidades relacionadas à convivência, à participação e à atuação cidadã.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE A CONVIVÊNCIA ÉTICA, A PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA E AS ATITUDES CIDADÃS SÃO DESENVOLVIDAS EM EXPERIÊNCIAS CONCRETAS QUE ACONTECEM NOS ESPAÇOS ESCOLARES.

A palavra espaço, de um lado, diz respeito às estruturas físicas que constituem a escola – salas, quadras, banheiros etc. De outro, se associa à ideia de abrir espaço: estabelecer momentos e mobilizar as pessoas para determinadas práticas. É considerando esse segundo significado que falamos em construir espaços de participação e de convivência ética na escola.

Trata-se de uma construção que envolve diferentes dimensões:

- **INSTITUCIONAL:** Garantir espaços de gestão participativa e desenvolver estratégias dialógicas para resolução de conflitos, considerando diferentes colegiados da escola.
- **CURRICULAR:** Garantir espaços no currículo para discutir a convivência, valores, desenvolvimento socioemocional.
- **PESSOAL-RELACIONAL:** Considerar a qualidade dos relacionamentos de toda a comunidade escolar envolvida, de modo que o exemplo seja a materialização cotidiana da convivência ética e corresponsável.

É importante indicar que a convivência é ética quando se reconhece o outro com quem se relaciona como legítimo. Legitimar o outro, por sua vez, é considerar que ele tem igual direito a existir, ter atitudes próprias, formar e expressar opiniões. É respeitar o que ele tem de singular na conformação do corpo, no estilo, no modo de se expressar, nas práticas culturais e religiosas. É reconhecer que ele tem direito a construir suas percepções e posicionamentos, por mais distintos que sejam dos meus. Trata-se de uma perspectiva diametralmente oposta à intolerância, aos discursos de ódio e às práticas de silenciamento e cancelamento hoje tão comuns, por exemplo, nas redes sociais.

Já a participação democrática diz respeito ao envolvimento ativo das pessoas nas escolhas e decisões que têm implicações na vida coletiva, como a elaboração de regras e normas. Na perspectiva democrática, em situações de conflito as soluções são construídas com base no diálogo,

no debate e na negociação de pontos de vista. Trata-se de uma perspectiva diretamente oposta à das medidas autoritárias, tomadas sem escuta à coletividade afetada por elas.

Por fim, as atitudes cidadãs são aquelas pautadas pelo compromisso, individual e coletivo, em criar condições para que todas as pessoas tenham o mesmo direito de acessar todas as oportunidades educativas oferecidas pela escola, de circular por todos os espaços, e de se envolver nas atividades relacionadas à comunidade de que faz parte. Envolve combater preconceitos e discriminações, abrir-se ao outro, atuar colaborativamente e ser solidário. Trata-se de uma perspectiva fundamentalmente oposta aos processos de discriminação, exclusão social e opressão.

Conviver de forma ética, construir práticas democráticas e realizar ações cidadãs é algo que se aprende nas interações concretas e cotidianas, em desafios vivenciados no dia a dia. No contexto da escola, cabe a gestores e professores o papel de, nos variados espaços, fomentar, promover e mediar situações práticas em que os estudantes exercitem o diálogo e a participação, lidando com diversidades, limites, divergências, conflitos – e, no processo, aprendam a conviver. Cabe a eles, ainda, fomentar o envolvimento do estudante em ações participativas e colaborativas em prol do bem comum.

Os espaços de participação e convívio da escola necessitam, ainda, ser planejados com o objetivo de fomentar interações positivas, prevenir violências, mediar. E isso envolve não somente os estudantes, mas toda a comunidade escolar. É importante considerar estratégias intencionais e planejadas para que os adolescentes, ao ocupar e interagir nos espaços, possam aprender a conviver com as diferenças, a vivenciar relacionamentos construídos a partir do respeito mútuo e de comunicação empática e assertiva.

PORQUE É POSSÍVEL CRIAR, NOS ESPAÇOS ESCOLARES, PRÁTICAS COTIDIANAS DE CONVIVÊNCIA ÉTICA, DA PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA E DA ATUAÇÃO CIDADÃ.

PRÁTICAS DE CUIDADO COM AS PESSOAS

Os ambientes escolares devem ser espaços que promovam o acolhimento e favoreçam o desenvolvimento das habilidades socioemocionais pelos estudantes. Isso demanda práticas de cuidado. Por isso, a equipe escolar deve ser estimulada e ser formada para a escuta sensível e a percepção das singularidades de cada estudante.

Para agir desta forma, é preciso, muitas vezes, repensar as práticas cotidianas. Por exemplo: o diretor pode receber os estudantes e familiares na porta da escola, periodicamente, bem como realizar rodas de conversa com os adolescentes. O Conselho de Classe pode ser repensado, de modo a não ser apenas um espaço protocolar de decisões sobre aprovações e reprovações, tornando-se um espaço de discussão da situação integral de cada estudante, e de como combinar os esforços em prol do enfrentamento aos desafios identificados ao longo da análise dos casos. O Grêmio Estudantil precisa ser encarado pela gestão escolar como um direito dos estudantes, garantindo que ele exista e seja mantido de modo democrático, contemplando uma atuação voltada ao acolhimento, ao desenvolvimento e representação do corpo discente. Também é importante fomentar outros modos de organização e participação dos adolescentes na escola, que não apenas os colegiados representativos, de modo que todos tenham a oportunidade de vivenciar agrupamentos (como os clubes juvenis, por exemplo) em que possam experimentar a alternância entre os papéis de ser líder e de liderado.

De outro lado, é preciso ter em mente que a escola precisa gerar bem-estar e pertencimento para todos os que fazem parte dela, o que envolve familiares, professores e outros funcionários. A gestão escolar deve, portanto, planejar estratégias de identificação, escuta ativa, acolhimento e encaminhamento para questões de saúde mental ou emocional enfrentadas tanto pelos estudantes quanto por familiares e pessoas da equipe.

PRÁTICAS DE CUIDADO COM AS RELAÇÕES

É essencial cuidar das relações, criando um clima escolar positivo. O clima positivo possibilita um melhor desempenho dos estudantes, maior participação profissional dos professores e gestores, além de um ambiente saudável, promovendo o bem-estar de todos.

Um bom clima escolar é importante para a educação de qualidade, pois envolve: bons relacionamentos; um ambiente de confiança e cuidado; processo de ensino e de aprendizagem desenvolvido com qualidade; espaços de participação e de resolução dos conflitos com diálogo; vínculos próximos e fortalecidos com famílias e comunidade; boa comunicação; a construção de regras justas – o professor não pode, por exemplo, dar aula sobre diálogo e justiça, mas ter atitudes abusivas e não dialogar com os alunos.

O professor e todos os demais integrantes da equipe escolar têm o dever de tratar o estudante com respeito, nisso se estabelecem as bases para a boa convivência. Não é possível pensar em convivência respeitosa considerando os estudantes como um grupo homogêneo. As dificuldades relacionais podem ser agravadas pelas desigualdades de gênero, raça, etnia e condição social. Estratégias de diminuição das desigualdades precisam, assim, caminhar lado a lado com as ações em prol da boa convivência.

PRÁTICAS DE NÃO VIOLÊNCIA

A cultura do diálogo e da resolução não violenta de conflitos deve ser construída o tempo todo. A comunidade escolar deve tratar do problema da violência construindo uma cultura que a desestimule, e estar atenta ao fato de que não se responde a esse problema com medidas de repressão (que também são atos violentos, uma vez que são impostos sem diálogo). A construção de uma cultura de não-violência envolve fomentar a abertura e valorização da diversidade, promover a resolução de conflitos a partir da escuta sensível e da promoção do diálogo, não banalizar ou naturalizar pequenas violências do dia a dia.

Os casos de ataques às e nas escolas ocorridos nos últimos anos geraram uma onda de apreensão. É importante não ter um olhar alarmista em relação ao problema, mas lidar de forma assertiva com a superexposição dos estudantes às redes sociais e a conteúdos de ódio e intolerância. É preciso, portanto, pensar na questão da segurança digital. Outro grande ponto que os ataques e ameaças dos últimos tempos reforçam é a urgência de se trabalhar aspectos relacionados ao bem-estar físico e mental, uma vez que os casos de violência, via de regra, envolvem questões psicológicas.

PRÁTICAS CONTRA O PRECONCEITO E O BULLYING/CYBERBULLYING

Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2017), o estresse tóxico relacionado a agressões físicas, morais e verbais, vivenciadas sobretudo nos ambientes escolar e familiar, é um importante fator de risco para a depressão na infância. Por isso, o bullying/cyberbullying precisam ser enfrentados ativamente, com rodas de conversa, debates, campanhas educativas, sensibilização de uso e segurança de dados e de privacidade juntos às redes sociais e com abordagens que promovam a cultura digital junto aos estudantes, fomentando um ambiente seguro e acolhedor.

É importante que a escola realize diagnósticos (com questionários anônimos respondidos por todos os estudantes, por exemplo), para detectar situações de bullying/cyberbullying, pois essa violência muitas vezes não é perceptível à primeira vista. Apelidos vexatórios, perseguição, ridicularização da vítima em função de características físicas ou de sua personalidade são alguns exemplos de agressões que, quando cometidas sistemática e repetidamente, constituem essas ações na esfera presencial e virtual.

PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

Segundo a especialista no tema Sherol dos Santos, “uma educação antirracista é aquela que entende que vivemos em uma sociedade racista, em que as relações entre as pessoas são pautadas também a partir do lugar social e racial que elas ocupam, e se preocupa em preparar indivíduos que possam se colocar contra esse sistema, gerador de maior desigualdade”¹⁵. Para isso, adverte, é preciso construir mudanças no currículo, nas lógicas, nos discursos, nas posturas e nos modos de tratar as pessoas negras, o mesmo devendo ocorrer com pessoas indígenas e de outros grupos minoritários.

Ainda de acordo com a especialista, uma condição básica para a construção dessas mudanças é a inserção da pauta antirracista no projeto pedagógico da escola, para que o enfrentamento ao racismo se faça presente em todos os componentes curriculares. Outra condição basilar é o engajamento tanto da comunidade quanto da equipe escolar à causa. Nesse contexto, o professor torna-se um agente multiplicador que realiza, na sala de aula e nos demais espaços da escola, atividades de ensino, rodas de conversa, eventos culturais e acadêmicos que tratam de questões raciais, culturais e de representatividade, além de promover a diversidade como um valor junto à comunidade escolar.

Assim sendo, há diversos caminhos para a escola demonstrar que a educação para as questões étnico-raciais é um pressuposto fundamental nas relações, tanto nas salas de aula quanto nas ações formativas do corpo docente.

PRÁTICAS DEMOCRÁTICAS

A democracia pode ser aprendida pela vivência de processos democráticos – ou seja, de processos de deliberação sobre questões de interesse comum, nos quais todos os envolvidos podem se expressar, sendo os encaminhamentos decididos por meio de diálogo, do debate respeitoso, da construção de consenso ou da votação.

Para possibilitar a experimentação de processos democráticos, a escola promove o protagonismo e a participação dos estudantes em instâncias como grêmios, coletivos, clubes juvenis, momentos de entrada/saída/recreio; constrói combinados colaborativamente para organizar a participação dos adolescentes dentro e fora das salas de aula.

¹⁵NOVA ESCOLA. O que é educação antirracista. Publicação on-line (26/10/2020). Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/19855/o-que-e-educacao-antirracista>. Acesso em 31 ago. 2023.

IDEIAS PARA PROMOVER O PROTAGONISMO E TRANSFORMAR OS ESPAÇOS

CONVIDAR TODA A COMUNIDADE ESCOLAR A PENSAR OS ESPAÇOS, DEFINIR PRIORIDADES E ESTRATEGIAS PARA REFORMAS E ADAPTAÇÕES. A comunidade escolar pode ser convidada para conversas de levantamento de sugestões acerca dos espaços da escola, nas quais podem ser lançadas perguntas como: os espaços da sala de aula, os laboratórios, os locais de convívio e lazer estão bem aproveitados, oferecem conforto, favorecem as interações, a participação dos estudantes e a utilização de metodologias ativas de aprendizagem? Diagnosticados os pontos de melhoria, mobiliários podem ser rearranjados, paredes podem ser pintadas, intervenções artísticas podem ser feitas. Mutirões podem ser uma boa estratégia para viabilizar melhorias e engajar os adolescentes, a equipe escolar, as famílias e a comunidade no cuidado com o espaço da escola.

FAZER DO LABORATÓRIO CIENTÍFICO UM LUGAR INSTIGANTE. O que será que o estudante pensa do laboratório da escola? Ele associa o que acontece ali à sua vida? Como o laboratório pode fazer mais sentido e ser mais atrativo? É possível fazer essas perguntas para os próprios adolescentes e, junto com eles, realizar pequenas intervenções para deixar o espaço do laboratório mais interessante. Afinal, experimentar é uma palavra essencial na fase de vida do estudante dos Anos Finais. Os laboratórios devem ser, então, muito explorados. Além disso, mesmo em sala de aula, é possível propor atividades práticas, em que os estudantes possam se movimentar e se expressar.

UTILIZAR DE FORMA EFETIVA AS SALAS E OS RECURSOS DE APRENDIZAGEM PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. A “sala de recursos multifuncionais”, que faz parte da estrutura da escola pública, oferece várias ferramentas de promoção da aprendizagem que atendem diferentes necessidades das pessoas com deficiência. Essa sala precisa, portanto, ser efetivamente usada como um recurso de promoção do acesso de tais pessoas à aprendizagem. É preciso que ela seja utilizada com propósito e de forma adequada, de modo a promover a inclusão de todos os estudantes com deficiência.

CRIAR ESPAÇOS E CANTOS MAKER: a cultura maker oferece uma gama de possibilidades para os estudantes desenvolverem a criatividade, o pensamento crítico e a resolução de problemas de forma colaborativa. É possível criar cantos maker pela escola e na sala de aula, para que os estudantes possam ressignificar o currículo de maneira prática e criativa, propondo soluções a diferentes temáticas, como melhorar o ambiente escolar, cultivar hortas sustentáveis e apresentar artefatos para problemas reais do território educativo.

CRIAR ESPAÇOS DE ARTE, CULTURA E TROCAS. O universo da arte e da cultura tem um grande papel na construção da identidade pelo adolescente, e precisa fazer parte do ambiente escolar. É interessante destinar espaços da escola que possam acolher criações, apresentações e exposições artístico-culturais, bem como eventos de troca de conhecimentos e de debates. A “cara” e a programação desses espaços devem ser criadas com a participação dos estudantes.

CRIAR “CANTINHOS” DE CONVIVÊNCIA E DESCANSO BEM ACOLHEDORES. Eles podem ter puffs ou almofadas coloridas, móveis feitos com materiais reaproveitados como caixotes, peças de madeira descartadas e pneus, além de livros e jogos de tabuleiros. A criação coletiva desses cantinhos, envolvendo os adolescentes, pode ser muito rica em aprendizados!

(RE)INVENTAR ESPAÇOS DE LEITURA. Para fomentar a leitura, vale fazer intervenções na biblioteca, para que seja mais alegre e colorida; promover “clubes do livro” (encontros de leitura comentada de certas obras escolhidas pelos integrantes) nos mais variados espaços; espalhar a literatura pela escola, com pinturas e cartazes com trechos de citações literárias de autores conhecidos e dos estudantes, varal de poesia, cordéis e fanzines.

PRIORIZAR A NATUREZA. Especialmente nos espaços abertos da escola, é importante prever que os adolescentes tenham contato com terra, grama, árvores, jardins e hortas. Vale planejar esses “espaços verdes” para as brincadeiras, momentos de convívio e de aprendizagem, de forma bastante acolhedora. Mas os sujeitos da escola merecem a oportunidade de ir além, passando de usuários a criadores de espaços verdes. Processos de criação participativa e colaborativa de pequenas hortas e jardins em espaços da escola podem ser momentos prazerosos e capazes de engajar toda a comunidade escolar, proporcionar o convívio e ampliar a sensação de pertencimento dos sujeitos à escola. Intervenções verdes nos espaços também tornam a escola mais bonita e agradável. Adicionalmente, hortas e jardins podem ser fontes de atividades de pesquisa. Por fim, as hortas podem gerar alimentos para dar um toque especial à merenda.

USAR O PÁTIO DO RECREIO COM CRIATIVIDADE. O pátio pode ser espaço para inovar nas práticas de interação, lazer e cultura. É possível, por exemplo, montar uma rádio no pátio do recreio, com poucos recursos (uma caixa de som com microfone e um grupo de alunos e professores animados podem ser o pontapé inicial para a experiência). Vez por outra, o recreio pode ter show de talentos, gincana, eventos temáticos.

PERMITIR O MOVIMENTO FÍSICO E CORPORAL. É preciso que os estudantes tenham a possibilidade de movimentar o corpo livremente em determinados espaços e tempos escolares. É o famoso “gastar a energia”! Não adianta reclamar que adolescentes não param de usar o celular se, em momentos de recreio e intervalos, por exemplo, não podem correr, dançar, pular e brincar.

CONVIDAR A COMUNIDADE ESCOLAR A PROPOR ATIVIDADES E APRESENTAÇÕES NOS ESPAÇOS DA ESCOLA. Desse convite podem nascer iniciativas interessantes, tais como: saraus (encontros de poesia e música); cineclubes (encontros para ver e comentar filmes); slams (competições de poesia); batalhas de rima do hip hop; dia de oficinas (artesanato, culinária, dança) oferecidas por todos da comunidade escolar; feiras de ciência e tecnologias, festivais de arte e cultura.

criar momentos para que os estudantes possam refletir sobre os marcadores sociais que os atravessam. Discussões sobre masculinidades, feminilidades, racismo, LGBTQfobia, sexualidade, entre outros, devem ter espaço dentro da escola. Para isso, é possível promover rodas de conversa e oficinas junto aos estudantes, mediadas por um profissional com vivência nos temas.

PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO COM AS FAMÍLIAS

O relacionamento com as famílias precisa ser ressignificado, para que elas sejam aliadas da escola na promoção do desenvolvimento integral do adolescente.

Para construir bons vínculos com os familiares dos estudantes, é preciso: ter ações de acolhimento e comunicação continuada; realizar projetos de intervenções positivas na escola e na comunidade, que envolvam a participação das famílias; realizar, junto a elas, rodas de conversa sobre questões da adolescência; possibilitar participações em ações pedagógicas, promover encontros de discussão do desenvolvimento de cada estudante, enfatizando as potencialidades e engajando as famílias na ampliação das potencialidades e no enfrentamento aos desafios.

PRÁTICAS DE INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE

É essencial que a escola se integre à vida da comunidade, abrindo as portas a ela (realizando e recebendo eventos da comunidade) e estabelecendo parcerias para atividades educativas nos espaços do entorno. Também é importante desenvolver estratégias de comunicação, para que a comunidade fique por dentro do que acontece na escola.

Outro aspecto de grande importância é conectar-se a redes de serviços de saúde e assistência social, para o encaminhamento de casos em que seja necessário o acionamento de tais serviços. Assim, são estabelecidas redes de apoio às quais os adolescentes possam recorrer.



A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...

- Tem uma equipe comprometida com o desenvolvimento de estratégias e atividades, espalhadas pelos variados ambientes escolares, que colocam os estudantes diante de situações concretas em que se faz necessário o exercício de habilidades relacionadas à convivência democrática, à participação e à cidadania.
- Utiliza seus espaços para promover práticas de cuidado com os integrantes da comunidade escolar, priorizando pessoas em situações de vulnerabilidade; para a realização de conversas, eventos e intervenções artístico-culturais que engajam, criam diálogos e colaborações entre diferentes sujeitos da comunidade escolar.
- Valoriza a diversidade presente na sociedade e no ambiente escolar com vistas à superação da hierarquização das diferenças, estimulando o trabalho com conteúdos que efetivamente valorizem o conhecimento, as identidades, as histórias das populações historicamente ocultadas ou violentadas nos materiais didáticos.
- Envolve a comunidade escolar no planejamento dos usos dos espaços da escola e na construção de intervenções voltadas a melhorá-los e adaptá-los.
- Promove, nos espaços escolares, projetos de exercício do protagonismo juvenil, como intervenções para tornar os laboratórios e outras estruturas mais interessantes; eventos artístico-culturais realizados com ampla participação de toda a comunidade escolar; mutirões de criação de “cantinhos” de convivência, espaços de leitura e espaços verdes; atividades de lazer e de comunicação no pátio, abertas à livre participação dos adolescentes.
- Destina espaços da escola para a produção, a exposição e a circulação de produções dos estudantes (criações visuais, literárias, científicas e tecnológicas), de modo que tais composições sejam constitutivas de tais espaços.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: Envolve os adolescentes, as famílias e as equipes escolares em momentos de escuta e em atividades de mapeamento da diversidade entre os estudantes, bem como na identificação das barreiras de acesso presentes nos espaços e nas atividades escolares. A partir de tais levantamentos, mobiliza novamente a comunidade escolar para conceber e se envolver na implementação de adaptações nos espaços, com vistas a eliminar barreiras de acesso identificadas; elaborar propostas, nos campos da diversidade, da acessibilidade e da inclusão, a serem incorporadas ao projeto pedagógico da escola; desenvolver eventos, campanhas e outras atividades de combate a práticas de discriminação nos espaços escolares. Realiza, nos mais diferentes espaços da escola, atividades acadêmicas e culturais, além de campanhas e mobilizações antirracistas e de prevenção e combate a outras práticas de preconceito e discriminação.

CAPÍTULO 5

ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO PARA OS ANOS FINAIS

DEMANDA UMA GESTÃO PARTICIPATIVA QUE RECONHECE E VALORIZA O ADOLESCENTE

E PARA ISSO É PRECISO...

5.1 ALINHAR AS AÇÕES DE GESTÃO ÀS CARACTERÍSTICAS DE DESENVOLVIMENTO DA ADOLESCÊNCIA E SUAS POTENCIALIDADES

5.2 COMPREENDER PAPÉIS E RESPONSABILIDADES DA GESTÃO INTEGRADORA



5.1. ALINHAR AS AÇÕES DE GESTÃO ÀS CARACTERÍSTICAS DE DESENVOLVIMENTO DA ADOLESCÊNCIA E SUAS POTENCIALIDADES

O QUE NÃO PODE FALTAR: Uma gestão atenta e cuidadosa com as adolescências, que promove o desenvolvimento integral e uma escola construída coletivamente com participação ativa da comunidade escolar. Compreende as especificidades dos Anos Finais e dos estudantes desta etapa, é comprometida com a aprendizagem e aberta à escuta ativa, ao diálogo e ao trabalho colaborativo.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE A GESTÃO ESCOLAR QUE COMPREENDE O ESTUDANTE DESTA ETAPA COMPARTILHA COM TODA A EQUIPE O MESMO ALINHAMENTO PEDAGÓGICO.

Os processos, atividades e práticas pedagógicas que constituem o dia a dia da escola são conduzidos e coordenados pela gestão escolar, formada, na maior parte das vezes, pelo(a) Diretor(a), Vice-diretor(a) e Coordenador(a) Pedagógico(a). A função destes profissionais passa pelo planejamento mais amplo da unidade escolar, garantindo a coerência de todas as ações com os referenciais curriculares nacionais e locais e com o PPP da escola, pela gestão financeira e da equipe, o cuidado com a infraestrutura e a relação com secretaria e parceiros técnicos e institucionais.

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DIGITAIS PARA PROFESSORES E GESTORES ESCOLARES

É essencial que professores e gestores possam também desenvolver competências digitais, abrangendo as esferas pedagógica, profissional e cidadania digital, conforme descriptores do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB). Na esfera pedagógica, as competências digitais permitem que os educadores incorporem tecnologias de forma eficaz em suas práticas de ensino, promovendo aulas mais dinâmicas e interativas, realizando análise de dados e o uso de inteligência artificial. Além disso, essas competências favorecem o uso de recursos digitais para personalizar o aprendizado e o ensino, atendendo às necessidades individuais e coletivas dos estudantes. Na esfera profissional, as competências digitais permitem que os professores se mantenham atualizados sobre as tendências e inovações educacionais, além de facilitar a colaboração e o compartilhamento de recursos com outros profissionais e a apropriação do pensamento computacional. Já na esfera da cidadania digital, os professores conseguem orientar os estudantes sobre o uso seguro, ético e responsável da tecnologia, promovendo a consciência sobre a privacidade, segurança e respeito on-line. Ao desenvolver essas competências nos próprios gestores e professores, a escola ajuda-os a se prepararem para enfrentar diferentes desafios e aproveitar as oportunidades da era digital, proporcionando uma educação de qualidade e com equidade, e formando cidadãos digitais conscientes, críticos e responsáveis.

As características próprias da etapa dos Anos Finais requerem um formato de atuação da equipe gestora em que todos conheçam e consigam desenvolver e acompanhar as ações pedagógicas na escola. Uma gestão escolar integrada consegue ter visibilidade e atuar conjuntamente nos desafios e nas oportunidades.

É preciso que a gestão escolar comprehenda quem é o estudante desta etapa, como ele vivencia as mudanças que chegam com a adolescência e os desafios e descobertas que encontra nos Anos Finais. Garantir tempos, canais e espaços de escuta, de acolhimento e de participação autêntica dos adolescentes na tomada de decisões que os afetam permite que os gestores façam planejamentos de modo a construir uma escola que seja, de fato, dos e para os adolescentes. Além disso, é essencial que haja um trabalho de integração com toda a comunidade escolar para contribuir com as tomadas de decisão da gestão escolar, partindo da escuta ativa, de um diagnóstico robusto e da compreensão de papéis e responsabilidades, não apenas da equipe gestora, mas de toda a equipe da escola.

É essencial, ainda, que os gestores coordenem as transições entre etapas, a fim de que sejam vistas mais como continuidade do processo de aprendizagem, do que como rupturas e descontinuidades. Nesse sentido, não se pode perder de vista que os professores nos Anos Finais são especialistas, que lecionam em seus respectivos componentes, sendo interessante que os gestores consigam orientá-los cotidianamente em relação a temas pedagógicos como as diferentes formas de aprender, o planejamento das práticas pedagógicas com metodologias que estimulem e motivem a participação, a organização de processos avaliativos que contribuam para o desenvolvimento integral do estudante adolescente e as relações de convivência.

Diante deste cenário, este Referencial Pedagógico propõe uma gestão descentralizada, que contribui para o estabelecimento de uma rotina de gestão nas seguintes dimensões, detalhadas no tópico a seguir: gestão democrática e participativa, gestão pedagógica, gestão da cultura escolar, gestão do cotidiano escolar, gestão administrativa e gestão de pessoas.



5.2. COMPREENDER PAPÉIS E RESPONSABILIDADES DA GESTÃO INTEGRADORA

O QUE NÃO PODE FALTAR: Práticas e rotinas de gestão planejadas e participativas, com papéis bem definidos dentro da equipe gestora.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE A DEFINIÇÃO DE PAPÉIS E PROCESSOS FAVORECE A ATUAÇÃO COLABORATIVA E O ENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES.

Diante de tantas atribuições e do dia a dia dinâmico vivenciado nas escolas, não é incomum que a gestão seja feita, em muitos momentos, de forma emergencial e intempestiva, na busca da resolução imediata a problemas que aparecem ou de executar uma determinada demanda. Assim, para que nada fique sem o olhar atento dos gestores, é necessário que esses profissionais reservem tempos específicos e planejem ações para implementar rotinas de organização dos processos educacionais que contemplam as demandas de uma escola dos e para os adolescentes.

Ser gestor exige gestão do tempo, organização e planejamento para realizar as diversas demandas que a liderança requer e, ao mesmo tempo, dar prioridade para a construção de uma relação cotidiana e de confiança com todos os profissionais e com os estudantes. Neste sentido, é essencial que haja um trabalho colaborativo entre os profissionais que compõem a equipe gestora, com construção de um ambiente de confiança e parceria. Isso pode ser feito com acordos, combinados, uma boa comunicação e também com a definição objetiva de papéis dentro da equipe gestora.

A IMPORTÂNCIA DE INSTITUCIONALIZAR PROTOCOLOS

A fim de agir com mais rapidez e eficiência, é importante que a gestão escolar consiga institucionalizar alguns protocolos de atuação, a partir de concepções e diretrizes pré-determinadas. Um exemplo são os casos de racismo ou LGBTfobia, nos quais é possível desenhar previamente planos de ação considerando os diferentes cenários – a depender de quem são as pessoas envolvidas, ou da gravidade da situação. Por exemplo: o caso envolve o âmbito criminal e a família deve ser orientada a procurar uma delegacia? Ou é uma situação que demanda intervenções pedagógicas contínuas? Esses protocolos devem ser debatidos coletivamente e incorporados ao PPP ou nos planos de gestão escolar, assim, serão de conhecimento de toda a equipe e comunidade. Neste sentido, também é importante que a equipe gestora e docente tenha conhecimento e protocolos institucionalizados com relação às diferenças entre “zoeira”, bullying e violência/opressão/crime.

O quadro a seguir traz, para cada uma das dimensões da gestão escolar, algumas das principais responsabilidades dos profissionais que compõem a equipe gestora em uma escola dos e para os adolescentes, para a construção de um trabalho integrado, intencional e com liderança participativa.

DIMENSÃO	COORDENADOR(A) PEDAGÓGICO(A)	DIRETOR(A)
GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA	<p>Escutar os estudantes sobre seus interesses, desafios, demandas e formas de aprendizagem, para oportunizar a revisão do planejamento pedagógico e planos de aulas e orientar os docentes para práticas e metodologias que engajem os adolescentes.</p> <p>Estimular e incentivar a participação da comunidade escolar nas ações desenvolvidas pela escola.</p>	<p>Estabelecer canais de comunicação acessíveis a todos.</p> <p>Construir espaços de participação genuína dos estudantes, considerando não somente os grêmios estudantis e representação no conselho escolar, mas também ações de participação que envolvam todos os estudantes, como assembleias, fóruns de discussão e votações para tomada de decisões.</p>
GESTÃO DO COTIDIANO ESCOLAR	<p>Realizar acolhimento permanente, especialmente dos estudantes do 6º ano, em fase de transição.</p> <p>Realizar acolhida e diálogos com os estudantes na entrada/chegada e nos espaços de convivência da escola.</p> <p>Manter mapeamento da frequência dos estudantes para identificar quantos e quais são os que mais faltam e buscar conhecer os motivos e prevenir abandono e evasão.</p> <p>Acompanhar os tempos/horários de aulas e demais atividades pedagógicas para estimular a participação de todos.</p> <p>Promover ambientes seguros para que os adolescentes possam errar e onde eles sejam ouvidos sem julgamento, mas com acolhimento.</p>	<p>Realizar acolhimento e diálogos com os estudantes na entrada/chegada e nos espaços de convivência da escola, aproximando a figura do gestor com os adolescentes, criando um vínculo de confiança e transmitindo segurança.</p> <p>Realizar acompanhamento do fluxo de saída dos estudantes adolescentes antes do término das aulas por situações específicas (como por sentir cólicas menstruais ou ter uma crise de ansiedade) ou recorrentes (buscar o irmão na escola) que possam comprometer a permanência destes adolescentes na escola.</p>

DIMENSÃO	COORDENADOR(A) PEDAGÓGICO(A)	DIRETOR(A)
GESTÃO PEDAGÓGICA	<p>Orientar os professores no planejamento que contemple a recomposição das aprendizagens e apresentem diferenciação de práticas pedagógicas para os estudantes adolescentes.</p> <p>Acompanhar e orientar o desenvolvimento dos processos avaliativos desde a elaboração dos instrumentos até a utilização dos resultados para revisar os planos de aulas e fazer intervenções pedagógicas.</p> <p>Analisar os resultados das avaliações diagnósticas e formativas para dialogar com os professores, estudantes e famílias, valorizando os avanços e planejando ações de superação das defasagens de aprendizagem identificadas.</p> <p>Proporcionar aos adolescentes o conhecimento sobre o desenvolvimento do seu cérebro, fazendo com que eles percebam suas mudanças e potencialidades e fornecer formação aos professores sobre essa etapa da vida e seu neurodesenvolvimento.</p> <p>Planejar e realizar formação junto aos professores sobre temas como comunicação assertiva, planejamento reverso e ferramentas digitais que potencializam o processo de ensino e aprendizagem e garantem a inclusão.</p>	<p>Acompanhar junto com o Coordenador Pedagógico o desenvolvimento e o avanço da aprendizagem, observando não apenas as notas, mas também comportamento, participação em atividades em grupo e como estão lidando com suas emoções. Com este olhar, a gestão pode promover conversas, espaços coletivos e mudanças significativas no processo que podem ajudar os adolescentes em suas dificuldades e acompanhar os seus avanços.</p> <p>Liderar o planejamento pedagógico com foco no fomento a formação continuada dos professores no ambiente escolar e na recomposição das aprendizagens dos estudantes.</p>
GESTÃO DA CULTURA ESCOLAR	<p>Proporcionar espaço e tempo para trocas de experiências e vivências entre professores, estudantes, famílias e entre os pares.</p> <p>Assegurar o desenvolvimento de atividades próprias para a adolescência e que contribuam para o desenvolvimento integral dos estudantes.</p>	<p>Acompanhar junto com o Coordenador Pedagógico as atividades escolares voltadas para atender às demandas dos adolescentes nos aspectos cognitivos e socioemocionais.</p>

DIMENSÃO	COORDENADOR(A) PEDAGÓGICO(A)	DIRETOR(A)
GESTÃO ADMINISTRATIVA	<p>Acompanhar a necessidade de alocação de professores por turma junto com o Diretor para atender melhor as especificidades de cada ano dos Anos Finais.</p> <p>Apoiar o Diretor na tomada de decisão sobre a utilização dos recursos financeiros de modo que conte com as demandas próprias dos estudantes adolescentes.</p>	<p>Fazer o gerenciamento das alocações de profissionais que atuam na escola reconhecendo sempre as necessidades de aprendizagem e desenvolvimento dos adolescentes.</p> <p>Coordenar e executar as ações com a utilização de recursos financeiros com a participação da comunidade escolar e do grêmio estudantil, reconhecendo as especificidades da etapa dos Anos Finais.</p>
GESTÃO DE PESSOAS	<p>Planejar e coordenar formações continuadas em serviço para os professores pautadas no atendimento aos temas próprios da etapa dos Anos Finais para os adolescentes e nas demandas pedagógicas que forem identificadas.</p> <p>Orientar, incentivar e estimular a participação dos professores em formações que promovam o desenvolvimento profissional para atuação pedagógica com adolescentes.</p> <p>Observar as práticas de ensino, com indicações de ações para aprimoramento.</p> <p>Propor intervenções pedagógicas próprias para a etapa dos Anos Finais, que motivem e incentivem a participação e o engajamento dos estudantes.</p>	<p>Orientar e acompanhar as ações formativas para os profissionais que atuam na escola.</p> <p>Buscar melhores condições de organização da rotina escolar para que os professores tenham a possibilidade de participar de momentos formativos na escola.</p>

CAPÍTULO 6

ESTE REFERENCIAL PEDAGÓGICO PARA OS ANOS FINAIS...

RECOMENDA A AVALIAÇÃO FORMATIVA PARA A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM

E PARA ISSO É PRECISO...

6.1. IMPLEMENTAR UMA AVALIAÇÃO FORMATIVA QUE DIALOGUE COM AS ADOLESCÊNCIAS



6.1. IMPLEMENTAR UMA AVALIAÇÃO FORMATIVA QUE DIALOGUE COM AS ADOLESCÊNCIAS

O QUE NÃO PODE FALTAR: A equipe escolar defender uma concepção e adotar estratégias para uma avaliação dialógica, colaborativa e inclusiva, com foco no desenvolvimento e na autorregulação da aprendizagem. A avaliação formativa acontece de forma contínua e envolve diferentes práticas e instrumentos avaliativos.

POR QUE É IMPORTANTE?

PORQUE A AVALIAÇÃO FORMATIVA QUE ENFOCA CARACTERÍSTICAS DO ADOLESCENTE É UMA POTENTE FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE DOS ANOS FINAIS.

A aprendizagem para todos é um princípio e um direito dos estudantes e encontra nas práticas de avaliação um caminho estruturante e estruturado para que esse direito seja assegurado. Superando-se a ideia de avaliação como prova-nota ou instrumento de controle, barganha, culpabilização e punição dos estudantes, a avaliação neste Referencial Pedagógico é vista como um poderoso instrumento para a promoção das aprendizagens e do desenvolvimento integral, partindo da premissa de que todos são capazes de aprender e apresentam diferentes formas e tempos de aprendizado. Portanto, ela também precisa estar adequada com todos os recursos de acessibilidade, promovendo atividades que dialoguem com as diferentes condições das deficiências, distúrbios e transtornos.

Este Referencial adota como perspectiva central uma avaliação formativa, que envolve o estudante ao longo de todo o processo e aproveita características próprias das adolescências, como a construção da identidade, a tendência à problematização e questionamento e a abertura a novidades, para mobilizá-los a refletir sobre si mesmos e suas aprendizagens. Valoriza o desejo do estudante por mais autonomia e também por interação, e articula essa disposição com momentos de autoavaliação e avaliação entre pares.

AVALIAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

Promover uma avaliação para a aprendizagem e desenvolvimento integral envolve considerar abordagens diferenciadas e alternativas para intervir no processo cognitivo e socioemocional. Estas são algumas estratégias que podem ser utilizadas:

Projetos práticos: Propor projetos que permitam aos estudantes aplicar o conhecimento adquirido de forma prática. Pode incluir a criação de protótipos, experimentos científicos, produção de vídeos ou apresentações, entre outros.

Portfólios: Incentivar os estudantes a criar portfólios que demonstrem seu desenvolvimento e aprendizado ao longo do tempo. Pode incluir amostras de trabalhos, reflexões sobre o processo de aprendizagem e evidências de habilidades desenvolvidas.

Avaliação por rubrica: É uma abordagem que estabelece critérios específicos e explícitos de avaliação, organizados em uma matriz ou tabela. Cada critério é descrito em diferentes níveis de desempenho por meio de textos descritivos (as rubricas), permitindo que tanto professor quanto estudante indiquem com qual nível ele mais se identifica no momento da autoavaliação. Ao apresentar os argumentos que justificam essa identificação com determinada rubrica, os professores podem fornecer feedback detalhado aos estudantes, destacando seus pontos fortes e áreas de melhoria em relação a cada critério. Além de incentivar o desenvolvimento contínuo das habilidades trabalhadas, pois sua aplicação pode ser realizada diversas vezes, ao longo de uma mesma situação de aprendizagem.

Avaliação por pares: Promover a avaliação entre os próprios estudantes, incentivando-os a fornecer feedback construtivo uns aos outros, desenvolve habilidades de análise e comunicação, e também promove a colaboração e o aprendizado mútuo.

Simulações e jogos educacionais: Utilizar simulações e jogos que permitam aos estudantes aplicar seus conhecimentos em situações reais ou fictícias estimula o pensamento crítico, a resolução de problemas e a tomada de decisões.

Observação e registros: Observar os estudantes em ação durante atividades práticas e registrar suas habilidades, comportamentos e progresso ao longo do tempo. Pode ser feito por meio de anotações, registros fotográficos ou vídeos.

É importante lembrar que as estratégias de avaliação devem estar alinhadas aos objetivos de aprendizagem e aos critérios de avaliação estabelecidos. Além disso, é fundamental fornecer feedback construtivo aos estudantes, destacando suas aprendizagens e pontos de melhoria, para que possam continuar a desenvolver suas habilidades.

PORQUE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM PRECISA OPORTUNIZAR O DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE E SER ÉTICA, DIALÓGICA E INCLUSIVA.

O engajamento do adolescente é construído quando as práticas pedagógicas dialogam com o contexto de vida dele, e isso vale também para os processos de avaliação. Desse modo, é importante construir e mostrar para o estudante que ele está sendo avaliado de forma justa, transparente e respeitosa, com a utilização de diferentes instrumentos (dando a ele, assim, diversas oportunidades de sistematizar e de comunicar suas aprendizagens). Principalmente, é importante que ele perceba que a avaliação é um processo para ajudá-lo a aprender, e não uma medida ligada a julgamentos, a categorização e lógicas de punição.

A avaliação formativa, nesta perspectiva...

É fundamentada em diálogo e compromisso mútuo. Parte do pressuposto de que não pode haver imposição, arbitrariedade e incoerência nas práticas de avaliação, que devem ser explicitadas, dialogadas e negociadas. A perspectiva é de transparência e de compromisso recíproco: o professor apresenta à turma os objetivos de ensino e as atividades previstas para alcançar tais objetivos. Também explica e dialoga sobre o que será avaliado e por quais meios. E, o mais importante, dá constantes feedbacks aos estudantes, discutindo com eles as estratégias a serem adotadas frente aos desafios e potencialidades verificados nos processos avaliativos.

É uma medida de equidade. É importante ter em vista que desigualdades de gênero, raça e classe se expressam nas trajetórias de aprendizagem, e que essas desigualdades se aprofundam ao longo do percurso da Educação Básica, tornando-se agudas nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Ou seja: as desigualdades têm maior impacto junto aos adolescentes

e jovens, e são mais graves para pessoas negras, para indígenas e para outros grupos sociais que enfrentam barreiras no acesso a direitos, como as pessoas com deficiência. A avaliação formativa possibilita ao professor aprofundar-se sobre a trajetória de cada adolescente e planejar as melhores estratégias de aprendizado para todos.

É essencial para o desenvolvimento da autonomia. A avaliação formativa possibilita que o estudante tome consciência de seu processo de aprendizagem, identificando suas potencialidades e dificuldades, ampliando seu autoconhecimento e autoconfiança, valorizando o aprendizado e, assim, fortalecendo a construção de sua autonomia.

Fomenta a autorregulação da aprendizagem. Ao tomar consciência de suas aprendizagens e tendo a oportunidade de avaliar seu processo de forma contínua, o estudante passa a ver mais sentido nas diferentes atividades escolares e a assumir mais responsabilidades e protagonismo. Consegue desenvolver estratégias próprias que apoiam a autorregulação da aprendizagem. Práticas de avaliação formativa permitem ao estudante aprender a organizar, monitorar e avaliar o seu aprendizado, bem como a buscar meios de estudar de forma mais eficaz e com mais resultados de aprendizagem. Nesse caminho, é interessante que ele seja orientado a utilizar processos cognitivos, metacognitivos e emocionais. O quadro a seguir exemplifica esses processos de forma prática.

PROCESSOS	AÇÃO	EXEMPLOS DE ATIVIDADES
Cognitivos	Facilitam o processo de aquisição de conhecimento.	Sublinhar, fazer resumos, montar mapas conceituais, elaborar perguntas, escrever relatórios.
Metacognitivos	Promovem a reflexão sobre as melhores formas de adquirir o conhecimento.	Planejar e monitorar o aprendizado, organizar o ambiente de estudo, desenvolver planos semanais.
Emocionais	Criam aceitação e empatia.	Trabalhar em grupo, debater, participar de jogos e gincanas, cuidar do espaço coletivo.

Elaborado por GERALDI e PADILHA (2022), com base em ZIMMERMAN, 2000; GANDA; BORUCHOVITCH, 2018.

O aprendizado autorregulado se dá em três etapas, de grande importância, descritas na imagem abaixo. Por meio dele, o aluno consegue enxergar o seu papel ativo durante o aprendizado, pois está continuamente monitorando os próprios processos e reformulando estratégias, na busca de seus objetivos.

APRENDIZADO AUTORREGULADO**AONDE ESTOU INDO?****FIXAÇÃO DE METAS E OBJETIVOS****ONDE ESTOU AGORA?****MONITORAMENTO DAS METAS****COMO EU CHEGO LÁ?****REVISÃO DOS PROCEDIMENTOS PARA ALCANÇAR AS METAS E, SE NECESSÁRIO, ALTERAR OS OBJETIVOS**

Fonte: GERALDI e PADILHA (2022).

**A ESCOLA DOS E PARA OS ADOLESCENTES...**

- Compreende a avaliação como um instrumento de promoção da aprendizagem. Para essa escola, avaliar é uma atividade em que o professor estabelece uma parceria e um diálogo com os adolescentes para acompanhar a aprendizagem de cada um e desenvolver as melhores estratégias para continuar avançando nessa trajetória.
- Desenvolve estratégias de avaliação que fazem parte do cotidiano escolar e estão conectadas com as características mais significativas da adolescência. Construídos com e para o adolescente, os procedimentos de avaliação adotados são, assim, múltiplos, dialogados, interativos, participativos, desafiadores e criativos.
- Atua pela promoção da equidade, da diversidade e da inclusão: A equipe escolar transforma seu modo de avaliar, para que a avaliação seja ética, justa e promova a inclusão. Dirige seus esforços à superação da concepção de avaliação como instrumento punitivo, discriminatório e fonte de rótulos e estereótipos que reduzem os estudantes a bem ou mal-sucedidos.
- Investe na criação de instrumentos de autoavaliação que possam ser utilizados tanto por professores quanto por estudantes.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA DE INICIATIVAS CIDADÃS. **Formação em Educação Inclusiva - Caderno de Atividades.** Belo Horizonte: AIC, 2020.

AMARAL, Ana Luiza Neiva, & GUERRA, Leonor Bezerra. **Neurociência e educação: olhando para o futuro da aprendizagem.** Brasília: SESI/DN, 2022. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/24/33/24331119-5631-42c0-b141-9821064c820c/neurociencia_e_educacao_2022.pdf. Acesso em 7 jun. 2023.

ANDRADE, Julia Pinheiro. **Aprendizagens visíveis: experiências teórico-práticas em sala de aula.** São Paulo: Panda Educação, 2021.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Porto Alegre: Penso, 2017.

BELLUZZO JUNIOR, Walter; GREMAUD, Amaury Patrick; NICOLELLA, Alexandre Chibebe; OLIVEIRA, Roberto Guena de; SCORZAFAVE, Luiz Guilherme Dácar da Silva; SOARES, Tufi Machado. **A relação entre o abandono escolar no Ensino Médio e o desempenho no Ensino Fundamental.** Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/a-relacao-entre-o-abandono-escolar-no-ensino-medio-e-o-desempenho-no-ensino-fundamental,-779d9053-69f8-46f0-936d-cd1d9cc71404>. Acesso em 10 jul. 2023.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores.** Psicologia Escolar e Educacional, Vol 11, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkJzRzQ5YgbmhcnkKzVq3x/#>. Acesso em 10 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 7 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Indígena.** Brasília: MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18692-educacao-indigena#:~:text=Parecer%20CNE%2FCEB%20n%C2%BA%2013%2F2012%2C%20aprovado%20em%2010%20de,para%20a%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Escolar%20Ind%C3%ADgena%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20B%C3%A1sica>. Acesso em 7 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Brasília: MEC, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em 7 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 1, 1996. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 7 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em 28 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 28 out. 2023.

BRASIL. Normas sobre Computação na Educação Básica - Complemento à BNCC - Resolução CNE-CEB- n. 1 de 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-1-de-4-de-outubro-de-2022-434325065>. Acesso em 7 jun. 2023.

CENTRO LEMANN DE LIDERANÇA PARA EQUIDADE NA EDUCAÇÃO. **Equidade na Educação**. Conceitos, indicadores, reflexões e histórias sobre o fundamental desafio de buscar uma Educação mais justa para todas e todos. Disponível em: https://admin.centrolemann.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Revista-Equidade_digital.pdf. Acesso em 7 jun. 2023.

COSTA, Antonio Carlos G. da. **Encontros e Travessias**: o adolescente diante de si mesmo e do mundo. São Paulo: Instituto Ayrton Senna, 2001.

_____. **A Presença da Pedagogia - Teoria e Prática da Ação Socioeducativa**. São Paulo: Global, 1999.

_____. **Presença educativa**. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

_____. **O professor como educador: um resgate necessário e urgente**. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

DANTAS, Lys M. V. & PENIN, Sonia T. **Sexto ano, transições e participação: diagnóstico e intervenção no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, Pojuca, Bahia**. Sumário executivo - projeto 162 pesquisa 1ª modalidade, 2022. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2022/04/pesquisa-itau-social-anos-finais-162.pdf>. Acesso em 14 jun. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação** [on-line]. 2003, n.24, pp. 40-52.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRO, Hugo Monteiro. **A geração do quarto: Quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar**. Editora Record. 2022.

FUNDAÇÃO LEMANN. **Excelência com equidade**. Os desafios dos anos finais do Ensino Fundamental. Disponível em: <https://fundacaolemann.org.br/storage/materials/u3Lvuynoj0hiGvXUGJ-nHPpsLM76aZ6fqLgTYL27F.pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

GARDNER, Howard. Abordagens múltiplas à inteligência. In: ILLERIS, Knud (Org.). **Teorias contemporâneas da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GÜROĞLU, Berna. The power of friendship: The developmental significance of friendships from a neuroscience perspective. **Child Development Perspectives**, Volume 16, Issue 2, mar-2022, p.110-117. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/cdep.12450>. Acesso em 7 jun. 2023.

HATTIE, John. **Aprendizagem visível para professores: como maximizar o impacto da aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2017.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

ILLERIS, Knud (org.). **Teorias Contemporâneas da Aprendizagem**. Porto Alegre: Penso, 2013.

INSPIRARE. **Curículos e Práticas Pedagógicas**. Projeto Faz Sentido - Ensino Fundamental II. Inspirare, Instituto Unibanco, Fundação Telefônica, Tellus, LABI e MEL, 2016.

_____. **Adolescentes**. Projeto Faz Sentido - Ensino Fundamental II. Inspirare, Instituto Unibanco, Fundação Telefônica, Tellus, LABI e MEL, 2016.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e devagar duas formas de pensar [recurso eletrônico]**: Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LEAL, Álida Angélica Alves; LIMA, Gerson Diniz e REIS, Juliana Batista dos. **(Re)pensando os territórios: o pedaço, a rua e as culturas juvenis**. In: JUVIVA - Curso de atualização EJA e Juventude Viva. Belo Horizonte: Observatório da Juventude da UFMG, 2014.

LOUZADA, Fernando & RIBEIRO, Sidarta (texto-base). **Fatores fisiológicos que influem sobre a educação** - Documento temático 1. Rede Nacional de Ciência para Educação, 2016. Disponível em: <https://cienciaparaeducacao.org/wp-content/uploads/2016/12/Conte%C3%BAdo-Livreto-1.compressed-1.pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

MIRANDA, Débora M. de & MALLOY-DINIZ, Leandro F. (org). **O Adolescente**. São Paulo: Hogrefe, 2021.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?**. Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2010. Aceito para publicação, Qurrículum, La Laguna, Espanha, 2012. Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em 10 jul. 2023.

_____. MOREIRA, M. A. & MASINI, E. A. F. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/191-aprendizagem-significativa-breve-discussao-acerca-do-conceito#:~:text=A%20aprendizagem%20significativa%20ocorre%20quando%20uma%20nova%20ideia%20se%20relaciona,novos%20significados%20a%20seus%20conhecimentos>. Acesso em 26 jul. 2023.

NOVA ESCOLA. **O que é educação antirracista.** Publicação on-line (26 out. 2020). Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/19855/o-que-e-educacao-antirracista>. Acesso em 31 ago. 2023.

OAKLEY, Barbara. **Aprendendo a aprender.** Como ter sucesso em matemática, ciências e qualquer outra matéria (mesmo se você foi reprovado em álgebra). Tradução de Alexandre de Azevedo Palmeira Filho. São Paulo: Infopress Nova Mídia, 2020.

PWC BRASIL; INSTITUTO LOCOMOTIVA. **O abismo digital no Brasil-** Como a desigualdade de acesso à internet, a infraestrutura inadequada e a educação deficitária limitam nossas opções para o futuro. 2022. Disponível em: https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/O_Abismo_Digital.pdf. Acesso em 7 jun. 2023.

RESNICK, Mitchel. **Jardim de Infância para a vida toda:** por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos. Porto Alegre: Penso, 2020.

SERRES, Michel. **Polegarzinha** - Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SIEGEL, Daniel J. **Cérebro Adolescente:** o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: nVersos, 2016.

SOARES, José F.; ALVEZ, Maria Teresa G.; FONSECA, José A. Trajetórias educacionais como evidência da qualidade da educação básica brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.38, 1-21. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/9ZRM8LBTqQMHDQNJDwjQZ-Q/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **O papel do pediatra na prevenção do estresse tóxico na infância (Manual de Orientação).** Rio de Janeiro: SBP, 2017. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2017/06/Ped.-Desenv.-Comp.-MOrient-Papel-pediatra-prev-estresse.pdf. Acesso em 10 jul. 2023.

STEFFEN MUNSBERG, J. A.; FERREIRA DA SILVA, G. Interculturalidade na perspectiva da descolonialidade: possibilidades via educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara**, v. 13, n. 1, p. 140-154, 2018.

STEINBERG, Laurence D. **Age of Opportunity: Lessons from the New Science of Adolescence.** Boston-New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2014.

TEIXEIRA, Daniel. **De “menor” a “criança”: menoridade negra, infância branca e genocídio.** São Paulo: CEERT, 2016. Disponível em: https://media.ceert.org.br/portal-4/pdf/pdf_publicacoes/20221116180636637526ac3f25b-de-menor-a-crianca.pdf. Acesso em 7 jun. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anos Finais do Ensino Fundamental.** Recomendações de políticas educacionais para governos estaduais e federal. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/11/educacao-ja-2022-anos-finais-do-ensino-fundamental.pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

_____. **Educação Já 2022** – Contribuições para a Construção de uma Agenda Sistêmica na Educação Básica Brasileira. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/04/educacaoja2022-abril02-todospelaeducacao.pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

_____. **Equidade Étnico-Racial na Educação. Recomendações de políticas de equidade étnico-racial para governos estaduais e federal.** Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/12/educacao-ja-2022-equidade-etnico-racial.pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

TOGNETTA, Luciene R. P. & VINHA, Telma, P. **É possível superar a violência na escola?** São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

UNESCO. **Reimaginar nossos futuros juntos. Um novo contrato social para a educação.** Brasília: Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>. Acesso em 7 jun. 2023.

UNICEF Office of Research - Innocenti (2017). **The Adolescent Brain: A second window of opportunity**, UNICEF Office of Research - Innocenti, Florence. Disponível em: <https://www.unicef-irc.org/publications/933-the-adolescent-brain-a-second-window-of-opportunity-a-compendium.html>. Acesso em 7 jun. 2023.

WIGGINS, Grant & MC TIGHE, Jay McTighe. **Planejamento para a Compreensão: Alinhando Currículo, Avaliação e Ensino por Meio da Prática do Planejamento Reverso.** Porto Alegre: Penso, 2019.

YOUNG, Michael F. D. Para que servem as escolas? **Revista Educação & Sociedade**, v.28, n.101, set/dez,2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GshnGtmcY9NPBfsPR5HbfjG/?format=pdf>. Acesso em 7 jun. 2023.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Métodos para ensinar competências.** Porto Alegre: Penso, 2020.



REFERENCIAL PEDAGÓGICO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

IDEALIZAÇÃO



Instituto
Sonho
Grande

INSTITUTO
gesto vetor BRASIL



FUNDAÇÃO
Lemann

